

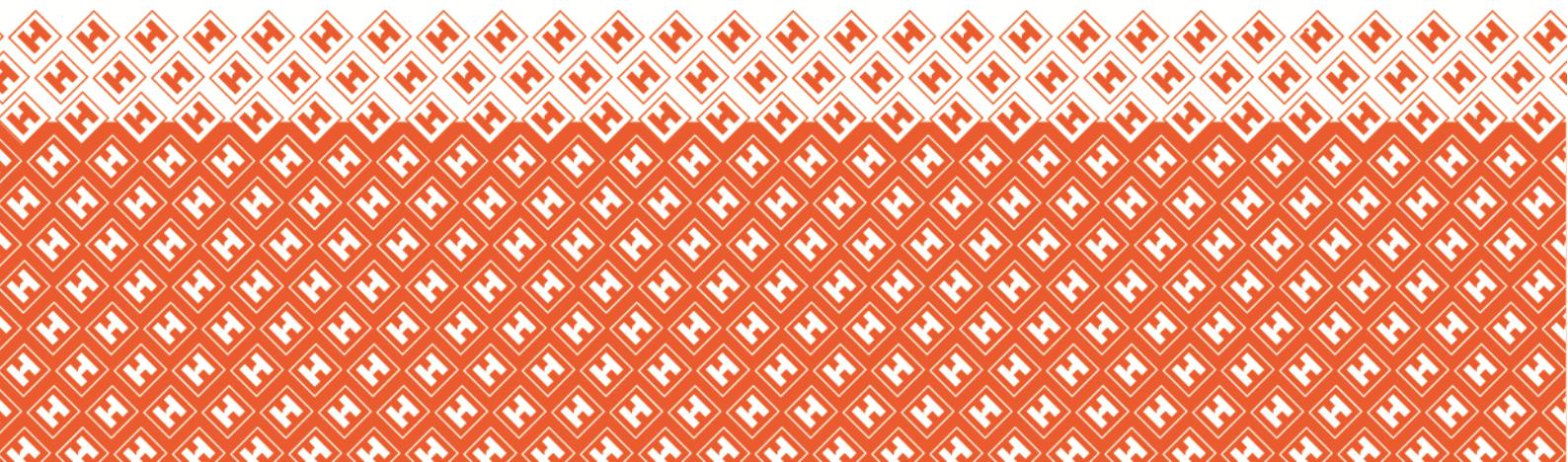


EVA SIMONE DE OLIVEIRA

**MEMORIAL ÁGUA DA FONTE:
RELIGIOSIDADE POPULAR E
DEVOÇÃO AO MONGE JOÃO MARIA
NO MUNICÍPIO DE FAROL-PR
(NARRATIVAS E PRODUÇÃO
AUDIOVISUAL)**

Universidade Estadual do Paraná – Unespar

Agosto / 2020



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ
CAMPUS DE CAMPO MOURÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA
NÍVEL DE MESTRADO PROFISSIONAL – PROFHISTÓRIA**

EVA SIMONE DE OLIVEIRA

**MEMORIAL ÁGUA DA FONTE:
ARELIGIOSIDADE POPULAR E DEVOÇÃO AO MONGE JOÃO DE
MARIA NO MUNICIPIO DE FAROL - PR
(NARRATIVAS E PRODUÇÃO AUDIOVISUAL)**

**CAMPO MOURÃO – PR
2020**

EVA SIMONE DE OLIVEIRA

**MEMORIAL ÁGUA DA FONTE:
ARELIGIOSIDADE POPULAR E DEVOÇÃO AO MONGE JOÃO DE
MARIA NO MUNICIPIO DE FAROL - PR
(NARRATIVAS E PRODUÇÃO AUDIOVISUAL)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Ensino de História, nível de Mestrado Profissional,
da Universidade Estadual do Paraná (Unespar), como
requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Área de Concentração: Ensino de História
Orientador: Dr. Michel Kobelinski

**CAMPO MOURÃO – PR
2020**

Ficha de identificação da obra elaborada pela Biblioteca
UNESPAR/Campus de Campo Mourão

O48m

Oliveira, Eva Simone de
Memorial água da fonte: religiosidade popular e devoção ao Monge João Maria no Município
de Farol-PR, (narrativas e produção audiovisual). / Eva Simone de Oliveira.- Campo Mourão, PR
: UNESPAR, 2020.

97 f. : il.; Fotos; Color.

Orientador: Dr. Michel Kobelinski.
Dissertação (Mestrado Profissional – Área de concentração – Ensino de História) –
UNESPAR - Universidade Estadual do Paraná.
Programa Pós-Graduação em Ensino de História (PROFHISTÓRIA).

1. História-Estudo-Ensino. 2. Religiosidade. 3. Patrimônio Público. I. Kobelinski, Michel
(orient). II. Universidade Estadual do Paraná–Campus Campo Mourão, PR. III. UNESPAR. IV.
Campo Mourão. V. Título.

CDD 21.ed. 907
269.2

EVA SIMONE DE OLIVEIRA

**MEMORIAL ÁGUA DA FONTE:
ARELIGIOSIDADE POPULAR E DEVOÇÃO AO MONGE JOÃO DE
MARIA NO MUNICIPIO DE FAROL - PR
(NARRATIVAS E PRODUÇÃO AUDIOVISUAL)**

BANCA EXAMINADORA

Dr. Michel Kobelinski – ProfHistória/Unespar, União da Vitória

Dr. Delton Aparecido Felipe – UEM, Maringá

Dr. Helvio Alexandre Mariano – Unicentro, Guarapuava

Data de Aprovação

____/____/_____

Campo Mourão – PR

Dedico este trabalho a meu pai, Antônio de Oliveira “In memoriam” pois sem ele este trabalho e meus sonhos não se realizariam. À minha família, em especial minha mãe, por toda dedicação, carinho e paciência nessa caminhada. Aos amigos e amigas, aos meus alunos e alunas, por toda troca de conhecimento ao longo desse processo.

AGRADECIMENTOS

“Aqueles que passam por nós, não vão sós, não nos deixam sós.
Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós.” (Antoine de Saint – Exupéry).

Agradeço primeiramente a Deus pela oportunidade de realizar mais um dos meus sonhos. Aos professores, equipe pedagógica, funcionários e alunos das escolas Darcy Costa e Novo Horizonte que vivenciam comigo todas as fases dessa nova etapa da minha vida. Aos meus diretores Osmar Alves Ferreira e Renato Corrêa do Colégio Estadual do Darcy José Costa e a diretora Sandra Regina Alves do Colégio Estadual Novo Horizonte pelo apoio, compreensão e por me auxiliarem nesse processo. Aos professores e alunos do mestrado de História, com os quais estabeleci laços de amizade, e com os quais compartilhei muitos momentos de alegria e descontração. Ao professor Diego Melo, pelo apoio, troca de ideias e a contribuição com fotografias e materiais, livros que foram essenciais para composição desta pesquisa. Aos meus amigos e amigas que estiveram comigo nessa caminhada, trocando experiências, discutindo textos ou simplesmente me apoiando, em especial a Franciele Renata Guimarães, Alini Guimarães, Luciene da Cruz, Austin de Assis, Pedro Henrique Caires de Almeida, Bruna Gisele Vieira, Maria Benedita, Eleandra Maria Kemerley, Sirlene de Fátima de França Oliveira, Andreia Albuquerque e Marlus Gomes Pereira. À minha família, em especial a minha avó Zoraide fonte inspiradora dessa pesquisa, a minha mãe e a minha sobrinha Maria Vitória que nos momentos mais difíceis sempre tinham uma palavra de conforto e incentivo. Ao meu orientador, professor Dr. Michel Kobelinski, sou imensamente grata por compartilhar seus conhecimentos comigo, por sua disponibilidade mesmo em período de férias, seus incentivos foram importantes para a continuidade dos estudos. Agradeço sua enorme paciência comigo e pela oportunidade por desenvolver esta pesquisa. A todas as pessoas, que de forma direta ou indireta me ajudaram, deixo aqui a minha mais profunda gratidão e respeito.

EPÍGRAFE

O que as pessoas contam tem uma história que suas palavras e ações trazem [...]; uma história que explica por que usam as palavras que usam, dizem o que dizem e agem como agem. [...] Suas afirmações não são simplesmente declarações sobre a “realidade”, mas comentários sobre experiências do momento, lembranças de um passado legado por precursores e antecipações de um futuro que desejam criar. Emília Viotti da Costa (1998: 15)

RESUMO

OLIVEIRA, Eva Simone. Memorial Água da Fonte: Religiosidade Popular e devoção ao Monge João de Maria no Município de Farol – PR (Narrativas e Produção Audiovisual). 97 f. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Ensino de História – Mestrado Profissional. Universidade Estadual do Paraná, Campus de Campo Mourão. Campo Mourão, 2020.

Resumo: A provável passagem pela cidade de Farol – PR do “monge das águas santas e das curas milagrosas”, o qual se insurgiu contra a igreja, desde fins do século XIX, e contra o estado, durante a Guerra do Contestado (1912-1916) e, cuja vida nômade foi do Brasil aos desertos dos Estados Unidos, é imbuída de mistérios e de muitas narrativas populares, que podem ser exploradas em uma aula de história. A devoção popular a João Maria no referido município levou-nos a estudar a provável passagem e permanência por algum tempo no Memorial Água da Fonte, observando comportamentos e manifestações que fazem da localidade um local sagrado para o povo. Como se trata de um assunto complexo não é nosso objetivo aprofundar esse estudo. Nosso objetivo é a elaboração de um material audiovisual dedicado ao ensino de história explorando a história do monge em Farol. Construindo um trabalho a partir da junção de história local, narrativas, autobiografia, religiosidade popular, mídias digitais e cinema, e no conceito de lugar social do historiador francês Michel Certeau, formatando um produto de linguagem cinematográfica a partir da junção da narrativa com a fotografia. Apresentando as práticas pedagógicas atuais, a fim de refletir o Ensino de História, o papel do historiador e do professor de história no processo de ensino e aprendizagem, levantando um debate de como as práticas pedagógicas são escolhas que refletem o lugar social do historiador/professor, e como as narrativas e as mídias digitais podem ser incorporadas às práticas pedagógicas. Refletindo também o conhecimento histórico produzido e a possibilidade de usá-lo como elemento ou recurso pedagógico na produção audiovisual nas aulas de história, além de produção documental própria sobre o tema. A junção de narrativa e fotografia na construção do curta-metragem reflete o olhar da pesquisadora sobre o objeto de estudo.

Palavras-chave: Ensino de História, Religião Popular, Devoção, Patrimônio, Mídias Digitais, História Cultural das Sensibilidades.

ABSTRACT

Abstract: The probable passage through the city of Farol - PR of the “monk of holy waters and miraculous cures”, which rebelled against the church, since the end of the 19th century, and against the state, during the Contestado War (1912-1916) and whose nomadic life went from Brazil to the deserts of the United States, it is imbued with mysteries and many popular narratives, which can be explored in a history class. The popular devotion to João Maria in that municipality led us to study the probable passage and permanence for some time at the Água da Fonte Memorial, observing behaviors and manifestations that make the location a sacred place for the people. As it is a complex subject, it is not our objective to deepen this study. Our goal is to create an audiovisual material dedicated to teaching history exploring the history of the monk in Farol. Building a work from the junction of local history, narratives, autobiography, popular religiosity, digital media and cinema, and in the concept of social place of the French historian Michel Certeau, formatting a cinematographic language product from the junction of narrative with photography . Presenting current pedagogical practices in order to reflect History Teaching, the role of the historian and the history teacher in the teaching and learning process, raising a debate on how pedagogical practices are choices that reflect the social place of the historian / teacher , and how narratives and digital media can be incorporated into pedagogical practices. Also reflecting the historical knowledge produced and the possibility of using it as a pedagogical element or resource in audiovisual production in history classes, in addition to its own documentary production on the subject. The combination of narrative and photography in the construction of the short film reflects the researcher's view of the object of study.

Keywords: History Teaching, Popular Religion, Devotion, Heritage, Digital Media, Cultural History of Sensitivities.

LISTAS DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Fotografia do Monge.....	39
Figura 2 - Localização da Mesorregião Centro Ocidental Paranaense.....	48
Figura 3 - Mapa de localização do Memorial Água da Fonte.....	50
Figura 4 – Fotografia do Memorial Água da Fonte	50
Figura 5 – Fotografia da Inauguração do Centro de Romeiros	52
Figura 6 – Fotografia Fachada Lateral – UNESPAR/ União da Vitória..	62
Figura 7 – Formulário para registro de obra intelectual ou artística – Escritório de Direitos Autorais – Ministério da Cidadania.....	66
Figura 8 – Imagem do Programa Vegas 15. Programa de Edição de Curta- Metragem	67
Figura 9 - Imagem do Qr Code da Pesquisa de Opinião Pública e Gráfico demonstrativo com dados da Pesquisa de Opinião Pública.....	69

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1: NARRATIVAS E PRÁTICAS DOCENTES NO ENSINO DE HISTÓRIA	20
1.1 Narrar a História, o local e a comunidade..	21
1.2 Narrativas, autobiografia e práticas docentes.....	29
CAPÍTULO 2: NARRATIVAS SOBRE O MONGE JOÃO MARIAA E SOBRE O MEMORIAL ÁGUA DA FONTE (FAROL-PR)	36
2.1 O Memorial Água da Fonte	47
CAPÍTULO 3: NARRATIVAS DIGITAIS E APRESENTAÇÃO DO PRODUTO AUDIVISUAL.....	54
3.1 Cinema e história: as produções audiovisuais como recurso didático	55
3.2 Curta-metragem: Memorial Água da Fonte: Religiosidade Popular e Devoção.....	60
CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
REFERÊNCIAS	75
FONTES	81
ANEXOS	82

INTRODUÇÃO

A ideia de analisar a passagem do Monge João Maria pela cidade de Farol – PR e o patrimônio denominado Memorial Água da Fonte, junto ao desenvolvimento de um produto que possa ser utilizado em sala de aula surgiu das muitas narrativas que ouvi ao longo da minha vida, principalmente de minha avó materna durante a infância. Os relatos abrangiam histórias de curas e milagres realizados por um certo monge, chamado João Maria, o qual teria transitado pela área rural do referido município. Nesses relatos, o monge sempre era retratado como uma figura mística e misteriosa.

Em minhas buscas sobre a história do Memorial Água da Fonte Profeta João Maria de Jesus e sobre o monge João Maria fui me deparando com outras histórias acerca de curas e milagres, atribuídas ao monge e às águas desta localidade. Constatei que a antiga fonte d'água se transformou em lugar de devoção, a qual teve aporte na infraestrutura por meio do poder público municipal. Devido à importância que atribuí a esta temática no bacharelado em Turismo e Meio Ambiente, elaborei uma proposta de revitalização para aquele lugar, visando ao desenvolvimento da atividade turística.¹

Há uma relação com o sagrado que envolve uma possível passagem do Monge João Maria pela referida localidade e pela cidade de Farol. Lá, consolidaram-se alguns elementos da religiosidade popular, por meio da qual João Maria se consagrou como o “monge das águas santas e das curas milagrosas”. Em termos históricos, sabe-se que ele se insurgiu contra a igreja, desde fins do século XIX, e contra o estado, durante a Guerra do Contestado (1912-1916), cuja vida nômade foi do Brasil aos desertos dos Estados Unidos.

A historiografia brasileira trata da figura mística do monge João Maria, bem como suas pregações, benzimentos, curas e deslocamento pelo território paranaense e americano, a qual também marcou parte do imaginário social.² No entanto, sua provável passagem pela cidade de Farol e o imaginário coletivo que o envolvem não foram suficientemente estudadas.

¹ OLIVEIRA, Eva Simone de. **Turismo Religioso:** A religiosidade popular como possibilidade de desenvolvimento da atividade turística. (Trabalho de conclusão de curso, nº 43 páginas). Campo Mourão: Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão, 2007.

² O imaginário social é composto por um conjunto de relações imagéticas que atuam como memória afetivo-social de uma cultura, um substrato ideológico mantido pela comunidade. Trata-se de uma produção coletiva, já que é o depositário da memória que a família e os grupos recolhem de seus contatos com o cotidiano. Nessa dimensão, identificamos as diferentes percepções dos atores em relação a si mesmos e de uns em relação aos outros, ou seja, como eles se visualizam como partes de uma coletividade. MORAES, Denis. **Imaginário social e hegemonia cultural.** Jul./2012. **Fonte:** Especial para *Gramsci e o Brasil*. Disponível em: <https://www.acessa.com/gramsci/?page=visualizar&id=297>. Acesso: 28/06/2019.

E, de fato, isso justifica o presente estudo, que leva em conta a fusão entre elementos materiais (lugar de fé, culto ou meditação, cachoeira, rio, objetos pessoais e infraestrutura) e imateriais (fé, devoção, romarias, cantos, rituais religiosos, etc.), somados à consagração das fontes d'água ou simplesmente olhos d'água, a qual resultou na idealização do Memorial Água da Fonte Profeta João Maria de Jesus e sua vinculação ao turismo religioso intermunicipal (edições da Rota da Fé). A relação entre os elementos materiais e imateriais, objetivos e subjetivos, reforçam não apenas as marcas memoriais e históricas da passagem do monge João Maria pelo estado do Paraná, mas também estabelecem certa reciprocidade com a memória coletiva de caráter místico-religiosa que se materializou através das muitas histórias que correm de boca em boca

A memória surge das lembranças individuais e coletivas. Constitui-se como meio de trazer novamente à tona o que foi vivido em um determinado tempo. A história é a análise crítica do passado, um estudo realizado no presente que se debruça sobre o passado, que vai além da “restauração” de memórias, e tem como princípio a problematização e a crítica das fontes. Há, neste caso, o uso de teorias, conceitos e metodologias variadas para interpretar o passado. Entre as funções da história está à organização sistemática do passado, a ordenação do tempo da vida humana em suas vinculações no espaço e no tempo. A memória dá voz às experiências vividas, a história problematiza essas vivências, sendo que ambas podem ser utilizadas na reflexão sobre a história e seus objetos.

Neste sentido, cabe ao historiador a tarefa de saber ouvir e observar como a oralidade se expressa nas experiências humanas, nas atitudes, nos hábitos, nos costumes e nas tradições. Isso porque a pessoa que narra é portadora de uma memória situada no tempo e no espaço, fonte da experiência de vida. Nossa desejo não foi apenas refletir pluralidades repletas de significações. Nestas manifestações míticas que se misturam à religiosidade oficial, procuramos dar voz e visibilidade à opinião pública, às expressões da fé, às relações com o sagrado, às crenças, aos ritos, ao sincretismo e às relações comunitárias com o sobrenatural. Ao valorizamos as manifestações da religiosidade popular, sob a ótica do ensino de história e das narrativas, expressamos nossa intenção em valorizar e preservar parte do imaginário religioso e patrimonial no interior do estado do Paraná.

Logo, entendemos que as relações entre história e memória são dialéticas, uma vez que se aproximam e se distanciam. Temos ciência dos desafios relacionados à reflexão, investigação, elaboração e difusão de narrativa textual e imagética. Além disto, é claro, temos ciência das limitações de nossa interpretação. Ao pensar nas aulas de história como um imenso campo de possibilidades, o trabalho pautado nestas narrativas construídas contribui de

maneira significativa para aproximarmos os alunos de uma temática rica e valiosa, que desperta determinados valores presentes na comunidade e no meio social, os quais merecem nossa atenção.

Neste contexto, vale ressaltar que o estudo do patrimônio cultural promove a valorização e o compartilhamento das coisas que são comuns à comunidade, e que abrangem elementos naturais, etnográficos, históricos e artísticos. Valorizamos os elementos imateriais, os lugares, as formas de expressão, as celebrações e os saberes. E, de fato, tudo aquilo que é produzido pelos homens, o que os une como sociedade e constitui suas identidades se estabelecem através de enlaces memoriais, históricos e culturais, abrangendo o material e o imaterial, os quais não podem ser estudados de forma independente.³

A cidade de Farol e o *Memorial Água da Fonte* são espaços de devoção e sacralidade, cujas narrativas se constituíram como objeto de estudo, objeto de ensino e objeto de produção audiovisual. Estes elementos chamaram nossa atenção e permitiram articular histórias de vida com o ensino de história, tendo como ponto de partida os estudos autobiográficos. Uma vez que o texto do roteiro é uma construção que reflete o conhecimento acadêmico e as experiências de vida da autora. Ao mesmo tempo que por meio destes elementos é possível pensar tanto a experiência docente, quanto as experiências dos alunos na aquisição do conhecimento pela narrativa de si. Não há aqui o intuito de aprofundar os estudos sobre autobiografia, mas o demonstrar que essa possibilidade existe e pode ser trabalhada em uma pesquisa, bem como em sala de aula.

Em relação à pesquisa temática, enfatizamos que o aprofundamento historiográfico será limitado em razão da natureza da abordagem. Igualmente, o aprofundamento historiográfico deverá vir à tona em outro momento. A contextualização temática e a forma de refletir e produzir material audiovisual foi direcionada para professores de história, alunos e comunidade. Entendemos que aquisição do conhecimento pelo aluno, especialmente por meio da narrativa sobre si, deve ser refletida pelos professores. As narrativas docentes revelam processos próprios de (auto)formação, os quais devem ser voltados à produção do conhecimento histórico em sala de aula e, ao mesmo tempo, devem cumprir o seu papel social mediante a difusão deste conhecimento ao público em geral.

³ A noção de patrimônio evoca dimensões múltiplas da cultura, que vai além das edificações e engloba o passado vivido, e também a memória. CHOAY, Françoise. A alegoria do patrimônio. São Paulo: Unesp, 2001, p.11.

Os “lugares da memória” - A distinção entre história e memória. Nora, Pierre. Entre memória e história. A problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo: PUC, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

Desenvolver uma pesquisa que envolve elementos como história, memória, autobiografia, patrimônio e religiosidade popular não foi uma tarefa fácil, até porque muitos destes conceitos não foram aprofundados nos debates teóricos realizados nos capítulos. Mas mesmo explorados de forma superficial foram essenciais para a composição desta pesquisa. Estes encadeamentos se mostraram instigantes, especialmente porquê despertaram de seu estado latente, desde os primeiros estudos na universidade. Agora eles puderam ser materializados e difundidos, na real expressão do termo *operação historiográfica*, consagrada pelo historiador Michel de Certeau.⁴

Por conseguinte, este direcionamento nos estimulou a estudar a história da cidade de Farol (PR) e os lugares de memória, isto é, os santuários, ou espaços em que se congregam e se manifestam práticas culturais coletivas, rituais devocionais e festividades religiosas, formas de expressão da fé vinculadas ao *Memorial Água da Fonte* e ao profeta João Maria de Jesus. Entendemos que ao pensarmos em nossa narrativa historiográfica sobre este tema e, inevitavelmente, em nossa narrativa docente dirigida à sala de aula, deveríamos elaborar, apesar das especificidades técnicas e teóricas no campo do gênero *documentário*, um produto audiovisual destinado ao público escolar e ao público em geral. Sem dúvida, este é o maior desafio que tivemos até este momento.

Foram muitas as dúvidas que surgiram a partir das experiências com a docência e com este tipo de pesquisa. Que metodologia utilizar? Que tipo de produto produzir? Como construir uma narrativa audiovisual atrativa, sem cair no reproduтивismo midiático? Enfim, foram muitos os questionamentos a fim de produzir um material direcionado a alunos e professores, refletindo a própria ação docente em sala de aula.

Entre os principais problemas que identificamos atualmente, há o fato de nossos alunos serem consumidores e produtores das mídias digitais. Em muitos casos, as produções, geralmente feitas com celulares, são desorganizadas e não são exploradas devidamente pelos professores. Estes por sua vez, aproveitando as tendências de usos dos recursos da internet, em especial do YouTube, bem como em outras plataformas digitais, podem conter vícios de uso e desatenção aos direitos autorais e mesmo em relação ao ofício do historiador. Portanto, dirigimos nossos esforços na discussão deste espinhoso tema, refletindo sobre o papel dos professores de história na produção audiovisual como instrumento de ensino e aprendizagem.

O caminho percorrido para chegar até aqui foi longo e cheio de mudanças. No decorrer da pesquisa de campo várias visitas foram realizadas na cidade de Farol e no Memorial Água

⁴ CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

da Fonte para coleta de dados, informações e imagens. Conversas informais com moradores mais antigos em eventos no Memorial foram estabelecidas, assim como várias conversas com Padre Paulo o pároco da cidade e com o professor Diego Melo pesquisador e morador de Farol, conversas estas que auxiliaram na produção do roteiro do audiovisual. Entre as muitas visitas realizadas a cidade, em uma delas fui acompanhada pelo orientador Michel Kobelinski e do professor Jorge Kulemeyer da Universidad Nacional de Jujuy da Argentina.

A ideia inicial era de desenvolver um trabalho com entrevistas, aproveitando as falas dos moradores para na produção do audiovisual. Mas trabalhando quarenta horas semanais, morando em uma cidade e o objeto de pesquisa estando localizado em outra cidade foi ficando impossível conciliar tudo, e foi inevitável que o projeto passasse por modificações. Essa readequação nos levou a optar em trabalhar com imagens, mas especificamente como fotografias. Algumas das fotografias que foram produzidas pela autora nas visitas a cidade foram usadas no documentário.

As imagens fotográficas estão entre os recursos mais utilizado em sala de aula por professores. Pensando nisso e considerando que a proposta de produto final desta pesquisa é um audiovisual, o uso das fotografias com o recurso de voz over foi à solução que encontramos para dar continuidade ao projeto. A voz over, também chamada de voz de Deus é um recurso utilizado em muitos documentários em que o narrador está ali contando uma sequencia de fatos sem estar ligado a cena.

Como o tema escolhido para produção do audiovisual trata-se de um tema complexo, não é objetivo desta pesquisa aprofundar os estudos sobre João Maria e sua provável passagem pelo Memorial Água da Fonte na cidade de Farol – PR. Nossa propósito é a elaboração de um material audiovisual dedicado ao ensino de história a partir desse objeto de estudo. Um material que vá de encontro com esse novo perfil de aluno, que está sempre que possível conectado a internet, e por isso a opção de trabalhar com as mídias digitais. E para encaminhar as referidas discussões propostas nesta dissertação, elaboramos três capítulos, articulados entre si.

O primeiro capítulo, refere-se às *Narrativas e Práticas Docentes no Ensino de História*. O nome do capítulo é uma referência ao roteiro que compõe o produto final deste trabalho, isto é, para que o documentário exista da forma como pensamos, foi construído um texto que reflete o olhar da autora sobre o objeto de estudo, neste caso, uma narrativa. A narrativa sobre o Monge João Maria e sua passagem por Farol é expressa através da escrita parte essencial do roteiro.

Neste capítulo também são tratados temas que envolvem o processo de ensino e de aprendizagem na disciplina de história e as práticas pedagógicas, observando-se o papel do professor na produção do conhecimento escolar, a partir do olhar de Michel de Certeau. O capítulo traz discussões que envolvem história oficial, história local,. Considerando o fato de qu Farol é uma pequena cidade do interior paranaense localizada na mesorregião Centro Ocidental Paranaense, em que a população vive basicamente da agricultura e que tem sua história entrelaçada com a historiografia paranaense na figura de João Maria. Aqui chamamos atenção para valorização da história das cidades, que no caso da cidade de Farol a historiografia local se interliga com a historiografia paranaense e nacional, chamando ainda mais atenção para o nosso objeto de estudo. Isto porque, pouco se sabe sobre a passagem do monge pela cidade, e considerando sua importância para historiografia paranaense, buscamos dar voz a essa história. Também concentrarmos aqui as discussões sobre ensino de história e práticas pedagógicas, apresentando trabalhos desenvolvidos por professores em sala de aula, como os do Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE que podem ser adaptados e realizados por outros professores em suas respectivas aulas.

No segundo capítulo, intitulado *Narrativas sobre o Monge São João Maria e sobre o Memorial Água da Fonte (Farol-Pr)*, refletimos sobre os temas materialidade e espiritualidade. Estudarmos a trajetória de Giovanni Maria de Agostini - mais conhecido na historiografia como o “monge” ou “profeta” João Maria de Jesus, suas andanças pelo Sul do Brasil, desde o Sul dos estados do Rio Grande Sul, passando por Santa Catarina e Paraná, Uruguai, Paraguai, até os Estados Unidos. Em relação à cidade de Farol, refletimos o local de devoção ao monge João Maria de Jesus, por intermédio da análise do Memorial Água da Fonte Profeta João Maria de Jesus, bem como suas vinculações com o turismo religioso. Apresentamos nesse capítulo trabalhos realizados em sala de aula sobre o monge e que reforçam a importância de valorizar a historiografia local em sala de aula.

No terceiro capítulo, denominado *Narrativas Digitais e Produção Audiovisual*, examinamos as relações entre cinema e história. Partimos da análise das produções audiovisuais com registro de determinada época, discutindo o lugar ocupado pelo cinema não apenas na representação do passado, mas também como fonte de pesquisa histórica, disseminador de valores, ideologias, realidade e ficção. Nesse capítulo ressaltamos a importância do cinema para o ensino de história e como recurso didático nas aulas de história, observando que o cinema como fonte histórica pode despertar novos olhares e conhecimentos sobre um determinado tema ou conteúdo. Apresentamos ainda nossa prática docente,

descrevendo os caminhos percorridos para confecção material audiovisual, isto é, documentário, o qual intitulamos: *Memorial Água da Fonte: religiosidade popular e devoção.*

CAPÍTULO 1

NARRATIVAS E PRÁTICAS DOCENTES NO ENSINO DE HISTÓRIA

Perceber-se no mundo
 Como autor, sujeito
 De uma história
 De um tempo
 De uma missão
 Caminhar atento
 E em contínuo movimento
 Contemplar a si e aos outros
 Em constante relação
 Fazer da sua ação
 A construção
 De sonhos e direções
 Que vislumbrem
 O novo sentido
 Da participação
 Estabelecer redes de conhecimento
 Que dão sentido à formação
 Da sua identidade
 Da sua profissão
 Professor.
 Gleyds Silva Domingos (2003)

A religiosidade, a memória e o patrimônio fazem parte do cotidiano da cidade de Farol – Pr. Elementos materiais e imateriais estão presentes nas conversas dos moradores da cidade e no imaginário religioso regional. Nessas narrativas, são valorizadas as curas por intermédio do uso da Água da Fonte do Memorial, cuja crença reforça suas supostas propriedades milagrosas e regeneradoras. Estas manifestações coletivas despertaram o interesse da população, de administradores públicos, do estado e de devotos pelo lugar e pelas crenças populares.

Essas narrativas entrelaçadas às simbologias, à sacralização do “Memorial e ao processo de turistificação do “Memorial Água da Fonte” abrem diversas possibilidades de estudos no campo educacional, tanto pela importância histórica do monge João de Maria de Jesus, figura importante na história paranaense e nacional, quanto pela compreensão de que a religião e a religiosidade fazem parte da cultura. É imprescindível, que em decorrência deste processo aglutinador que envolve religiosidade, patrimônio e turismo, as discussões em sala de aula também reflitam seus impactos na comunidade local, visando sua proteção e valorização de seus modos de ser e de fazer.⁵

⁵ De acordo com SWARBROOKE, J. Turismo sustentável: meio ambiente e economia. São Paulo: Aleph, 2000, p. 59, a ideia de “comunidade local” envolve o chamado turismo sustentável, o qual visa à proteção desta e de seu meio ambiente. (SWARBROOKE, 2000, p.59).

Neste sentido, reforçamos as palavras de Gleyds Silva Domingos, que abrem este capítulo, para sublinhar a necessidade de perceber o mundo, a nós mesmos e o processo educativo do qual fazemos parte. Neste primeiro momento, procuramos refletir as narrativas historiográficas sobre o ensino de história com o propósito de pensar a prática educacional e a produção do conhecimento histórico em sala de aula.

1.1 Narrar a História, o local e a comunidade

Inicialmente é preciso dizer que o misticismo em torno da passagem do monge pelo município de Farol-PR apresenta vários elementos que podem ser explorados nas aulas de história, envolvendo tanto narrativas direcionadas aos modos de ser e de fazer de uma comunidade, quanto a própria narrativa historiográfica. Aqui, atemo-nos à segunda perspectiva, uma vez que é a partir desta que construímos conhecimento e nos integramos a determinada corrente de pensamento e exercemos o nosso ofício.

Ao tratarmos do tema comunidades, temos ciência de que também falamos ou nos referimos à História Local. Ao ensinarmos, partimos da compreensão do local para inevitavelmente pensarmos suas conexões com o global. Neste esforço, que se torna mais complexo, à medida que ampliamos a escala de observação, o passado pode ser identificado de forma mais precisa em nosso cotidiano do que em outros lugares dos quais não fazemos parte. É imperativo reforçar a narrativa a partir desta especificidade teórico-metodológica, pois ela leva o aluno a identificar “[...] o passado sempre presente em vários espaços de convivências – escola, casa, comunidade, trabalho, lazer [...]” e a problematizar a própria vida ou existência (BITTENOURT, 2004, p. 168).

Porém, como a teoria em História Local não avançou muito nos últimos anos, o termo se tornou banal, além de parte das narrativas privilegiarem as práticas corriqueiras da História Tradicional. O que equivale dizer que a historiografia local não está imune à chamada história oficial, a qual geralmente dissemina em livros didáticos ou mesmo nas biografias urbanas, a valorização dos heróis, dos “pioneiros” e dos vencedores em detrimento das comunidades, as quais não se veem ali representadas.

É claro que a História Local também dá voz às histórias populares ou histórias do povo, ou por assim dizer, àquelas que correm de boca em boca e tratam das percepções, valores e atitudes de uma comunidade de determinado lugar. Nestes casos, a importância do estudo da história local se dá justamente na possibilidade de compreender as construções discursivas que levam às práticas de interpretação e escrita da história.

Nesta perspectiva, evocamos as concepções de Roger Chartier (1990) para reafirmá-las em nosso estudo sobre as manifestações religiosas de uma comunidade no interior paranaense, pois também entendemos que as representações do mundo social são elaboradas dentro dos próprios grupos sociais que o compõem e pela forma como seus integrantes compreendem o mundo.

Em Roger Chartier (1990), a ideia de representação social se desdobra em pertencimento social e, consequentemente, em narrativas que se disseminam e destacam leituras de mundo e de relações com ele. Estas, geralmente chegam à sala de aula de várias maneiras, seja através de versões da História Oficial, de histórias históricas populares, ou mesmo através de ambas. Notadamente, nem todas elas são objeto de atenção e estudo.

É importante sublinhar que a História Local faz parte da cultura escolar brasileira, desde o Brasil Império. Com ressalva às respectivas historicidades e aos distintos escopos, cujas comparações não aprofundaremos aqui, destacamos sua presença nos Parâmetros Curriculares Nacionais de História (1998). Nos PCNs, os conteúdos de história enfatizam a importância de trazer para sala de aula a realidade do aluno, cujos argumentos se voltam para a interpretação dos modos de vida através do método comparativo, que considera tanto as distinções entre tempos, espaços e comunidades, quanto a tolerância às formas e manifestações de suas vivências:

Os estudos da história local conduzem aos estudos dos diferentes modos de viver no presente em outros tempos, que existem ou existiram no mesmo espaço. Nesse sentido, a proposta para os estudos históricos é de favorecer o desenvolvimento das capacidades de diferenciação e identificação, com a intenção de expor as permanências de costumes e relações sociais, as mudanças, as diferenças e as semelhanças das vivencias coletivas, sem julgar grupos sociais, classificando-os como mais “evoluídos” ou “atrasados” (BRASIL, 1997, p. 52).

E, de fato, o currículo de história estreita os laços entre a História Local e a História Regional, tendo como amarração os municípios e Estados. Temas estes que se apresentam como norteadores das atividades docentes na 3a série, 4º ano e, na 4a série, 5º ano, nas quais os alunos possuem entre oito a onze anos de idade, respectivamente. Eventualmente estes temas podem se fazer presentes nas séries finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio. Neste caso, trata-se da escolha do educador em conjunto como a instituição onde trabalha, com a devida inserção das atividades em seu Plano de Trabalho Docente – PTD.⁶ Nota-se

⁶ Plano de Trabalho Docente é a parte mais importante do processo pedagógico. Nele o docente apresenta o processo de ensino e aprendizado, no qual identifica as dificuldades e a realidade de seus alunos. Este plano é uma ferramenta indispensável, pois ampara e determina as ações docentes necessárias à realização de seu trabalho e o de seus alunos. Ver, por exemplo, SANTOS, Maria Lucia dos; PERIN, Conceição Solange Bution.

também mudanças significativos, tanto nos conteúdos do Ensino Fundamental e no Ensino Médio, quanto nas narrativas, as quais incorporaram aos livros didáticos, temas relacionados às mulheres, crianças e religiosidades, entre outros.

No Estado do Paraná, através do Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE, política pública iniciada em 2010, professores universitários e professores da Educação Básica desenvolveram conjuntamente atividades didáticas e investigativas em várias áreas do conhecimento, com o objetivo de melhorar qualitativamente os índices educacionais, além de estimular a promoção na carreira docente.⁷

Na perspectiva de Giane de Souza Silva, a narrativa historiográfica considerou as experiências em sala de aula com alunos da 5^a série do Ensino Fundamental no Colégio Estadual Tsuru Ogido, tendo como objeto a compreensão e interpretação da história da cidade de Londrina/PR.⁸, esclarece que a História Local torna mais densos os vínculos entre a cidade e seus habitantes, além de transformar e ampliar as estratégias de ensino e da aprendizagem em História: “Trabalhar com a memória histórica da cidade de Londrina, focalizando na mudança da paisagem urbana com a chegada e permanência da ferrovia e seus espaços construídos, modificados e mantidos como memória coletiva, permite lidar com uma simbologia muito forte para a cidade e seus habitantes” (SILVA, 2009, p. 26).

Este direcionamento pedagógico no ensino de história vem se transformando e alcançando um espaço mais amplo no ambiente escolar. Principalmente com a aplicação dos pressupostos dispostos na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB 9394/96), os quais trazem como pontos impactantes, preocupações com as formas de pensar o processo de ensino e aprendizagem, as competências e os valores, bem como a capacitação dos alunos e a transformação social. Porém, segundo Circe Bittencourt o tratamento teórico-metodológico dos temas trabalhados parte do “[...] domínio do saber disciplinar dos professores e não se vinculam a um critério de seleção baseado, direta ou indiretamente, nos

Planejamento: a importância do plano de trabalho docente na prática pedagógica. **Cadernos do PDE**. Curitiba: Seed, 2010. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2010/2010_fafipa_ped_artigo_ana_aparecida_tormena.pdf.

⁷ Ver Lei Complementar nº 130, de 14 de julho de 2010 e também o Plano de carreira do magistério estadual, Lei Complementar nº 103, de 15 de março de 2004. Diga-se, de passagem, que em 2004, professores com títulos de Mestrado e Doutorado podem ser certificados no PDE.

⁸ SILVA, G. S. **História Local**: uma experiência em educação histórica Curitiba, Cadernos PDE, 2009, p. 1-33. Disponível em <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1487-8.pdf>

problemas do aluno e da sua vida em sua condição social cultural” (BITTENCOURT, 2004, p. 137),

Em síntese, considerando a LDB9394/96, concordamos com a ideia de que o conhecimento histórico está relacionado ao entendimento conceitual de tempo, espaço, sociedade e comunidade. Estes, por sua vez, devem fazer parte do Plano de Trabalho Docente -PTD, pois podem comportar de maneira efetiva objetivos e estratégias voltadas à educação como estratégia formativa na qual todos se envolvem (alunos, professores, escola, etc.), apesar dos problemas, como exemplificam Adrieli de Fátima Campos Mileski e Antonio Aprigidio, “infelizmente em muitas escolas, essa elaboração ocorre desvinculada da realidade escolar, em discordâncias muitas vezes com o Projeto Político Pedagógico e com o Regimento Escolar, em alguns casos vem sendo visto e produzido como uma forma de cumprimento de normas burocráticas”, (MILESKI; APRIGIDIO, 2017, p. 2).

Entendendo que os diálogos entre o ensino de história e o conhecimento científico, contribuem para formação social dos estudantes, e que o professor nesse processo tem a responsabilidade de fazer a adaptação do conhecimento científico para o conhecimento escolar, ele se torna o vínculo entre conteúdo e aluno. Mais do que isso, o professor tem a responsabilidade de selecionar o que e como o estudante vai trabalhar determinado conteúdo. Em outros termos, o educador tem influência direta no processo de ensino-aprendizagem dos alunos, uma vez que as práticas pedagógicas adotadas por ele em uma aula se tornam tão importantes e agem diretamente na forma de compreender e assimilar conteúdos.

De todo modo, a função do professor como condutor do conhecimento científico e sua adaptação para os conteúdos escolares são vitais para entendermos a forma como se faz e se concebe o conhecimento histórico com os alunos. Decorre disso, de forma clara, a compreensão de conceitos, estudos de caso, a compreensão de si mesmos no processo educativo, dentro e fora do ambiente escolar, além da ampliação cognitiva. Logo, é possível repensar a dimensão, o papel da escola e do professor na formação dos alunos.

O ensino de história e as escolhas pedagógicas podem ajudar o estudante a refletir sobre suas práticas cotidianas, sobre seus valores e problematizar seu convívio e sua comunidade. “A experiência de cada um se expandiria com a compreensão das experiências dos outros”, (BARCA, 2009, p. 53-76). Além deste campo de atuação, pode-se simultaneamente estudar a própria narrativa histórica dos professores, a fim de desenvolver atividades e orientar os alunos a investigar as informações e temas que são disseminados através da internet.

Estudar a forma como os alunos entram em contato com o passado através da rede mundial de computadores é uma atividade valiosa por vários motivos. Entre eles, a possibilidade de aprofundar nosso conhecimento em relação às narrativas digitais. Trabalhar com a disciplina de história atualmente requer lidar com a interpretação de uma vasta gama de informações sobre assuntos ou conteúdos que a escola, muitas vezes, não tem como fazer frente. Por conseguinte, com certa frequência, os alunos trazem questionamentos a partir de vídeos que viralizam no YouTube ou mesmo em postagens nas redes sociais, como por exemplo o WhatsApp, Facebook e Twitter.

Desta forma, os estudos históricos desempenham um papel importante na vida dos alunos, na medida em que contemplam não só o conhecimento e sua difusão, mas também a análise de informações deturpadas ou sem respaldo científico e seu respectivo enquadramento teórico e conceitual, dentro e fora da escola. “É preciso levar em consideração as especificidades sociais e culturais da comunidade em que o livro é utilizado, para que o seu papel na formação integral do aluno seja mais efetivo” (BRASIL, 2007, p. 12). Logo, reforça-se a ideia de que a seleção de textos e conteúdos de livros didáticos interferem diretamente no processo de ensino-aprendizagem, pois há atuação do professor e a manifestação de um discurso que ele (re)produz em sua aula. Em outros termos, isto significa dizer que, a forma como ele arquiteta sua narrativa ao explicar determinado conteúdo impacta diretamente no processo de absorção e reprodução deste conteúdo pelo aluno.

A importância do uso de metodologias variadas é primordial ao desenvolvimento das atividades escolares, especialmente as digitais, pois estas oportunizam ao educador a compreensão do conhecimento científico em história, sua difusão e reavaliação. É fundamental que o educador conheça o universo no qual seus alunos estão inseridos, os valores trazidos de seu cotidiano e de sua comunidade, a fim de melhor preparar suas estratégias de ensino e disponibilizar uma gama maior de recursos tecnológicos e desenvolver produtos ou materiais didáticos com os alunos, a partir de materiais como vídeos, documentários, webequests, entre outros.

Na obra “*A Escrita da História*” Michel de Certeau trabalha com o conceito de operação historiográfica, a qual se constitui nos vínculos entre o lugar da produção de uma narrativa, a análise em si da documentação que se tem como objeto, além da própria reflexão sobre sua escrita. Assim, a escrita da história faz parte de uma prática social, que reflete os diversos interesses, como o lugar social do historiador, as funções da história, a transmissão de valores e seu papel didático, (CERTEAU, 2011, p. 46). O argumento é o de que a escrita faz e conta histórias, tendo por interesse o caráter de ensinamento para a sociedade.

Sobre esta perspectiva é possível dizer que a seleção de conteúdos realizada pelos educadores em seus planejamentos (PTDs) refletem o domínio cognitivo do professor e o lugar de produção social. O professor assume um papel importante ao realizar a transposição didática.⁹ Ao selecionar conteúdos, recursos didáticos e metodologias para serem utilizadas em uma aula, adequando-os às capacidades cognitivas do estudante, ele oportuniza e constrói possibilidades de ressignificação do conhecimento.

Se aplicarmos o aporte conceitual de Roger Chartier (1988) podemos dizer que a sala de aula é ao mesmo tempo o espaço de representação e um lugar de apropriações, cujos sentidos, recepção e reelaboração conduzem à produção de novos conhecimentos.¹⁰ Portanto, não basta levarmos em conta somente o papel do professor no processo de ensino-aprendizagem e no fazer pensar historicamente. É preciso, neste caso, ir além do que Schmidt e Cainelli (2004) propõem para a abordagem dual do conhecimento histórico, voltados tanto para a “cultura experiencial dos alunos” e suas “representações”, quanto para a possibilidade de “construir, em sala, um ambiente de compartilhamento de saberes”.¹¹ As atividades docentes e de pesquisa devem ser conjuntas e coesas, a fim de produzir conhecimento de forma contínua, a partir da sala de aula, e disseminá-las sim, mas para além do espaço escolar.

É claro que Schmidt & Cainelli (2004), e Martins (2011) compreendem este direcionamento que vai além dos muros escolares. Isto porque o debate se tornou mais denso e abrange novos espaços de formação, como por exemplo, nas ações educativas em museus, os quais exigem dos professores novas instrumentações, teorizações e metodologias, além das próprias mudanças nos paradigmas historiográficos.

É comum nos estudos culturais o uso de fontes como obras de arte, artefatos, documentos escritos e fotografias, as quais requerem análises minuciosas devido aos complexos significados que possuem. Com isso é possível desenvolver o ensino, a aprendizagem e o conhecimento histórico de maneira dinâmica, levando em conta atividades

⁹ “Um conteúdo do saber que foi designado como saber a ensinar sofre a partir daí, um conjunto de transformações adaptativas que vão torná-lo apto para ocupar um lugar entre os objetos de ensino. O trabalho que transforma um objeto do saber a ensinar em objeto de ensino é denominado de transposição didática” (Chevallard, 2001: 20). CHEVALLARD, Y., BOSH, M. e GASCÓN J. Estudar Matemáticas, o Elo entre o Ensino e a Aprendizagem. Arimed. Porto Alegre, 2001.

¹⁰ CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Lisboa: Difusão Editorial, 1988.

¹¹ Note-se que Martins (2011, p. 9) reforçando o pensamento de Schmidt & Cainelli ao afirmarem o seguinte: “O aprendizado se realiza ao longo de uma dupla ação humana, acumulada no tempo, e que chamamos comumente de “história”, não raro com letra maiúscula. Esse contato se dá de forma espontânea, no convívio social no quotidiano, nos múltiplos âmbitos da experiência vivida. Essas experiências emolduram as tradições, as memórias, os valores, as crenças, as opiniões os hábitos que se acumulam e nos quais se formam, se forjam os agentes, desde pequeninos a começar pela linguagem e pelo convívio familiar. A outra experiência é a escola”.

com desenhos, memes, séries, jogos de videogames, os quais podem tornar as aulas mais atrativas, ampliando e projetando a interpretação históricas para fora do espaço escolar.

Pensando no processo educativo em espaços de formação não escolar e nos subsídios teóricos que embasam nossa narrativa e procedimentos, os esforços recaíram sobre a elaboração de produto pedagógico que fosse pertinente e auxiliasse nas práticas e no planejamento pedagógico de professores de história. Além da narrativa discursiva da sala de aula, que inevitavelmente é carregada de questionamento e ponderações, e de nossa escrita da história e sua respectiva autoavaliação, decidimos investigar e adaptar as narrativas histórico-turísticas sobre monge João Maria em Farol-Pr e o “Memorial Água da Fonte” em material com conteúdo audiovisual. Esta, por sua vez, é atividade complexa e exige carga de trabalho e de traquejo com os quais nem sempre estamos aptos a trabalhar.

Como se pode notar procuramos inspiração no conceito de operação historiográfica, pois entendemos que a combinação entre o lugar social do historiador, os procedimentos analíticos, a construção de um texto e sua difusão são extremamente relevantes. E em relação ao nosso ofício, consideramos a dimensão do educador-historiador, em relação à especificidade da pesquisa, desejamos valorizar e refletir em essência as narrativas populares voltadas à religiosidade, patrimônio e turismo. Assim, o professor/historiador, a análise documental e a teorização caminham lado a lado na produção do conhecimento historiográfico e na formação da identidade do historiador. Cada um destes elementos é essencial para nos determos na interpretação das relações entre passado e presente, no lugar social de sua produção, bem como o papel que ocupa em relação às experiências vividas por quem fala e escreve.

Ao cunhar o conceito de lugar social, Michel Certeau (1982) também ressalta que a pesquisa histórica está inserida em um lugar, no qual, de acordo os interesses envolvidos, definirá a mensagem que se quer transmitir. No âmbito escolar, entendemos que o processo de ensino-aprendizagem é influenciado tanto pelo lugar social do aluno, quanto pelo lugar social do professor. As relações estabelecidas entre eles, e entre aluno e objeto de estudo produzem novas formas de conhecimento, especialmente quando se parte da realidade social. Portanto, é conveniente enfatizar que é possível estudarmos, a partir de exercícios autobiográficos, formas ou processos estabelecidos na construção do conhecimento dos alunos.

Trata-se da possibilidade de abrir caminhos para que eles se expressem e produzam suas narrativas, as quais podem ser adaptadas em linguagem audiovisual. Com este direcionamento, o educador pode extrair diferentes olhares sobre um mesmo assunto e valorizar o aluno como sujeito ativo do processo de aprendizagem.

Em contrapartida, o desenvolvimento de atividades docentes fala muito sobre o professor e sobre o lugar social que ele ocupa em termos científicos. Isto porque as injunções sociais e científicas se estabelecem de alguma maneira sobre o recorte das fontes e de temporalidade, e sobre as influências teórico-metodológicas que ele adota (CERTEAU, 1982, p. 81-2).

Destaque-se, também, a ressignificação do saber científico para o saber escolar. Isso porque, trata-se de outro estágio formativo, além do fato de o discurso não residir apenas na fala de quem discursa, mas também no lugar de quem o produz. Ainda mais ao considerar que a dinâmica do conhecimento científico, cuja reelaboração é constante, envolve usos sociais desta produção. Deste modo, os princípios da operação historiográfica e da autobiografia se tornam mais relevantes quando consideramos sua finalidade didática, cognitiva e de comunicacional. Logo, a construção de narrativas pessoais (autobiografia), pode ser um recurso utilizado em sala de aula para despertar outros olhares para a historiografia, uma vez que permite ao aluno expor suas concepções e conhecimentos por meio da escrita ou da oralidade, que podem ou não estarem inseridas em um contexto mais amplo.

É conhecida a máxima de que “para ensinar história a João é preciso entender de ensinar, de história e de João”.¹² Implicitamente a passagem se refere às adversidades teóricas, conceituais e metodológicas, pois ao falarmos de pesquisa e de ensino-aprendizagem, falamos sobre um campo de complexidades. Não basta deter o conhecimento historiográfico é preciso conhecer os alunos e compreender seus modos de vida, e como eles assimilam conteúdos, tanto na escola quanto fora dela. Compreendemos a história como conhecimento em constante construção e, em que ensinar é construir um diálogo entre presente e passado, na qual estão ausentes a reprodução de conteúdo e a verdade absoluta, Cainelli & Schimdt (2004). Ao contrário, a função do historiador/professor é interpretar com segurança os acontecimentos, demonstrando aos alunos a variabilidade destas interpretações do fato histórico. Isto é possível quando conhecemos bem nossos alunos e estabelecemos um perfil da sala de aula, a fim de desenvolvermos estratégias viáveis para que a turma comprehenda e assimile conteúdos.

Atualmente constata-se que as experiências pedagógicas realizadas no campo da história são plurais e buscam interatividade e reavaliação do ensino-aprendizagem. Entre elas se destacam o uso de fontes orais e escritas, webquests, blogs, museus, atividades interdisciplinares. Como complemento aos exercícios autobiográficos, pode-se aplicar a

¹² CAIMI, 2009, p.71.

metodologia da história comparada, a qual possibilita a análise de livro didático e material produzido pelos próprios alunos e professores.¹³ Portanto, defendemos que o processo de ensino-aprendizagem é uma integração dialética entre o instrutivo e o educativo, cujo propósito essencial visa contribuir para a formação do aluno. Ela também promove a compreensão de que existem diversas possibilidades de trabalhar com as narrativas, apesar das marcas ou injunções sobre as práticas pedagógicas, universitárias e sociais.

1.2 Narrativas, autobiografias e práticas docentes.

O termo narrativa aparece nas discussões sobre o conhecimento histórico, abrangendo autores como Johann Gustav Droysen (século XIX), Michel de Certeau, Paul Veyne, Paul Ricœur e, mais recentemente, Hayden White¹⁴. Neste trabalho, privilegiamos a contribuição Michel de Certeau.

De todo modo, fazer história significa produzir narrativa sobre a “condição” de outros no passado, a qual implica em escrita que se refere aos ausentes. Portanto, a narrativa histórica em Michel de Certeau:

tem uma função simbolizadora, permite a uma sociedade situar-se, dando-lhe na linguagem um passado e abrindo um espaço próprio para o presente: marcar um passado é dar lugar à morte, mas também redistribuir o espaço das possibilidades, determinar negativamente aquilo que está por fazer e, consequentemente, utilizar a narratividade que enterra os mortos como meio de estabelecer um lugar para os vivos. (CERTEAU, 1982, p. 107)

Michel de Certeau esclarece que na operação historiográfica o historiador seleciona fatos e acontecimentos, narrando-os. Ao fazer isso ele lida com os esquecimentos da história, estabelecendo uma nova relação entre o passado e o presente. Assim, a narração é uma tentativa de compreender o passado negando a ausência, o que de fato resulta num texto que trabalha simultaneamente realidade e ficção.

Em *A Escrita da História*, Certeau elucida esta perspectiva e infere que o seu sentido abrange o campo da memória. Nessa perspectiva, a escrita da história tem como objeto a experiência temporal dos sujeitos, considerando a relação entre um lugar social, práticas e

¹³ Entre as metodologias utilizadas para se desenvolver os conteúdos em sala de aula, está a de História Comparada. Como aponta Susana S. Zaslavsky (2010, p.237), o comparatismo é uma estratégia didática que visa dar sentido à História ensinada, explorando e explicando os acontecimentos (presente e passados) em suas possíveis relações.

¹⁴ A bibliografia é enorme, cabendo-nos apenas mencionar algumas obras dos referidos pesquisadores. Respectivamente , cf. (DROYSEN, 2009), (CERTEAU, 1982), (VEYNE, 2008), (RICUOER, 2007), (WHITE, 2008)

procedimentos científicos e uma escrita, cuja narrativa envolve instituição, regras e uma disciplina particular (CERTEAU, 1999, p. 68). Além destas injunções sobre a escrita da história, ambas, história e memória, são ambivalentes e instáveis, pois a narrativa é composta de significantes relacionados aos acontecimentos que comporta referências a outro no passado.

Eis aí o problema da narrativa histórica que envolve nosso objeto de estudo. Trabalhar com as discrepâncias entre as expressões orais e escritas na sala de aula e, ao mesmo tempo, lidar com elementos objetivos e subjetivos dos “outros” que se expressam através da religiosidade e da patrimonialização. Em relação às aulas, ressaltamos a importância dos exercícios com a autobiografia dos alunos para verificar a forma como se interpreta a história e como a narrativa pode contribuir para que os conteúdos históricos sejam trabalhados em sala de aula.

Para Roger Chartier a escrita é, na verdade, uma prática cultural que avançou durante a modernidade e, ao mesmo tempo, é uma referência às práticas comunitárias comuns em suas relações com o mundo (CHARTIER, 1999, p. 8-9). Seu conceito de “práticas culturais” se enquadra no estudo dos objetos culturais produzidos, dos sujeitos produtores e receptores da cultura, e nos processos de difusão e recepção da história. A ideia é interessante, pois entende a cultura enquanto prática e sugere como categorias de análise as representações e as apropriações. Neste caso, as representações teriam a ver com o que está ausente, enquanto as apropriações referem-se à interpretação dos eventos.

Ao trabalhar em sala de aula com temas como proposto nesta pesquisa, que envolve memória, lembranças e narrativas históricas produzidas ao longo do tempo, quanto as que se referem a passagem do monge pela cidade de Farol, com atividades que propõe uma escrita da história local, o professor/historiador pode se utilizar destes aportes teóricos, uma vez que através deles, pode-se realizar um trabalho que produza sentido ao aluno:

Quando conectamos conceitos de narrativa, memória e História, estabelecemos de fato, falando sobre a “criação de sentidos”. A construção de uma narrativa é um processo reflexivo e organizativo. Algo que, em certo sentido, beira ao processo terapêutico, mas que, se realizado com simples intuito de preservação e socialização de histórias, termina por evidenciar o papel do narrador como ator e autor de sua trajetória. Quando a produção da narrativa é coletiva, o processo envolve uma negociação de sentidos que lida com a necessidade de indivíduos e, sobretudo, dos grupos sociais aos quais pertencem, de garantir uma memória coletiva comum que lhes dê um sentido de pertencimento. (WORCMAN, 2013, p. 144)

O processo de escrita de si, isto é, de escrever a partir de sua história impacta o indivíduo/aluno e o leva a vivenciar novas experiências, facilitando o processo de aprendizagem historiográfica, porque o aluno passa a redigir sua própria narrativa historiográfica, a qual tem mais sentido em suas vivências.

A narrativa faz parte de nosso cotidiano e do universo escolar. Na disciplina de história, sua principal função é solucionar problemas que se expressam em relação ao conhecimento histórico, ir além da descrição de fatos e acontecimentos e situar os sujeitos no tempo e no espaço como é exposto nos Parâmetros Curriculares (1997). Concordamos com a ideia de que a narrativa histórica trabalha com argumentos sobre acontecimentos históricos, construindo explicações possíveis a partir de fundamentos técnicos, conceituais e científicos. Sem dúvida, ela pode ser um excelente recurso que, se corretamente utilizado, pode produzir conhecimento histórico significativo. Isto porque trabalhamos com escritas da história carregadas de subjetividade, lembranças e memórias. Nesse sentido, tais atividades estimulam os alunos a elaborar a versão histórica sobre determinado acontecimento e compará-las. Assim, o aluno também adquire o papel de produtor de conhecimento.

Karen Worcman explora as histórias de vida e como essas podem contribuir para o estudo histórico (WORCMAN, 2013, p. 148). Ali elas são vistas como importantes ferramentas de desenvolvimento pessoal e social, pois estimulam a narração a partir da própria produção escrita, provocando mudança em seus autores, além de estimular o compartilhamento das ideias mediante de novas tecnologias.

Ao abrir espaço para que a história seja contada a partir da experiência de vida de uma pessoa, seja na escola, seja em plataformas digitais, o educador transforma esses espaços em *locus* de produção e difusão de conhecimento histórico, apresentando outras versões à chamada “História oficial.¹⁵

Essas narrativas dão voz à memória individual e coletiva¹⁶ de um determinado grupo, isto é, à comunidade, permitindo que narrativas populares sejam registradas e preservadas, através do olhar de seus moradores. Em termos de aprendizagem em história ou de desenvolvimento do pensamento histórico, a biografia ou a autobiografia surge como um recurso didático importante e complementar ao uso do livro didático.

¹⁵ Aquela elaboração histórica que convém aos grupos dominantes na sociedade e que se encontra consagrada e difundida principalmente nos livros escolares e na mídia. PRESTES, Anita Leocádia. O HISTORIADOR PERANTE A HISTÓRIA OFICIAL. Germinal: Marxismo e Educação em Debate, Londrina, v. 1, n. 2, p. 91-96; jan. 2010.

¹⁶ HALBWACHS, M.A Memória Coletiva. Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Ed. Centauro, 2013.

Atualmente vários trabalhos têm como foco as histórias de vida, nos quais se enfatiza sua importância e aplicabilidade em relação ao processo de ensino e aprendizagem. Entre eles o de Fortes de Oliveira, intitulado: *Sobre “O Cuidado de Si”, Formação e Experimentações Autobiográficas*, o qual trata da experiência com a história oral e com a fotografia, a fim de valorizar histórias de vida, expressas por meio da autobiografia de professores de todos os níveis de ensino.

Para Fernando Nicolazzi “a construção de si enseja se perceber diante do mundo e se expressar vivamente nele diante das imposições” (NICOLAZZI, 2004, p. 109),

A narrativa que o indivíduo constrói sobre si é, então, a possibilidade de operar com uma técnica de reconstrução de um sujeito historicamente datado, a partir das relações e jogos de poder/saber que a sociedade e o tempo em que este produz a narrativa lhe permitem se movimentar. A experiência se configura também a partir da própria historicidade e dos limites temporais que a delimitam - “Em uma expressão, experiência é a dupla construção, a de histórias pelos sujeitos, a dos sujeitos nas histórias” (OLIVEIRA, 2012, p. 312 apud NICOLAZZI, 2004, p. 109).

Os livros, os manuais e apostilas são bem aceitos no sistema educacional brasileiro. Contudo, a ideia de que não se aprende história apenas no espaço escolar, é reforçada com as mudanças que estão acontecendo na sociedade. As crianças e jovens atualmente tem acesso a inúmeros tipos de informação. Entre elas imagens, vídeos, videoclipes, televisão e internet, os quais influenciam em sua formação intelectual, da mesma maneira que no convívio familiar e social. Jornais, rádios, livros, revistas, televisão, vídeo, cinema e computadores também difundem fatos, personagens, cenários, hábitos e costumes que instigam crianças e jovens a pensarem sobre diferentes contextos e vivências humanas. E o fácil acesso à informação, uma das principais características da sociedade contemporânea, é uma situação com a qual o professor de história tem que lidar atualmente.

A revolução tecnológica alcançada nas últimas décadas vem produzindo novas formas de socialização, ao permitir de forma acelerada a transferência de conhecimentos e informações. As novas tecnologias estão presentes no dia a dia do ser humano, bem como se constituem um desafio no campo educacional. Hoje em dia, os alunos têm um contato intenso com novas tecnologias e mídias digitais. O acesso à informação é quase instantâneo, o que pode promover múltiplas formas de interação entre o conteúdo aplicado em sala de aula, o aluno, o meio de divulgação e as audiências. Logo, um dos grandes desafios é a promoção de uma educação que contextualize conteúdos de forma que os discentes o compreendam, assumindo que a produção do conhecimento envolve a relação entre sujeitos, objetos, interpretação e narrativa. Por esta razão, a forma como a transposição didática é realizada é

fundamental para produção do conhecimento escolar e para a apropriação do conteúdo ensinado.

É conveniente lembrar que atual geração é a de sujeitos que têm um intenso contato com tecnologias e mídias digitais. No Brasil, desde o final da década de 1980, a internet revolucionou o sistema de informação e se constitui num dos grandes avanços em relação à comunicação e a disseminação de conteúdos. Ora, isso também influenciou o cotidiano de professores e de alunos, estabelecendo nossas articulações e possibilidades para o ensino. De acordo com Selva Guimarães Fonseca nessa época, as mudanças no ensino de história procuraram “Resgatar o papel da História no currículo o que passa a ser tarefa primordial de vários anos em que o livro didático assumiu a forma curricular, tornando-se quase fonte ‘exclusiva’ e ‘indispensável’ para o processo de ensino-aprendizagem” (FONSECA, 1993, p. 86),

Além disso, discutia-se não só a formação dos alunos, mas também o ofício do historiador, que até hoje não foi oficializado, bem como a ideia de professor-pesquisador:

O debate produzido durante os anos de 1980 entre os profissionais da área de História se ampliou na defesa de um novo processo de formação que incluía a profissionalização do professor, com vistas a um novo ensino de História. Ao mesmo tempo que era criticada a formação livresca e descontextualizada do professor, era proposta uma outra possibilidade: a de formação do professor pesquisador, ou seja, o professor de História como produtor de saberes, sendo capaz de assumir o ensino enquanto descoberta, investigação, reflexão e produção. (CORSETI; CANAN, 2010, p.45).

A época também foi pautada por discussões sobre a democratização dos direitos sociais, construindo um cenário no qual o livro didático adquire relevância no processo de difusão do conhecimento. Porém ele não se constitui como única fonte de disseminação do saber. A LDB 9394/96 delineou novos caminhos para o processo de ensino no Brasil, estabelecendo princípios norteadores em torno de seus direitos e deveres educacionais.

Nesse processo, as novas tecnologias de informação exigem novas posturas dos educadores e das escolas. Isso nos leva à seguinte questão: Como repensar a educação no contexto da era da informação? A partir de Luís Paulo Mercado (1998) podemos inferir que o problema atual é o de que as práticas pedagógicas implicam na inclusão da educação no espaço virtual e o de que a pluralidade de informações disseminadas na internet requer tratamento. Evidentemente as possibilidades de produzir conhecimento se ampliaram, à mesma medida que a cooperação, a transformação e os estudos em rede se tornaram realidade.

Neste sentido, Luís Paulo Mercado já apontava que a tecnologia é importante para o desenvolvimento social e cultural, sendo que “Às escolas cabe a introdução das novas tecnologias de comunicação e conduzir o processo de mudança da atuação do professor, que é o principal ator dessas mudanças, capacitar o aluno a buscar corretamente a informação em fontes de diversos tipos” (MERCADO, 1998, p. 2). Com as novas tecnologias, escolas e educadores devem ter novas competências, uma vez que a tecnologia também serve como elemento de mediador no processo de ensino e aprendizagem.

Considerando esse novo perfil de alunos conectados com mundo virtual, as mídias digitais vêm adquirindo espaços no ambiente escolar, através de várias práticas pedagógicas. Entre elas, destacamos o projeto denominado *Memória local na escola* (2001), que resultou de uma série de atividades e de depoimentos orais, os quais foram dispostos em um ambiente virtual. O projeto, desenvolvido entre o *Museu da Pessoa* e o *Instituto Avisa Lá*, tinham como objetivo a formação de professores do Ensino Fundamental e a aproximação entre escolas e comunidade, tendo como eixos a capacitação de professores voltados para a história oral e comunitária e, práticas de leitura e escrita.¹⁷

Como podemos perceber, atualmente trabalhos envolvendo narrativas, autobiografias e mídias digitais são cada vez mais frequentes e diversificados. Muitos deles podem ser adaptados às aulas de história, pois as metodologias utilizadas nessas atividades reforçam a necessidade de refletir o ensino a partir dos alunos e de suas comunidades, priorizando a linguagem, a produção de conhecimento valorativo e sua respectiva ativação em redes de difusão e informação.

Nesse sentido, pensamos em nossas atividades de docência e de pesquisa a partir do conceito de narrativas e práticas docentes, as quais envolvem os temas religiosidade, história e patrimônio. Partindo da articulação dessas temáticas, direcionamos nossos esforços para a produção de uma narrativa historiográfica, que contemplasse a redação desta dissertação para o mestrado em Ensino de História (Profhistória), reflexões dirigidas a professores de história e, adaptação de seu conteúdo para a produção de material audiovisual.¹⁸ Assim, a proposta deste trabalho tem como foco os docentes da disciplina de história, a elaboração de

¹⁷ O Museu da Pessoa é um ambiente virtual e colaborativo, que está aberto a qualquer pessoa que tenha vontade de compartilhar sua história de vida, reúne um acervo com textos, fotografias e vídeos. Disponível em <https://www.museudapessoa.net/pt/home>

¹⁸ Um exemplo de trabalho que nos inspirou foi Cine-Autobiografia em Agnès Varda: a potência de fragmentos desordenados de memória, de Rosa Maria Bueno Fischer, que apresenta uma possibilidade de trabalhar com a narrativa autobiográfica.

audiovisual como instrumento metodológico para o ensino de História, com finalidade de uso didático.

CAPÍTULO 2

NARRATIVAS SOBRE O MONGE SÃO JOÃO MARIA E SOBRE O MEMORIAL ÁGUA DA FONTE (FAROL-PR)

Como vimos no capítulo anterior, o campo educacional e historiográfico passou por algumas transformações ao longo do tempo. A partir da Escola dos Annales, novos métodos, abordagens e conceituações tomaram lugar, ampliando o campo conceitual e metodológico sobre as fontes históricas. Essas, passaram a extrapolar os documentos escritos, abrangendo vestígios arqueológicos, monumentos, entre outros.¹⁹ Os fundadores da revista dos “Annales” defenderam que o fazer histórico se baseava na interpretação de documentos escritos e não escritos. E quando eles não existiam, o historiador se concentrava em interpretar os fatos e acontecimentos, produzindo uma narrativa histórica, coerente e precisa.

Mais tarde, a partir desses direcionamentos, valorizou-se o conceito de *lugar social* cunhado por Michel Certeau (1982), tendo em vista a capacidade de o historiador trazer à superfície da narrativa o que estava submerso ao longo do tempo. Em outras palavras, a narrativa historiográfica atribuiu sentidos aos acontecimentos por meio da análise documental, da institucionalização de procedimentos historiográficos e do afastamento de posicionamentos dogmáticos.

A partir desses princípios norteadores, as narrativas do cotidiano, promoveram diferentes modos de percepção do espaço e do tempo, dinamizando e modificando os modelos de ensino e aprendizagem. Neste caso, enfatizamos que tanto as fontes relacionadas ao nosso objeto de estudo, isto é, aqueles referenciais ligados ao “Memorial da Fonte” e a passagem do monge João Maria pelo município de Farol-PR, quanto a elaboração de narrativa audiovisual são fundamentais por vários motivos. Não apenas como material informativo, mas, em si mesma, como nova fonte de estudo, principalmente se considerarmos a História Pública Digital de Serge Noiret (2015).

Igualmente, cabe sublinhar, que a presente costura historiográfica procurou estabelecer relações entre mito, memória e religião, cujo resultado se expressa na escrita e na junção com as imagens em movimento (às vezes, estáticas), cuja narrativa global vislumbra o “Memorial

¹⁹ Movimento historiográfico surgido na França na primeira metade do século XX, que se constituiu em torno do periódico “Annales d’histoire économique et sociale”, tendo se destacado por incorporar métodos das Ciências Sociais à História. Ver BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da Historiografia**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

Água da Fonte Profeta João Maria de Jesus” - como lugar de memória e lugar sagrado - e, ao mesmo tempo, um produto didático destinado a professores e alunos.

Existem diversos trabalhos sobre o Monge João Maria que versam sobre sua figura histórica, mística e misteriosa, bem como seu protagonismo no movimento messiânico ocorrido na Primeira República (1889 -1930). Nesse território, o Monge João Maria se tornou líder popular e messiânico da maior guerra civil que ocorreu no sul do país, a Guerra do Contestado (1912 -1916).

Em Eloy Tonon (2010), o termo “Contestado” é um fato histórico-social com sentido polissêmico, cujas inúmeras abordagens, atreladas à “visões de mundo e questões teóricas específicas”, comportam diferentes leituras e denominações. Entre elas: a) **Movimento ou Guerra do Contestado**, com destaque para conflitos de ideias, luta armada, tendo como sujeitos sitiados, agregados, coronéis, políticos, policiais militares, exército, vaqueiros, ferroviários, operários e imigrantes; b) **Guerra Sertaneja do Contestado**: conflitos pela posse da terra, esperança mística e resistência dos sertanejos; c) Território do Contestado: área de 48 mil quilômetros quadrados disputada entre os Estados do Paraná e Santa Catarina; d) **Movimento Messiânico do Contestado**: crença dos sertanejos nas “profecias e nas pregações de monges, que resultou em uma organização sociopolítica; e) **Contestado Paranaense**: historicidade deste fato histórico-social, com cessão dos atuais municípios ao Estado de Santa Catarina, isto é, Rio Negro, Três Barras, Itainópolis, Canoinhas, Timbó Grande, Água Doce, Ireneópolis, Porto União, Joaçaba, Iraní, Concórdia e Palmas (Tratado de Limites, 1916); e) **Contestado Catarinense**: historicidade deste fato histórico-social envolvendo os municípios de Lages, Curitibanos e Campos Novos, que antes de 1916, eram centros econômico e político de lideranças oligárquicas e políticas destas regiões; f) **Contestado no Imaginário Social**: constituição e repercussão do referido fato histórico-social com inúmeras representações imagéticas.

Como se pode constatar, trata-se de um assunto complexo e, desta forma, não é nosso objetivo aprofundar estes estudos, uma vez que, o nosso propósito é a elaboração de material audiovisual dedicado ao ensino de história a partir desse objeto de estudo.

As definições do termo Contestado sinalizam várias leituras, abrangendo os olhares de cronistas, militares, viajantes, religiosos, sociólogos, jornalistas, educadores e historiadores. Entre os muitos pesquisadores que se dedicaram ao estudo deste tema em tela, destacamos o trabalho de Alexandre Karsburg intitulado “*O Eremita do Novo Mundo: a trajetória de um peregrino italiano na América do século XIX (1838-1869)*”. Sua preciosa contribuição à historiografia brasileira se destacou pelo trabalhoso traquejo com as fontes primárias e pela

composição de narrativa acerca da figura do Monge João Maria e da religiosidade popular no Sul do Brasil. A descoberta de manuscritos ou memórias do Monge João Maria D'Agostini em sua peregrinação ao Sul dos Estados Unidos abriu novas perspectivas de estudo.

A tese de Alexandre Karsburg, adaptada para o formato livro “*O Eremita das Américas: a odisséia de um peregrino italiano no século de XIX*”, aprofundou a instigante temática. Sem dúvida, este livro foi fundamental para a constituição desta pesquisa, tanto por trazer elementos importantes sobre a história do personagem principal, quanto por evidenciar narrativa sobre o trânsito da personagem histórica. Para Jacqueline Hermann:

Mais que uma biografia de um personagem marginal, Karsburg recupera a trajetória incansável desse peregrino que viveu entre a glória e a busca de isolamento e refúgio, transitando com a mesma desenvoltura por palácios de governo ou entre a gente pobre que o alimentava nos退iros onde pousava. Chamado de monge foi um dos mais leigos de vida errante que atuaram de forma autônoma em nome da Igreja, não raras vezes contrariando sua hierarquia, limites e princípios (...) Recebido por autoridades, no Brasil e no exterior, sempre procurou mostra-se adequado a ordem, mas por onde passou deixou sua marca de homem misterioso, beato, missionário, místico, profeta, messias (...)" . (HERMANN, 2014, p.13).²⁰

Como sinalizamos anteriormente, compreender o imaginário popular e a figura do monge João Maria envolve aspectos biográficos, históricos, políticos, culturais e religiosos. A partir destes escritos podemos refletir a dimensão dos desdobramentos entre a política e a religião, campos estes que atualmente estão polarizados por vertentes político-partidárias intolerantes. Deste modo, a produção audiovisual pode ter como resultados repercussões distintas entre o público. A obra de Karsburg (2014) desnuda a enigmática figura do monge João Maria, tendo como cenário de fundo a Primeira República do Brasil e, ao mesmo tempo, o continente americano. Isso porque a referida pesquisa levanta o problema da circunscrição de temas a determinadas regiões. Como o autor estudou a trajetória ou o trânsito do Monge João Maria, da América do Sul aos Estados Unidos, é possível refletir junto com professores e alunos, por meio de narrativas audiovisuais, sobre a complexidade da história e de se fazer história.

Nesse ponto, note-se a importância da memória oral e popular, a qual ainda hoje comporta elementos simbólicos destoantes dos dogmas da Igreja católica, passados de geração em geração. Com eles, ainda persistem elementos mágicos, sobrenaturais e, acima de tudo, emotivos. As narrativas textuais e imagéticas retratam o monge mediante tipologias

²⁰ HERMAN, J. Prefácio. In: O Eremita das Américas: a odisséia de um peregrino italiano no século de XIX/ Alexandre Karsburg – Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2014, p.13-14.

emuladoras, as quais valorizam as crenças populares: barba longa, uso de cajado, cruz no peito, livro da paz, roupas rústicas, aparência de mendigo.



Figura 1. Foto do monge, de Renato Ruschel.
UNESPAR, campus de União da Vitória

Para Eloy Tonon (2010), a pintura de Renato Ruschel retrata um dos monges, isto é, Anastás Marcaf, o qual teria transitado entre as regiões fronteiriças dos Estados do Paraná e Santa Catarina, em 1896. No entanto, a cruz no peito representou o monge João Maria D’Agostinis, o livro da paz, o monge José Maria de Santo Agostinho, o facão, o monge guerreiro, José Maria de Jesus (Miguel Lucena Boaventura). Deste modo, “no imaginário dos devotos sertanejos existiu um só – *São João Maria*”²¹

A construção desse imaginário em torno da figura de João Maria colabora para as narrativas místicas sobre sua passagem pelo Estado do Paraná. Na narrativa militar de Peixoto, caracterizada pela precisão dos detalhes sobre as expedições e os confrontos, detalha-se a figura dos sertanejos como fanáticos religiosos, rebeldes, jagunços, posseiros, insurretos. O monge, por sua vez, foi considerado como uma pessoa esquisita, manipuladora, pessoa carismática e curativa:

[...] O velho aparecido não se sabe de onde, que se fazia adorar por aquela gente pobre de quem recebeu o título místico de monge e que lhe criou a lenda que envolve o nome de João Maria, talvez nem o mesmo o próprio; esse velho esquisito que não aceitava hospedagem em casa de ninguém, preferindo repousar no mato à beira das estradas, que dava remédio aos doentes dos sertões, recebendo como paga apenas o prato de comida que lhe ofereciam os inúmeros clientes, desapareceu um

²¹ TONON, Eloy. **Os monges do Contestado:** permanências, predições e rituais no imaginário. Palmas: Kaygangue, 2010a; TONON, Eloy. **Saga da Família Ruschel:** reminiscências históricas de longa duração de Sebastião e Renato. União da Vitória, Kaygangue, 2010.

dia, não se sabe como, pela mesma forma de sua apresentação; e é admirável que ainda hoje os seus fervorosos crentes esperamvê-lo ressuscitar [...]. (PEIXOTO, 1995, p. 55).

Essas narrativas possuem marcos simbólicos e um forte registro histórico no período da Primeira República do Brasil. Nesse período, vários movimentos sociais surgem em áreas rurais pobres do país e tinham como principais características a religiosidade popular e o sentimento de revolta. Os conflitos messiânicos mais conhecidos foram a Guerra de Canudos, no Estado da Bahia, e a Guerra do Contestado, entre os territórios dos Estados do Paraná e Santa Catarina.

A presença de João Maria na Guerra do Contestado tem caráter místico. Isto porque ele se destaca no meio de uma população pobre fazendo pregações religiosas, batizados, casamentos e benzimentos, além de cura pela água e pelo uso das ervas. Em termos populares, ele personificou as pregações de Jesus Cristo por ser um homem simples e defensor dos pobres, arrebatando centenas de seguidores nessa região.

A historiografia brasileira e paranaense aponta que provavelmente um dos três personagens apontado como o monge João Maria tenha morrido nas primeiras batalhas da Guerra do Contestado, como aponta Eloy Tonon (2010). Mas a figura do monge que pregava boas novas, realizava curas e milagres e fazia previsões foi se cristalizando na memória popular, sendo perpetuada de geração em geração, e em todas as narrativas, ele é retratado como um homem humilde, muito simples:

A roupa o deixava semelhante a um religioso. Usava capa escura, pesada, que cobria seus ombros. A longa barba branca batia-lhe no peito. Não era de estatura elevada e apresentava idade avançada. Calçava sandálias rústicas e empunhava o bordão com sino na ponta (...) carregava uma bolsa onde guardava objetos como medalha de Nossa Senhora, crucifixos e rosários, além de dois livros com capa de couro: uma Bíblia e um livro de orações, já desgastados pelo constante manuseio (...). (KARSBURG, 2014, p. 331.).

Essa descrição reforça o caráter pastoral e profético atribuído a João Maria. E ao seu modo de vida, que se manteve presente no imaginário coletivo, valorizando as pregações do monge e suas ações e que caracterizam a complexidade da cultura religiosa popular brasileira. Através dos tempos e das gerações, as narrativas orais de viajantes, tropeiros, carroceiros e, principalmente, famílias de migrantes, que estavam em constantes deslocamentos, construíram um imaginário sólido e plural, no qual religião e misticismo se confundem com as figuras de vários monges. A Igreja Católica não os reconheceu, apesar de suas funções sociais e religiosas. No entanto, a figura de São João Maria Vianney (padroeiro dos

sacerdotes) é reconhecida no imaginário popular como o monge João Maria, o qual é figura de devoção na capela Água da Fonte, no município de Farol.

Na prática da religiosidade popular católica, o elemento central é o santo e a santidade, cuja devoção se expressa por cultos domésticos e públicos. No primeiro, há relação pessoal do devoto com a divindade. No segundo, as manifestações envolvem um grande número de pessoas em romarias e festas religiosas, por exemplo. É possível observar que a vertente popular do catolicismo se manifesta em todo o Brasil, desde longa data, com louvores aos santos reconhecidos e não reconhecidos. Essa forma popular de apego à religiosidade em torno de figuras santificadas direciona a vida dos fiéis, a vivência popular da religião, a fé popular, as quais comprovam uma íntima relação com o sagrado. Neste caso, “(...) o santo não é João Maria de Agostini nem João Maria de Jesus. É, apenas, João Maria, São João Maria” (CABRAL, 1979, p. 166), o que está vivo e se faz presente na memória popular, por meio das narrativas do povo.

Essa relação entre o místico, religioso e o sistema de crenças se faz presente em diversas sociedades, assim como nos estudos historiográficos sobre a religião. Keith Thomas em sua obra *Religião e o Declínio da Magia* destaca práticas ancestrais na Inglaterra do século XVI e XVII; seu estudo trata das relações entre religião, magia e a crença que ainda persiste em muitas religiões atuais. A relação entre magia e religião corrobora para a ideia de que a religião não é somente metafísica. Em todos os povos, a religião tem como principal característica a crença na existência de algo superior, sobre-humano, o qual torna-se elemento cultural extremamente rico em detalhes e que conduz a vida de milhares de pessoas. Sem dúvida, ela faz parte do processo histórico e evolutivo da humanidade, sendo que, em cada época, apresentou características próprias. Assim, o fenômeno religioso se traduz nas diversas formas de manifestação da crença no sagrado e na busca pelo sentido da vida através da fé, ou seja:

Todas as crenças religiosas conhecidas, sejam simples ou complexas, apresentam um mesmo caráter comum: supõem uma classificação das coisas, reais ou ideais, que os homens concebem, em duas classes, em dois gêneros opostos, designados geralmente por dois termos distintos que as palavras profano e sagrado traduzem bastante bem. A divisão do mundo em dois domínios que compreendem, um, tudo o que é sagrado, outro, tudo o que é profano, tal é o traço distintivo do pensamento religioso: as crenças, os mitos, os gnomos, as lendas, são representações ou sistemas de representações que exprimem a natureza das coisas sagradas, as virtudes e os poderes que lhes são atribuídos, sua história, suas relações mútuas e com as coisas profanas (DURKHEIM, 1996, p. 19-2).

As muitas religiões existentes se fundamentam na doutrina e no mito. A doutrina se constitui no conjunto de princípios que servem como base para o sistema religioso, são os conceitos e preceitos que cada categoria religiosa possui. Já os mitos são histórias que procuram explicar alguma coisa e geralmente são associados a um ritual. Dessa forma, muitos preceitos religiosos são expressos mediante os mitos, isso porque adquirem a capacidade de explicar fatos e acontecimentos que fogem à compreensão humana, como, por exemplo, o mito da criação, o qual faz parte de muitas religiões e tende a explicar como o mundo surgiu. Nos relatos sobre a passagem do monge João Maria pelo Sul do Brasil é fácil encontrar elementos que colaboram para sua mística. Elas destacam rituais e comportamentos que de alguma maneira estavam ligados aos desejos e demandas sociais, sendo que o monge representava o modo de vida do sertanejo, o padre, o vidente e o agente de saúde.²²

De todo modo, a relação entre o homem e divino é poderosa, racional e irracional. Na obra *O Sagrado*, de Rudolf Otto (2007), a sacralidade significa a busca de toda a vida do ser humano. Mas essa é uma categoria complexa, constituída pelos elementos não-racional (numinoso) e racional (gerador de predicados). Para esse autor a vivência do sagrado ocorre por meio de uma experiência religiosa que envolve o sobrenatural, a qual pode ser permeada por elementos da vida natural. Nesta análise, busca-se evidenciar que a relação entre os elementos racionais e não racionais surge do sentimento religioso, em seus aspectos primitivos, ou seja, a partir da dualidade entre bem e mal, o corpo e o espírito. Além disso, considera-se que o cristianismo teria elevado a relação entre racional e não racional a uma categoria superior e mais complexa. Assim, uma de suas preocupações é esclarecer o conceito de racional na concepção cristã de Deus, a partir da utilização de elementos subjetivos. Nesse caso, a palavra “sagrado” adquire significados racionais e morais maiores, isto é, com o cristianismo o conceito de sagrado tem uma evolução histórica, porque se torna mais complexo e completo.

Por outro lado, para Mircea Eliade (1969), o sagrado é um componente da consciência humana, vinculado ao sobrenatural e, independente da historicidade ou de valores culturais. Assim,

Basta dizer que o “sagrado” é um elemento da estrutura da consciência e não um estágio na história da consciência, o mundo deve ter um sentido para o homem, pois o mesmo não pode viver no “caos”, é provado que nos níveis mais arcaicos de cultura, viver como um ser humano é em si, um ato religioso, pois a alimentação, vida sexual e trabalho possuem um valor sacramental, por outras palavras, ser ou tornar-se um homem, significa ser religioso, a vida humana adquire sentido ao imitar

²² Tonon, 2010a, p. 93.

modelos paradigmáticos revelados por seres sobrenaturais, a imitação desses modelos constitui uma das características primárias da “vida religiosa”, que é indiferente à cultura ou a época (ELIADE, 1969, p. 10).

Em Mircea Eliade, o ser humano se relaciona com o sagrado criando vínculos afetivos, que se expressam nos comportamentos, nos valores e na própria crença. O sagrado se manifesta sempre como uma realidade inteiramente diferente das realidades naturais (ELIADE, 1992, p.12). Em termos históricos, o ser humano encontrou na religião meios para explicar acontecimentos que fugiam à sua racionalidade. Nesse caso, a crença pode ser explicada como um sentimento em relação ao sobrenatural, que se fundamenta no campo das ideias, mas que forma a parte teórica da religião e que permite ao homem vivenciar o mundo místico. Portanto, para compreender os fenômenos religiosos é preciso compreender que cada forma de expressão possui sua verdade, reflete hábitos e costumes de seus adeptos, os quais devem ser respeitados.

O misticismo, isto é, a crença que o ser humano pode se comunicar com divindades, e/ou delas receber sinais e mensagens pode ser encontrado em muitas religiões, favorecendo o surgimento de figuras sagradas, como a de João de Maria, e criando lugares sagrados como o do Memorial Água da Fonte, erguida pela crença e pelo fervor popular. Deste modo, em relação à educação pública, retratar essas manifestações sensíveis em material audiovisual significa trazer para educadores e alunos a possibilidade de discuti-las no âmbito das competências da Base Nacional Curricular Comum (BNCC), no que tange às narrativas próprias “da geografia, história, sociologia e filosofia”. Para o Ensino Médio, por exemplo, propõe-se discutir as narrativas próprias das disciplinas, bem como seus conceitos, aplicações em distintas escalas, as quais devem ser relacionadas à realidade dos alunos.

Existem vários trabalhos sobre os monges do Contestado, que reforçam a ideia de três pessoas distintas. Em geral, eles destacam a figura de três pessoas-históricas distintas, as quais percorreram os estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, em fins do século XIX e início do século XX. Na obra “*Imagem Contestado: A Guerra do Contestado pela escrita do Diário da Tarde (1912 -1916)*”, de Karina Janz Woitowicz, retrata o que foi a Guerra do Contestado nas páginas do jornal Diário da Tarde. A discussão jornalístico-historiográfica argumenta sobre as personagens de João Maria, a construção de uma história oficial sobre o conflito e também debate sobre o imaginário profético construído em torno do monge.

Sobre as narrativas mais pontuais, isto é, aquelas produzidas sobre nosso objeto de estudo, destaca-se a de Sinclair Pozza Casemiro, intitulada *Monge João Maria em Farol –*

PR: em busca de sentidos. A autora reafirma o pressuposto historiográfico das três figuras históricas e as inúmeras referências populares:

[...] três monges teriam existido. Três formas aqueles que melhor marcaram a trajetória dos monges e conseguem reunir o sentido e unidade à história de um personagem envolto em misticismo popular. Ele, esse personagem teria agregado diferentes monges em períodos críticos da história e em diferentes regiões com variações de nomes, cujo o consenso se definiu na denominação de Monge João Maria. Podem ser citadas as variações: João Maria d'Agostini ou d'Agostinho, João Maria de Jesus, João Maria do Contestado, João Maria da Devoção Popular, João Maria de Deus, São João de Maria, Bom Jesus, Santo dos Pobres, José Maria, José Maria do Santo Agostinho, Monge da Lapa, Monge do Paraná. Na região da CONCAM os depoimentos citaram João Maria e João Maria de Agostinho (CASEMIRO, 2010, p. 13).

Ao recorrermos aos relatos orais e aos escritos sobre a vida do monge João Maria é possível acentuarmos o papel das relações entre a matéria e o espírito na vida humana, bem como a importância das experiências religiosas. Sobre o monge João Maria, é perceptível a influência do imaginário coletivo em torno de sua figura. As narrativas populares abrigam variações de datas, de espaços e de temporalidades, as quais colaboram tanto para a disseminação de seu caráter místico quanto para sua consolidação no imaginário mediante a devoção ao longo de possíveis caminhos ou trânsitos dos monges:

Notadamente, a narrativa historiográfica e a narrativa popular se distinguem, embora que, às vezes, tenham confluência. A primeira se fundamenta em documentos históricos e depoimentos orais e, a outra, se baseia exclusivamente na fé e no sentimento de devoção. Esta última, envolve a atuação religiosa atribuída aos monges, as quais aparecem na forma de documentos ou de narrativas literárias. Para Noel Nascimento (2010), a figura de João Maria polarizou a devoção popular no Paraná por representar as pessoas do campo que vagam sem destino.

A narrativa de Noel Nascimento, construída ao longo de vinte anos de estudos, foi marcada sobretudo pelos vínculos entre a história e a literatura.²³ “A revolução do Brasil” retrata, os conflitos armados desde fins do século XIX, o messianismo, a luta de camponeses por uma vida melhor, etc... Em “Casa Verde”, a guerra camponesa do Contestado nada mais é do que o resultado da miséria provocada pela concentração latifundiária. Nesse romance, os monges são vistos pelos camponeses como santos, os quais, por meio de suas pregações os

²³ Noel Nascimento, (1925-2013) Promotor do Ministério Público do Paraná, membro da Academia Paranaense de Letras (1979), autor de ensaios, poemas e textos literários, e integrante da Comissão do Memorial do Ministério Público do Paraná.

Disponível em: <http://www.memorial.mppr.mp.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=4>. Acesso: 08/02/2020.

conduziam para lutar contra os coronéis, oligarcas, companhias estrangeiras e contra a Monarquia, sendo que o resultado da guerra um dos mais amargos da história brasileira.²⁴

A construção de narrativas como ferramenta pedagógica vem adquirindo espaço no ambiente escolar. Na busca por aproximar aluno e conteúdo no desenvolvimento do pensamento histórico, professores do Estado do Paraná vêm desenvolvendo em suas respectivas cidades, trabalhos e projetos em que o objeto de estudo, de investigação historiográfica dispõe de importante significado para a historiografia local. Mas que, por outro lado, também possa ser relacionado, e/ou que tenha conexões com a historiografia regional e nacional, contemplando o conteúdo curricular proposto. Como diz Selva Guimarães Fonseca, “Nós professores, temos o papel de junto com os alunos auscultar o pulsar da comunidade, registrá-lo, produzir reflexões e transmiti-lo a outros” (FONSECA, 2009, p. 125). Ou seja, entre as muitas funções do educador está a de aproximar o conteúdo disposto no livro didático a realidade dos alunos. Pensando nessa possibilidade muitos dos trabalhos produzidos atualmente, principalmente pelo Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE²⁵ aparecem atividades que envolvem as comunidades as quais as escolas pertencem, desenvolvendo atividades pedagógicas que envolvam localidades e/ou cidades em que os estudantes vivem. Seguindo essa tendência, no Paraná, já existem algumas atividades pedagógicas desenvolvidas na disciplina de história que refletem sobre a Guerra do Contestado e sobre o monge João Maria, que tem como foco principal a construção de narrativas pelos discentes.

Na cidade de Rio Negro, na Área Metropolitana Sul do Paraná, o professor da disciplina de história Simoneli Sauer Colet durante o PDE, desenvolveu o projeto: O Contestado e suas ressignificações: uma experiência em sala de aula, com alunos do terceiro ano do ensino médio. O trabalho foi dividido em cinco temáticas, sendo elas: o território; os moradores da região do Contestado; a religiosidade; a República Velha e a guerra. Sendo que em cada recorte temático foi sugerido variados encaminhamentos metodológicos. Também contou com conteúdo composto por fontes bibliográficas, fontes visuais e textos produzidos a partir de pesquisas. De acordo com Simoneli Sauer Colet (2013), essa atividade realizada com os alunos não tinha como pretensão ser um resumo sobre a Guerra do Contestado, ao

²⁴ NASCIMENTO, Noel. **Casa Verde**. Curitiba: Juruá, 2010; NASCIMENTO, Noel. **A revolução do Brasil**. Curitiba: Instituto Memória Editora, 2008.

²⁵ O PDE é uma política pública de Estado regulamentado pela **Lei Complementar nº 130**, de 14 de julho de 2010 que estabelece o diálogo entre os professores do ensino superior e os da educação básica, através de atividades teórico-práticas orientadas, tendo como resultado a produção de conhecimento e mudanças qualitativas na prática escolar da escola pública paranaense. Disponível: <http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=20>. Acesso: 08/02/2020.

contrário, a ideia é a de contribuir com possibilidades de reflexões e ressignificações do Contestado. Ao trabalhar com produção de textos e ressignificações, o professor permitiu ao aluno construir suas próprias narrativas saindo da posição de receptor de conhecimento para se tornar produtor de conhecimento.

Em União da Vitória - PR, destacamos o trabalho desenvolvido pela professora Janaina Zito Losada do Colégio Estadual Marina Marés de Souza, com os alunos do terceiro ano do ensino médio, intitulado de: *Memória e Messianismo* realizado em 2008, que por meio de imagens e texto propõe uma atividade que envolve a análise de imagens e a construção de narrativas, mediante a produção textual.

Na cidade de Mangueirinha – PR, a professora Lucia Alma Muller, no decorrer do ano letivo de 2010, desenvolveu uma atividade pedagógica com os alunos da quinta série da Escola Estadual Cel. Misael Ferreira Araújo, que resultou numa produção historiográfica como parâmetro da História local e regional. O sucesso desta atividade proporcionou uma segunda fase em que a Unidade Didática proposta pela professora foi ofertada aos professores municipais de 1^a a 4^a série e aos acadêmicos do Ensino Superior dos cursos de licenciatura de Arte, Pedagogia e Matemática, da Faculdade UNILAGOS da já referida cidade. A Unidade Didática proposta por Lucia Alma Muller teve como objetivo principal estudar a Guerra do Contestado como História local e regional, a partir das lendas sobre João Maria na cidade e daquilo que era próximo aos alunos como o poço de João Maria, no qual muitos alunos foram batizados. Essa atividade também envolveu coleta de depoimentos (entrevistas), favorecendo aos estudantes construir suas próprias narrativas acerca da passagem do monge João Maria pela cidade de Mangueirinha.

Pelo Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), ²⁶ destacamos o trabalho de Rodrigo Correa Barboza, intitulado: História do Paraná: Uma Abordagem da História Regional; Influência Religiosa do Monge João Maria de Jesus no Vale do IVAÍ/PR. Desenvolvido com alunos do 9º ano do ensino fundamental do Colégio Estadual Antônio Diniz Pereira, na cidade de Ivaiporã-PR. Esse projeto esteve alicerçado na história cultural, estudando as representações sobre os monges na cidade de Faxinal- PR, o trabalho também envolveu uma aproximação entre ensino superior e escola.

²⁶ Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid). O programa oferece bolsas de iniciação à docência aos alunos de cursos presenciais que se dedicuem ao estágio nas escolas públicas e que, quando graduados, se comprometam com o exercício do magistério na rede pública. O objetivo é antecipar o vínculo entre os futuros mestres e as salas de aula da rede pública. Com essa iniciativa, o Pibid faz uma articulação entre a educação superior (por meio das licenciaturas), a escola e os sistemas estaduais e municipais. Disponível: <http://portal.mec.gov.br/pibid>. Acesso:08/02/2020.

A passagem do monge João Maria pelas cidades paranaenses desperta narrativas populares que exalam devoção, capelas foram construídas nos lugares por onde ele passou, em várias dessas cidades como sinal de devoção e manifestação de fé ao monge. Em muitos lugares também ocorrem peregrinações e festas voltadas ao monge. Ao longo do tempo, uma memória popular e historiografia foram sendo construídas acerca do monge e sua passagem pelo Estado do Paraná, mas muitas são as histórias contadas pelo povo que não fazem parte da historiografia oficial, mas que aparecem nas falas dos alunos em debates na sala de aula. Portanto, os estudantes também são fontes de saberes, eles trazem consigo as histórias populares que ouvem de seus familiares, de amigos ou até mesmo na rua. São essas histórias contadas pelo povo de boca a boca que colaboram para mistificação do monge, e que muitas vezes aparecem nas falas de alunos em sala de aula. Sendo essas narrativas que reverberam nas salas de aula e que levam ao desenvolvimento de atividades pedagógicas que têm como objeto de estudo essa temática.

Na cidade de Farol-PR, narrativas populares sobre curas pela água e sobre a passagem do monge João Maria e suas realizações, levaram a construção de um lugar sagrado: O Memorial Água da Fonte. Esta pesquisa ao buscar relatar a passagem do monge por Farol, buscou se pautar em dados historiográficos bem como em pesquisa de opinião, e assim produzir um material didático com historicidade que também consiga exprimir o sentimento de devoção popular presente na fala de moradores e de devotos.

2.1 O Memorial Água da Fonte

Localizado a 473 km da capital paranaense Curitiba, o município de Farol, faz parte geograficamente da chamada Mesorregião Centro Ocidental do Paraná, que também compreende a chamada Microrregião 12, conhecida como COMCAN – Comunidade dos Municípios da região de Campo Mourão. O município faz divisa com as cidades Araruna e Tuneiras do Oeste ao norte, Boa Esperança e Mamborê ao Sul, Campo Mourão à Leste e com Janiópolis à Oeste, conforme o mapa:

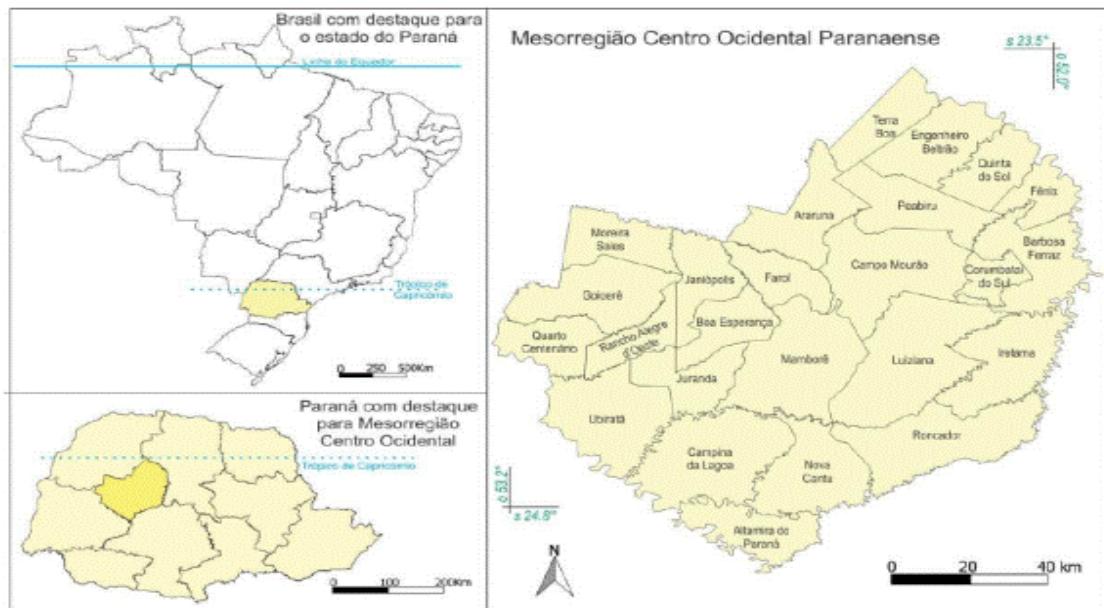


Figura 2. Localização da Mesorregião Centro Ocidental Paranaense.

Fonte: Base Cartográfica IBGE 2010.

A história do município de Farol, sobre a concepção da historiografia oficial da cidade e de acordo com o site da Câmara de Vereadores²⁷, inicia-se em meados da década de 1930 com a chegada das primeiras famílias a região. Sua ocupação efetiva ocorre só por volta de 1942, quando começa uma colonização oficial. O livro do escritor e poeta Gilmar Cardoso, morador de Farol, e denominado “*Farol, Nossa Terra, Nossa Gente*”, detalha a história da referida cidade e, é base para o texto sobre a história da cidade contido no site oficial da Câmara de Vereadores. No livro, Cardoso aponta que o Município de Farol passou a ser movimentado por ocasião da construção da estrada que liga Guarapuava a Campo Mourão, passando por Pitanga.

O processo de ocupação territorial envolveu famílias provindas do sul do Paraná, de São Paulo e de algumas regiões do nordeste brasileiro. Farol também teve outros nomes. Em 1948, passou a patrimônio com o nome de Pinhalão, pertencendo ao município de Campo Mourão-PR, e em 30 de novembro de 1955, passa a ser distrito administrativo de Farol (CARDOSO, 2006, p. 19). Em 1991 o território foi desmembrado de Campo Mourão, tornando -se efetivamente Município de Farol. A história de Farol é como de muitos municípios paranaenses, o município começa a surgir enquanto cidade a partir de uma ocupação e povoamento de forma não planejada. Atualmente de acordo com dados do IBGE

²⁷ História completa do município de Farol, site da Camara dos Vereadores. Disponível em: https://www.camarafarol.pr.gov.br/?pag=T1RjPU9EZz1PVFU9T0dVPU9HST1PVEE9T0dFPU9HRT0=&idme_nu=214. Acesso: 09/02/2020.

(2010),²⁸ figura entre os menores municípios do estado do Paraná no quesito população. A maior concentração da população está na área rural, na qual está localizado o Memorial Água da Fonte.

Na história da cidade de Farol assim como de algumas cidades paranaenses, é possível encontrar diversas narrativas sobre a passagem do monge João Maria. Na cidade da Lapa, por exemplo, foi construído o Parque do Monge, que de acordo com a historiadora Sandra Pelegrini, em sua obra *Sob as Pedras das cidades Paranaenses: memórias, identidades e patrimônio*, “apesar de ter abrigado o monge em uma gruta dentro do parque e de ter se tornado um lugar de devoção e ponto de encontro de romarias na Lapa –PR, tais expressões da religiosidade popular não são tomadas como bens materiais, mas apenas credices”. Pelegrini nesta obra também pontua a relação entre memória e identidade, para ela as cidades são lugares de metamorfose social em que as relações humanas criam códigos simbólicos que são reinventados no dia a dia da população e a população residente, que trazem consigo um conjunto de relações, crenças e valores, que criam a memória popular e um processo de identificação ao local no qual se vive. Neste caso, as narrativas acerca do monge nas cidades paranaenses vão reafirmando crenças e despertando movimentos de migrações, ou seja, a um turismo motivado pela religiosidade popular.

Note-se, que, de acordo com o Paraná Turismo são quarenta e nove municípios paranaenses envolvidos com a história do monge.²⁹ Atualmente, como as manifestações religiosas em torno dessa figura histórica e mística são significativas, passou a ter interesse político. Em 2018, o Deputado Estadual Douglas Fabrício, da região de Campo Mourão – PR propôs em um projeto de lei o incentivo ao turismo religioso e ambiental, estabelecendo a data de 27 de março como o “Dia Estadual do Monge João Maria”. No município de Farol-PR, a religiosidade popular está presente no imaginário e no Memorial Água da Fonte Profeta João Maria de Jesus.

²⁸ Dados e informações oficiais sobre o Município de Farol – PR. Disponível: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/farol/panorama>. Acesso: 09/02/2020.

²⁹ A Paraná Turismo é uma autarquia vinculada a Secretaria de Estado do Desenvolvimento Sustentável e do Turismo pela LEI 19848 de 03 de maio de 2019. **PROpósito:** “Promover o desenvolvimento turístico do Estado do Paraná”.

Disponível em: <http://www.turismo.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=858>. Acesso em:



Figura 3. Mapa de localização do Memorial Água da Fonte - Capela São Maria Vianney.

Fonte: Google Map (2018)

O Memorial Água da Fonte Profeta João Maria de Jesus, está localizado a aproximadamente 12 km da sede do município de Farol – PR, em um bosque na comunidade rural Água da Fonte. O local é composto por uma fonte de água natural, Capela Ecumênica, e quiosques cobertos com churrasqueiras. E por ser um Centro de Recebimento de Romeiros, que foi construído pela Prefeitura de Farol, em 2019, é considerado por muitos moradores um espaço para o exercício da oração e meditação.



Figura 4. Memorial Água da Fonte.

Foto: Eva Simone (2019)

A narrativa historiográfica de Casemiro é interessante, uma vez que assinala para o fato de que no estudo das andanças do monge João Maria não há evidências de sua passagem no centro do estado do Paraná, embora que as fontes estimem seu trânsito no Mato Grosso. Contudo, a autora argumenta que os relatos dos primeiros moradores da localidade de Água da Fonte reportam a realização de batismos e de devoção a João Maria: “Milagres são descritos decorrentes do uso da sua água benta seja em banho, seja em forma de bebida, creditados a vários santos, porém como o poder curativo dessas águas por ele benzidas” (CASEMIRO, 2010, p. 45).

A ideia de que João de Maria tenha passado por Farol, chegando a morar na localidade onde hoje se localiza o “Memorial Água da Fonte Profeta João Maria de Jesus” contribui para a sacralização deste espaço. E se as narrativas populares estão impregnadas de um imaginário comunitário marcado pelo contato com o sagrado e com milagres que atraem moradores da cidade e da região, a cura pela água da fonte, que brotava de uma pedra em forma de chaleira, antecede a passagem do monge pela região.

As narrativas populares e os documentos oficiais como o Projeto de Revitalização da Água da Fonte do município de Farol destacam que, cerca de dez quilômetros da sede do município, localiza-se um espaço de exercício de oração, meditação e devoção. Esses documentos também destacam o potencial para as atividades turísticas. A prefeitura Municipal desenvolveu o *Projeto Técnico e Arquitetônico de Resgate Histórico da Água da Fonte – Turismo Religioso – Farol – Paraná*³⁰. Deste modo, instalou-se infraestrutura para atender a demanda turística. Em 2015, a prefeitura ganhou reforços da equipe *Paraná Projetos*, órgão vinculado à secretaria do Planejamento e Projetos Estruturantes do Estado do Paraná. Como resultados, apresentaram-se vários encaminhamentos, tais como roteirização turístico-religiosa, licenciamento ambiental, captação de recursos, qualificação de produtos e envolvimento comunitário. Entendeu-se que a revitalização deste local de peregrinação poderia dinamizar o turismo regional. Um turismo impulsionado pelos relatos de curas e milagres de moradores da localidade e de cidades vizinhas.

De acordo com relatos dos moradores, que corre de boca a boca, o monge João Maria de Jesus permaneceu nesta localidade, realizando curas, benzimentos e orações. Atualmente o lugar é um espaço de devoção ao monge e de turismo religioso, o qual recebe muitos visitantes e fieis que buscam a cura pela água e pelo barro.

³⁰ Documento na íntegra no anexo 1.



Figura 5. Inauguração do Centro de Romeiros – Farol – PR

Fonte: Eva Simone Oliveira (2019)

De acordo com a Revista informativa, os moradores mais antigos da referida cidade informam que:

[...] há muitos anos um senhor se encontrava angustiado pela enfermidade do filho, que apresentava febre muito alta. Além disso, as condições de acesso às localidades nas quais havia assistência médica naquela época eram precárias, sendo preciso percorrer longas distâncias a pé, em trilhas e picadas feitas nas matas.

Exausto e desesperado o pai adormeceu na cabeceira da cama do filho, velando seu sono. Enquanto dormia, o pai da criança sonhou com uma rocha em forma de chaleira, da qual brotava um jato de água, entre um emaranhado de árvores.

Ao despertar, o pai lembrou-se do sonho, tocou o filho e verificou que este ainda ardia em febre, assim ele esperou o dia amanhecer, e quando os primeiros raios de sol surgiram, deixando visível o imenso pinheiral que cobria estas terras, o homem se pôs a caminho da fonte revelada no sonho.

As possibilidades de encontrá-la eram poucas, mas sendo ele um homem de fé, que acreditava no que havia sonhado, a procurou por quase um dia inteiro, e quando já estava desanimado e decidido a voltar para casa e levar o filho ao médico, e estando castigado por uma enorme sede, para sua surpresa, escondido entre ramos de vegetação nativa, estava a rocha em forma de chaleira, cuja a água era límpida e silenciosa, escorria abundantemente do seu rusticó bico. O homem extasiado pela surpresa encheu as vasilhas que trazia e partiu apressado para casa.

Já era noite alta quando do rancho coberto de tabuínhas o homem se aproximou. Neste momento o olhar aflito da esposa indicava que o estado do filho havia piorado, agora ele também tremia e delirava. Logo o pai tomou o filho nos braços e o fez engolir um pouco da água que trazia, e depois com o coração abraçado de fé, sentou-o em uma bacia e foi derramando água pela sua cabeça, banhando o filho febril. Após enxugá-lo deitou ele novamente, agasalhando, pois ventava muito. A ventania estendeu-se por toda noite, por entre os arvoredos assobiava uma canção suave, como se desejasse embalar o sono do pequeno enfermo. A passarada alvoroçada anunciava a chegada de um novo dia, o vento se fora e com ele misteriosamente a febre da criança, estando ela totalmente curada.

O casal agradeceu a Deus por ter um sonho revelado, mostrando o local em que estava a água que cura, onde anos depois em sua peregrinação pelas suas terras paranaenses, vivera por um tempo o monge João Maria de Jesus, realizando curas e

dando definitivamente nome ao lugar que até hoje recebe visitas de pessoas que vão levar oferendas em agradecimento por graças alcançadas.”³¹

O caráter sagrado atribuído à localidade em razão da passagem do monge João Maria, a realização de milagres e a manifestação da devoção permitiu sua ampliação no imaginário local e regional. Deste modo, é comum o fato de que, constantemente, inúmeras pessoas busquem apoio espiritual, por meio de práticas religiosas tradicionais e populares, as quais são conjugadas neste mesmo espaço, tanto por empreendimentos particulares quanto pelo apoio do poder e aparato públicos. Assim, os devotos participam de atividades litúrgicas ao mesmo tempo que se banham nas águas, a ingerem e depositam oferendas em agradecimento pela realização de seus pedidos.

As visitas a lugares considerados sagrados são um meio de expressar a fé, de renovar a espiritualidade, de se aproximar da divindade, sendo uma forma simples de manifestar a crença, um meio de dar sentido à vida. Podemos observar a partir das discussões já explanadas nesta pesquisa, que a noção de espaço sagrado implica na atribuição de manifestações divinas neste local através da realização de milagres. Dessa forma, um lugar sagrado nunca é escolhido, mas sim descoberto, revelado, havendo sempre uma história a ser contada. No caso do Memorial Água da Fonte de Farol são muitas as histórias que colaboram para formação de um espaço místico em que narrativas populares e historiografia se encontram na figura de João Maria.

³¹ O relato sobre a lenda da Água da Fonte, foi retirado da Revista Informativa de Farol. Campo Mourão [?] S.E.D [?].

CAPÍTULO 3

NARRATIVAS DIGITAIS E PRODUÇÃO AUDIOVISUAL

É a experiência de que a arte de narrar está em vias de extinção. São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. Quando se pede num grupo que alguém narre alguma coisa, o embaraço se generaliza. É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências. (BENJAMIN, 1986, p. 197)

No texto “O narrador”, Walter Benjamin chama a atenção para a elaboração eficaz da narrativa. Para ele se trata de uma experiência renovada, envolvendo memória e criatividade, tanto por meio da escrita quanto da oralidade, a qual é remodelada pelos leitores e ouvintes. Dessa maneira, acena-se para o sujeito que a absorve, a repassa e a dissemina para o público, deixando nela, a marca de sua artesania, pois ele atua como “a mão do oleiro na argila do vaso”.³² Portanto, a questão que se coloca é a do rearranjo da narrativa (autobiográfica e audiovisual) diante dos atuais meios de comunicação (internet).

A partir destas reflexões colocamos em prática parte da perspectiva benjaminiana. Neste capítulo, consideramos a possível relação dialógica da autora com professores e o público em geral. Assim, parte-se dos procedimentos de análise filmica para a elaboração de um produto audiovisual – curta-metragem.³³ E, de fato, isso ocorreu por duas razões. Pela necessidade de valorizar a religiosidade popular, uma vez que os moradores da cidade de Farol-PR e arredores, manifestam-se de inúmeras maneiras sobre a passagem do monge João Maria, as quais se materializam nas atividades (tangíveis e intangíveis) em torno do Memorial “Água da Fonte Profeta João Maria de Jesus” e, nos relatos reproduzidos em sala de aula, tendo sempre como referência o cotidiano religioso. E, em segundo lugar, pela oportunidade de exercitar uma escrita e uma prática docente (operação historiográfica) que se fundamentou na própria experiência de professora e de ser espiritual.

No primeiro momento, apresentamos reflexões sobre as relações entre cinema, ensino de história e narrativas audiovisuais. Depois, abordamos a produção de documentário e

³² BENJAMIN, Walter. O narrador. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, arte e política:** ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 197-221.

³³ De acordo com Oliveira (1996) o neologismo “audiovisual” é resultado da junção das palavras visual e áudio, ambas sendo derivações que provém do latim. Surgiu por volta de 1930 nos Estados Unidos da América, em que avanços técnicos permitiram a transição do cinema mudo para o cinema falado, revolucionando a forma de comunicação em produções filmicas. Resumidamente recursos audiovisuais é a junção de imagens e som na transmissão de mensagens, revolucionando os meios de comunicação ao provocar a produção de novos significados a partir da interpretação das películas.

sugerimos aos professores a preparação de projetos pessoais com o objetivo de implementar atividades de ensino-aprendizagem e produto de diálogo com público (escolar e não escolar). Neste sentido, sublinhamos a importância da narrativa autorreferente, a qual pode ser uma aliada importante para o desenvolvimento de proposta de natureza semelhante a esta.

3.1 Narrativas filmicas e aulas de história

Atualmente o mundo é dominado pelos conteúdos audiovisuais e, desse modo, os vínculos entre história, cinema e imagem são explorados com frequência, tanto por políticas governamentais, reformas educacionais, quanto por investigações de cunho historiográfico.³⁴

Os audiovisuais são os recursos didáticos mais utilizados depois das aulas expositivas. Entre os professores há consenso de que eles são importantes ferramentas para a transmissão de conteúdos, sendo facilitadores da aprendizagem. Nesse sentido, enfatizamos que o papel do professor é essencial nesse processo, pois deve atuar, tanto como mediador quanto como produtor de conteúdos no meio digital. Além disso, ele deve levar em conta a repercussão de suas atividades didáticas, científicas e digitais.

As narrativas filmicas em aulas de história passam por crivos interpretativos. Esses devem despertar e provocar os alunos para as mais diferentes percepções e constatações acerca de suas linguagens. O essencial é levar os estudantes a constatarem que elas possuem discursos distintos, os quais não são neutros. E, além disso, estimulá-los, a partir da interpretação e discussão em sala da aula, a produzir seu próprio conteúdo em termos colaborativos, assumindo uma posição reflexiva visando a produção de novos olhares e novos conhecimentos, os quais ultrapassam os limites do ambiente escolar. A integração dos alunos às mídias digitais no ambiente escolar é imprescindível para a ampliação dos “saberes históricos em diferentes espaços de memórias”.

Não há dúvidas de que as mudanças tecnológicas se impuseram na organização social e no processo educacional. As novas gerações utilizam, cada vez mais, os meios digitais para se comunicar. Muitas vezes, esse uso é feito sem critérios e sem o acompanhamento dos pais. Observa-se, também, que as mídias de redes sociais se tornaram preferidas por crianças e adolescentes. E, de fato, as pesquisas comprovam que a internet não é percebida como lugar para busca de informações. Em alguns casos, esse recurso é utilizado de maneira inescrupulosa, como, por exemplo, o vazamento de imagens íntimas (*sexting*) como forma de retaliação ou de algum tipo de desvio de conduta. Em outros casos, recorre-se a esses

³⁴ FERREIRA, Rodrigo de Almeida. **Luz, câmera e história:** práticas de ensino com o cinema. São Paulo: Autêntica, 2018.

ambientes por causa dos influenciadores digitais.³⁵ Outrossim, vive-se atualmente uma fase da espetacularização cotidiana da vida dos sujeitos, por meio dos recursos tecnológicos, a qual impacta diretamente nas relações sociais e no modo de aprender. São novas formas de relacionamento pautados pela escrita, sons e imagens, mediados por ações introdirigidas e alterdirigidas: “os usos *confessionais* da internet parecem se enquadrar nessa definição: seriam, portanto, manifestações renovadas dos velhos gêneros autobiográficos. O *eu* que fala e se mostra incansavelmente na web costuma ser tríplice: é ao mesmo tempo autor, narrador e personagem”.³⁶

Pensando na autoria, na narração e na personagem, entendemos que é necessário desenvolver atividades que incentivem a pesquisa e uso de ferramentas digitais nos processos de ensino aprendizagem, a fim de alcançar o público escolar, inclusive àquele mais vulnerável e sem acesso à comunicação. A busca pelo conhecimento a partir desses recursos pode impactar positivamente no campo educacional. Especialmente com a produção de documentário de curta-metragem e elaboração de roteiro, os quais adquirem importância relevante na transmissão do conhecimento.

Não podemos esquecer que as narrativas filmicas já fazem parte do cotidiano escolar. Note-se que o clássico texto de Marc Ferro, da década de 1970, fruto de renovação na historiográfica francesa, vislumbrou o cinema como possibilidade de investigação e de diálogo entre a história e o cinema. Para o historiador, o cinema é abordado “[...] não como uma obra de arte, mas sim como um produto, uma imagem objeto, cujas significações não são somente cinematográficas”. (FERRO, 2010, p. 87). Nessa perspectiva, o cinema pode ser entendido como obra de arte, como documento ou fonte de pesquisa histórica, abarcando análises em torno da semiologia, representação e historicidade. Para os propósitos de nosso produto final dissertativo, valorizou-se a produção audiovisual e a narrativa autorreferente.

Por outro lado, devemos levar em conta as relações entre história, cinema, audiovisual e educação. Mesmo porque, os professores de história se valem de práticas didáticas relacionadas às imagens em movimento. Na sala de aula, o cinema e, em alguns casos, o documentário – se destacam por ser um recurso didático significativo e que chama a atenção dos alunos (ABUD, 2003, p. 183).

O documentário não se constitui como campo imune à asserções ficcionais, uma vez que é definido pelas intencionalidades do autor, isto é, “[...] intenção social, manifesta na

³⁵ TIC KIDS ONLINE BRASIL. Pesquisa sobre o uso da internet por crianças e adolescentes no Brasil. São Paulo: Comitê gestor da internet no Brasil, 2019, p. 33.

³⁶ SIBILIA, Paula. **O show do eu:** a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 2008, p. 31.

indexação da obra, conforme percebida pelo expectador”, e por uma narrativa, que pode ter “locução (voz over), presença de entrevistas ou depoimentos, utilização de imagens de arquivo, atores profissionais [...], intensidade particular da dimensão da tomada” (RAMOS, 2008, p. 25).

Seja no ambiente escolar, seja no ambiente não escolar, as produções audiovisuais fazem parte do cotidiano das pessoas e precisam ser refletidas. É nesse sentido que Napolitano nos alerta para o papel do professor de história auxiliar os alunos e a escola a “[...] reencontrar a cultura ao mesmo tempo cotidiana e elevada, pois o cinema é o campo no qual a estética, o lazer, a ideologia e os valores sociais mais amplos são sintetizados numa mesma obra de arte” (NAPOLITANO, 2003, p. 68).

Contudo, a pesquisa historiográfica, a prática docente e a formação de professores nessa área não são convergentes. Além disso, os conteúdos voltados diretamente pra os professores são escassos. E se para Ferreira & Almeida (2018, p. 53-54), a metodologia e o uso do cinema como fontes são imprescindíveis, apesar de “[...] a atualização em nossa formação” ser um desejo, nem sempre correspondido, entendemos que o cinema - e também a produção audiovisual - envolvem mediações e interações no ensino de história”. Nessa última particularidade, destaca-se, em perspectiva autobiográfica, a atividade extensionista de Kobelinski, intitulada e *Cinema & História: projeção e análise de filmes*, voltada ao público acadêmico e à comunidade:³⁷

As práticas coletivas criaram a necessidade de ampliar os instrumentos teóricos e metodológicos com o objetivo de trabalhar com públicos de faixas etárias diferenciadas, além de considerar outras fontes de pesquisa, tais como os próprios filmes, literaturas específicas e scripts de filmes ou documentários. De qualquer modo, minha preocupação em relação aos temas cinema e história era a de que a crítica historiográfica ficava centrada apenas no meio acadêmico e não estava voltada aos interesses e às necessidades comunitárias. Era preciso uma aproximação, oportunizando uma discussão que congregasse as práticas sociais e acadêmicas. (KOBELINSKI, 2013, p. 60)

As questões exemplificadas acima foram importantes para refletirmos a produção audiovisual. Mesmo porque, trabalhar com fontes fílmicas em sala de aula requer cuidados em razão de sua complexidade. Como alertam Ferreira & Almeida (2018, p. 112 et seq.) “é vital considerar na análise fílmica, a narrativa, a contextualização temática, a contextualização da produção, a produção financeira e a repercussão”. O que chama a atenção nesses autores é a perspectiva da história pública aplicada à análise fílmica na aula de história e as atividades

³⁷ Kobelinski, Michel, Cinema & História: projeção e análise de filmes. In: **Escritos sobre História**. São Paulo: Annablume, 2013, p. 59-73.

relativas ao processo de ensino-aprendizagem, as quais contemplam, tanto a criação de blog por parte dos alunos, quanto propostas para a sensibilização e desenvolvimento dos alunos nessa temática.

No caso da produção independente (documentário de curta-metragem), vislumbra-se o processo interno de construção. Isso porque a partir da experiência pessoal também é possível comparar elementos, tais como as questões mercadológicas, técnicas, orçamentárias, etc. Acreditamos que é nesse momento que o papel do professor, educador e pesquisador é crucial para que possamos compreender melhor como se faz e o porquê se faz conteúdos dessa natureza. Isso é significativo para que os caminhos percorridos pelos alunos no processo de ensino-aprendizagem sejam mais completos, eficientes e interativos.

A contextualização das fontes fílmico-documentais, o estudo de seu conteúdo histórico - expresso em textos científicos e educacionais - bem como o debate e sua problematização em sala de aula, a nosso ver, são procedimentos corriqueiros adotados pelos professores. A análise da narrativa exige a busca de referências históricas, teatrais, musicais, arquiteturais, de vestuário, entre outras. Ela comporta igualmente a apreciação dos usos e abusos na interpretação da história, expressos em linguagens que envolvem objetividade e subjetividade, ou ainda, ambas.

Do mesmo modo, a contextualização temática da película cinematográfica permite ao professor reforçar determinados conteúdos da grade curricular e em consequência produzir conhecimento historiográfico. As coisas ficam interessantes sob essa perspectiva. A sala de aula serve como ponto de partida para o professor elaborar artigos, resenhas, ensaios, entre outros. E, a partir dessa produção, pode-se desenvolver produtos audiovisuais, uma vez que esses, por seu dinamismo, podem atingir diretamente o público. Não se trata apenas de planejar atividades audiovisuais, mas também de produzi-las no contexto das experiências pessoais e da pesquisa de cada professor. Com isso é possível estimular os alunos a seguirem nessa direção, nas quais as atividades são coletivas e os resultados são difundidos para o público. Assim, a experiência do docente com essa tipologia de trabalho e a experiência com as redes sociais pode muito bem aliar teoria e prática.

No tocante à contextualização da produção audiovisual, objetiva-se refletir as intenções de seus produtores, metáforas e simbologias utilizadas, os vínculos com elementos históricos, culturais, sociais, entre outros, tanto em relação a ambientação histórica quanto em relação à época de sua produção. Com a produção audiovisual, que pode contar com a colaboração do alunado, os processos acima mencionados podem ser melhor compreendidos,

uma vez que há participação coletiva em sua produção, melhorando a comunicação, o engajamento e o compartilhamento entre todos.

Em relação à produção audiovisual e às mídias digitais, note-se que a pesquisa de opinião TIC Online Brasil (*Status of mind*), de 2017, analisou o uso da internet, a partir de alguns indicadores e seus efeitos na saúde mental dos adolescentes. Entre os efeitos benéficos apareceram os seguintes resultados:

- (i) aspectos comunicacionais (redes sociais, produção e compartilhamento de conteúdo); (ii) aspectos de entretenimento (vídeos, filmes, ouvir música e jogar online); (iii) aspectos de engajamento e cidadania; (iv) aspectos educacionais e de busca de informação; e (v) aspectos criativos (criação e postagem de vídeos e músicas e o desenvolvimento de blogs e sites) (TIC KIDS ONLINE BRASIL, 2019, p. 62).

Com este trabalho e produto final podemos afirmar que ele contribui para preencher uma lacuna no que se refere à produção de materiais audiovisuais voltados ao Ensino de História. Em primeiro lugar, por tentar se desvincilar de propostas de análises filmicas, as quais são amplamente difundidas. E, em segundo lugar, constata-se o problema de as postagens de conteúdos audiovisuais de adolescentes serem inferiores aos de compartilhamentos.³⁸ Trabalhar com as mídias digitais, ou seja, com a produção de documentário de curta-metragem atende em alguma medida o que se sugere nas propostas das Diretrizes Curriculares, uma vez que nos propomos a refletir no âmbito docente, produtos pedagógicos que atendam aos novos perfis de alunos. Desse modo, considerando o engajamento e a cidadania envolvidos no processo de criação de documentário, valorizam-se as atividades de ensino, pesquisa e produção. Esse encaminhamento pode aproximar os alunos da disciplina de história por meio de narrativas da própria realidade vivida. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais:

As novas tecnologias da comunicação e da informação permeiam o cotidiano, independente do espaço físico, e criam necessidades de vida e convivência que precisam ser analisadas no espaço escolar. A televisão, o rádio, a informática, entre outras, fizeram com que os homens se aproximassem por imagens e sons de mundos antes inimagináveis. [...] Os sistemas tecnológicos, na sociedade contemporânea, fazem parte do mundo produtivo e da prática social de todos os cidadãos, exercendo um poder de onipresença, uma vez que criam formas de organização e transformação de processos e procedimentos. (PCN's, 2000, p. 11-12).

A partir dessas questões, depreende-se que o uso de novas tecnologias digitais, a análise de filmes e documentários e, sua respectiva elaboração, devem ser entendidos como

³⁸ Idem, p. 62. O percentual é de 31% e 46%, respectivamente.

recursos didáticos valiosos que visam melhorar a qualidade de ensino e transformar sujeitos a partir de processos, procedimentos e mediações. Logo, o ensino de história deve enfatizar o fato de que filmes e documentários, considerados como fontes de pesquisa, não trazem verdades absolutas.

3.2 A produção audiovisual: recursos técnico-didáticos

Nesta parte do trabalho apresentamos o processo de produção audiovisual, refletindo e esclarecendo sua elaboração, processo criativo, os quais, em termos temáticos, tiveram como base, os capítulos antecedentes. Antes de tudo, é importante frisar alguns encaminhamentos. Como o projeto de pesquisa não foi enviado para o Comitê de Ética em Pesquisa da UNESPAR, não se trabalhou com seres humanos, isto é, com crianças e adolescentes. Deste modo, a própria pesquisadora coletou imagens (fotografia e iconografia) em várias oportunidades para elaborar seu produto final, além de usar fotografias cedidas por terceiros e por instituições públicas e religiosas. Contudo, esclarecemos aos professores que, no caso de pesquisa com seres humanos, cujos resultados preveem a publicação e a difusão científica, a recomendação do Ministério da Saúde é seguir estritamente a Resolução nº 510/2016, a qual consolida a proteção dos direitos humanos.³⁹ Aliás, seria interessante que Programas de Pós-Graduação, como, por exemplo, o Profhistória, instituíssem uma política ou plano de produção científica com projetos conjuntos de docentes e egressos do Programa, a fim de alavancar o conhecimento acerca do Ensino de História.

Por falar nisso, Bill Nichols levanta questões interessantes sobre a ética no cinema documentário, considerado como de representação social, o qual se contrapõe ao cinema de satisfação de desejos (ficção). A questão principal é a seguinte: “Por que as questões éticas são fundamentais para o cinema documentário?” (NICHOLS, 2005, p. 46). O argumento parte da ideia de que os documentários produzem visões de mundo relacionadas à “memória popular e à história social”. Os documentários dependem da interpretação do público, além de que as imagens são fragmentárias por não abranger a realidade. Além disto, comportam interesses distintos e apresentam pontos de vista sobre determinado tema. Isso quer dizer que eles representam indivíduos, grupos e instituições e, por meio de argumentos e estratégias de persuasão tendem a atingir o público. Assim, a ética na produção do documentário envolve a responsabilidade do cineasta ou produtor sobre as manipulações e sobre os efeitos destas na

³⁹ BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 24 maio 2016. Seção 1. p. 44-46. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>>.

vida das pessoas que estão na cena, como também a alteração que as câmeras provocam nos colaboradores e no público. Nichols (2005, p.35) sugere que os cineastas sejam responsáveis, que procedam eticamente - uso do termo de Consentimento Informado - nas relações, nas interações com as pessoas, grupos ou instituições que procuram representar, bem como no respeito aos direitos sociais e à dignidade humana:

A ética existe para regular a conduta dos grupos nos assuntos em que regras inflexíveis, ou leis, não bastam. Devemos dizer às pessoas filmadas por nós que elas correm o risco de fazer o papel de bobas ou que haverá muitos que julgarão sua conduta de maneira negativa? Deveria Ross McElwee ter explicado às mulheres que filmou em Sherman's march (1985, enquanto interagiam com ela em sua viagem pelo Sul, que muitos expectadores as veriam com exemplos de “beldades” sulistas namoradeiras e obcecadas por sexo heterossexual? (NICHOLS, 2005, p. 35)

A produção audiovisual resultante da dissertação procurou amenizar esses riscos ao falar indiretamente com as pessoas através de fotografias, tendo como tema comum O Memorial e a devoção ao monge João Maria de Jesus. Por outro lado, assumir o papel de protagonista e produtora de audiovisual (voz de deus) não significa romper as relações entre o documentário, a história e sua difusão científica. Como nosso propósito não é esmiuçar a historicidade desta temática, cabe tão-somente apontar a motivação para refletir e trabalhar com ele, principalmente pelo seu potencial educativo e pelos impactos que provoca nos expectadores, pois “[...] o pesquisador que estuda o passado é sempre estimulado nesse movimento, pelo que vivencia de um contexto do qual participa em alguma medida”.⁴⁰

Dessa maneira, consideramos o documentário como a fusão de linguagens que trabalham com o real e com o ficcional, envolvendo seleções pontuais de imagens, textos e discursos próprios, os quais tencionam para a busca, visualização e difusão do que se considera realidade. Vislumbramos aqui, em resumo, a junção de narrativas, cenários e enredos em meio digital voltados para as apreensões do *Memorial Água da Fonte Profeta João Maria de Jesus*, considerando-os como elemento possível de mediação que procura lançar luzes sobre a religiosidade popular e parte de sua historicidade. Como sublinham Katrib e Machado o audiovisual permite ao historiador “[...] utilizar sua criatividade na arte de narrar, interagindo, confrontando e revendo falas e experiências de um mesmo acontecimento sob diversas óticas a fim de desvelar a escrita oficial”. (KATRIB; MACHADO, 2015, p. 12).

⁴⁰ MORETIN, Eduardo; NAPOLITANO, Marcos; KORNIS, Mônica Almeida. (Org.) **História e documentário**. Rio de Janeiro: FGV, 2012.

A produção de um documentário de curta-metragem a partir de material fotográfico se deu em razão da praticidade de efetuar ou de se obter registros dessa natureza e, pelo fato de comportar e permitir sua fusão à narrativa, constituindo outra linguagem, através da técnica e da arte de seus produtores.

A miscibilidade entre fotografia e narrativa envolve a interpretação de memórias e de imagens (MAUAD, 1996, p. 4). No entanto, a própria narrativa também parte de elementos autorreferentes. Isoladas, as imagens não falam por si mesmas, precisam ser interpretadas. Ora, sua junção à narrativa historiográfica e à narrativa autorreferente, que envolvem o traquejo do historiador com outras fontes, expõe de maneira clara e objetiva os processos internos da produção de conhecimento e, consequentemente de seu respectivo produto final. Note-se, que, atualmente, a escrita de si é permeada por uma quantidade significativa de imagens que são registradas diuturnamente pelas pessoas. Inclusive por nós, professores e alunos. Contudo, nem sempre há o uso correto das informações e das imagens provenientes do meio virtual.

A fotografia, por outro lado, revolve e alimenta o imaginário social. No *Memorial Água da Fonte Profeta João Maria de Jesus*, a fotografia é comumente utilizada. Uma delas, tendo como tema o monge, encontra-se dentro da capela São João Maria Vianney (padroeiro dos sacerdotes ou párocos, 1925), cuja reprodução também pode ser encontrada na internet. Note-se, que na UNESPAR, campus de União da Vitória-PR, existe a Pintura Mural Profeta João Maria, de Ulysses Luiz Antônio Reis Teixeira, realizada em 1986.⁴¹ Portanto, a difusão de imagens em várias localidades e no meio virtual reforça os vínculos entre os elementos materiais e imateriais.



Figura 6. Fachada Lateral UNESPAR, campus de União da Vitória.
Pintura Mural Profeta João Maria, de Ulysses Luiz Antônio Reis Teixeira,
Foto: Michel Kobelinski, 2020

⁴¹ OLBERTZ, Ivanira Tereza. Ulysses Luiz Antônio Reis Teixeira. In: **Entrevistando a arte**. Curitiba: Serzegraf, 2013. p. 567-576. O artista é licenciado em Desenho e Pintura pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná – EMBAP, atualmente UNESPAR, campus Curitiba I.

Em seu conjunto, as imagens, como afirma Kossoy (2005, p.36), revelam formas de expressão e fragmentos do imaginário coletivo. No caso da figura mística do monge João Maria, podemos identificar vários significados, tanto ligados ao instante da produção quanto sua mudança ao longo do tempo, entre eles, àqueles relacionados à história, à religiosidade popular (devoção) e às artes (pintura, escultura em madeira, etc...).

Considerando o lugar social da análise do historiador, ancorado no Ensino de História, torna-se oportuno o uso da fotografia em conteúdo audiovisual com o objetivo de despertar o olhar dos professores e, por conseguinte, o de seus alunos. Cabe ao historiador, dar vazão à sua narrativa (LIMA, 2016, p. 173) e, no caso em tela, valorizar a religiosidade popular a partir de relações entre os elementos materiais e imateriais, isto é, imagens, monumentos e devoção. Assim, o produto final (audiovisual) pode estimular os professores a direcionar seus estudos, dentro de parâmetros éticos e acadêmicos, que orientam o processo educativo.

As experiências pessoais, do estímulo à análise de um objeto de estudo, o acesso a fundos memoriais e identitários são fundamentais, embora que saibamos de suas fragilidades. Mesmo sabendo que os fundos memoriais são seletivos, pode-se dizer que eles colaboram para a consolidação do *Memorial Água da Fonte Profeta João Maria de Jesus* como lugar de memória mediante a religiosidade popular. Por outro lado, sua apreensão pelo conteúdo audiovisual pode ser vista como oportunidade para refletir a cultura, a religiosidade e o próprio ensino de história. Aliar a escrita de si, com uso de imagens fotográficas ou filmicas, abre caminhos para que o professor seja o mediador de conteúdos para seus alunos, tornando o ensino de história significativo. Assim, a junção da escrita de si, fotografia e produção audiovisual oferecem novas possibilidades de estudo, interação, produção de conhecimento e difusão pública do conhecimento histórico.

A linguagem cinematográfica possui várias técnicas para uniformizar a comunicação entre produtores e o público. O estratagema consiste em propiciar ao público algo atrativo e que chame a atenção. Pode ser um recurso relacionado à ação temporal (diesege), a substituição de ato dramático por outro menos impactante (elipse), a ação que atrai o telespectador (foco dramático), entre outros. Os diretores usam de sua expertise, tais como cenografia, perspectivas, luz, lentes, ângulos de câmera, planos de filmagem (plano geral, médio, próximo, neutro, frontal...), etc..., para se comunicar de forma eficiente.⁴²

É claro que esses recursos devem ter como base um bom roteiro, no qual se desenvolve uma ideia, a adaptação de um livro ou de uma peça de teatro. Na produção do

⁴² RODRIGUES, Chris. **O cinema e a produção:** para quem gosta, faz ou quer fazer cinema. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 47 et seq.

curta-metragem *Memorial Água da Fonte: Religiosidade e devoção* adaptamos parte do conteúdo desta dissertação para realizá-lo, selecionando fotografias pessoais e de terceiros para adaptar conteúdo de cunho religioso e histórico para fins educativos e de divulgação em plataforma digital (YouTube).⁴³

No roteiro, descreve-se inicialmente uma síntese da ação da história (sinopse), seguida de argumento, ou seja, a descrição do roteiro, com diálogos em sequência - cenas, ações e diálogos detalhados. Entre os termos mais utilizados no roteiro estão: **corte para...** (corte de uma cena para outra), **Fade in** (imagem surgindo), **Fade out** (imagem desaparecendo), **Fusão** (simultaneamente, imagens sobrepostas, sendo que uma surge e outra desaparece), **Fusões, escurecimentos e fades** (indica passagens temporais ou ações descontinuadas), **Over shoulder - OS** (ponto de vista do ator sobre o ombro), **Ponto de vista - POV**(cena sob a perspectiva do ator), **Roteiro literário** (roteiro sem detalhes técnicos, para o público), **Roteiro técnico** (especifica os planos de filmagens e movimentos de câmera, pelo olhar do Diretor), **Voz off** (v. OFF) voz do ator sem ele estar em cena, **Voz over** (VO), voz do narrador, que comenta o que está acontecendo na cena.⁴⁴ Nichols (2005, p. 40) ao falar sobre o protagonismo do cineasta, o qual se assume no documentário ou ainda utiliza a voz de deus - voz de autoridade que se mantém anônima - surgiu na década de 1930 com o objetivo de descrever cenas, aclarar argumento, indicar soluções e propiciar evocações variadas.

É importante ressaltar que nem toda voz over é narração. A narração relaciona-se com o conteúdo e com a forma da fala. A Voz de Deus se faz sobre uma imagem, recurso este que transmite diretamente uma mensagem e causa impacto no público. Igualmente, há a ligação entre imagem e narrativa escrita, entre o que se ouve e o que se vê (KAITRIB, 2015, p.13). Convém outro esclarecimento. Os “documentários modernos” faziam uso da Voz off ou da Voz de Deus (1930-1990) e, nos “documentários contemporâneos” (1990 em diante) esse tipo de recurso caiu em desuso devido a busca pela variedade na composição audiovisual ou filmica, valorizando, sobretudo, experiências pontuais, sem criar ou pautar diagnósticos comparativos (COSTA & VREESWIJK, 2015, p. 67-68). O documentário de curta-metragem produzido a partir desta dissertação manuseia recurso não usual para abordar especificidades religiosas e monumentais, tendo como foco a religiosidade popular em torno do Monge João Maria de Jesus.

⁴³ A difusão do audiovisual será feita no Canal História Pública, UNESPAR. O canal, de Michel Kobelinski, visa o “intercâmbio de experiências que vinculem pesquisa e produção audiovisual voltadas às comunidades, ao patrimônio e à Histórica Pública: <https://www.youtube.com/c/HistóriaPública>

⁴⁴ Op. Cit. Rodrigues, 2002, p. 64-65.

Os roteiros de documentários são cada vez mais pensados e elaborados, apresentando preocupação com as fontes utilizadas e com a difusão na internet. O site Roteiros de Cinema tem seu conteúdo voltado para roteiristas profissionais e amadores, abrangendo uma grande quantidade de recursos de roteiro audiovisual. Entre os conteúdos estão: biblioteca de roteiros online, incluindo os de documentários, bibliografia especializada, manuais, cursos, softwares para edição online (a maioria tem custos), scripts, notícias, roteiristas, etc.⁴⁵

É interessante retomar a ideia de produção e difusão de conteúdos na internet por crianças e adolescentes para argumentar sobre a importância do Ensino de História e da produção de conhecimento. Portanto, pontuamos que a produção de conteúdo audiovisual exige pesquisa, o que implica em sua roteirização. Em outros termos, é preciso “conhecer o assunto”, saber o “que quer dizer” e,⁴⁶ reconhecer que a dissertação facilitou a elaboração do documentário de curta-metragem, e que o uso do argumento de autoridade para convencer ou persuadir os telespectadores sobre o ponto de vista historiográfico foi minimizado. Privilegiou-se, em grande medida, as expressões sociais e imaginárias, originalmente interpretadas de um fundo documental fotográfico.

Sabe-se, atualmente, que a Internet é um meio utilizado amplamente por professores e alunos, e que existem projetos de Ensino de História voltados para aprendizagem histórica a partir deste recurso.⁴⁷ Porém, muitas narrativas digitais são postadas, publicadas e compartilhadas de forma inadequada na Internet. O uso de músicas, imagens e vídeos e mesmo de fontes tipográficas, ícones, entre outros, em geral, faz-se sem o respeito dos direitos autorais sob o argumento da democratização digital. A internet não é um território à margem da lei. Portanto, além das questões éticas apontadas na pesquisa com seres humanos, é igualmente importante considerar a Lei dos Direitos Autorais (LDA). Ele nada mais é do que o direito de autores, pesquisadores, artistas e criadores de conteúdos, assegurarem o controle do uso de suas obras em qualquer meio.

A *Lei dos Direitos Autorais*, Nº 9.610/1998, Título I, *Disposições Preliminares*, Artigo 5º, define os aspectos relativos à publicação; transmissão ou emissão; retransmissão;

⁴⁵ Ver Roteiro de Cinema. ...disponível em <http://www.roteirodecinema.com.br/roteiros/documentarios.htm>

⁴⁶ Ibid. p. 49.

⁴⁷ Ver o projeto: Janela para História. Disponível em : <http://janelaparaahistoria.unespar.edu.br/webquest.html> , site idealizado por alunos e professores da UNESPAR, campus de Campo Mourão com a Metodologia WEbequest. O conceito é de Bernie Dodge e Tom March (1995), tendo como ação atividades investigativas através da internet. O site é voltado a História do Paraná, sendo que a quarta atividade (caso4) proposta, refere-se sobre a Guerra do Contestado. Acesso: 23/02/2020. O Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da a Escola de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas, disponibiliza em: <https://cpdoc.fgv.br/contestado/trabalhos>, um acervo com trabalhos científicos sobre o Monge João Maria. Acesso: 23/02/2020.

distribuição; comunicação ao público; reprodução; contrafação; obra em coautoria, anônima, pseudônima, inédita, póstuma, originária, derivada, coletiva, e a audiovisual. O Artigo 29, IX, Capítulo III, *Dos Direitos Patrimoniais do Autor e de sua Duração*, da base de dados, reporta o armazenamento e o arquivamento. O Artigo 77º, Título III, da *Utilização da Obra de Arte Plástica* trata dos direitos referentes à exposição, reprodução e venda de obra fotográfica e, o Artigo 81, Capítulo VI, *Da Utilização da Obra Audiovisual*, do uso autorizado de obras literária, artística ou científica para elaboração de produto audiovisual. O produto resultante desta dissertação segue estritamente estes princípios reguladores da legislação brasileira, sem causar danos a terceiros ou supressão de direitos aos autores de obras intelectuais ou artísticas.

No Brasil, a Biblioteca Nacional efetua o registro de obras intelectuais desde 1898. Atualmente o Escritório de Direitos Autorais (EDA) realiza esse serviço, incluindo-se o da obra audiovisual.⁴⁸ O site da Biblioteca Nacional fornece informações sobre a solicitação de registro de obras intelectuais e artísticas, tais como a documentação necessária, Guia de Recolhimento da União (GRU), Formulário de Requerimento de Registro e Requerimento de Serviços Correlatos. Como a produção audiovisual, em si, não poder ser registrada, considera-se apenas o roteiro, o qual está disponível nos anexos desta dissertação.

REQUERIMENTO PARA REGISTRO		<input type="checkbox"/>	VERBAÇÃO	<input type="checkbox"/>	(assine com um x)
1. DADOS DO REGISTRO (Não Preencher – a cargo da Instituição)					1.1 CÓDIGO DO VALOR:
REGISTRO Nº	LIVRO	FOLHA			
Local	/ /	Data	Assinatura do Agente Público pelo Registro		
2. INFORMAÇÕES SOBRE A OBRA INTELECTUAL (a serem preenchidas pelo(s) requerente(s))					
2.1 TÍTULO DA OBRA					
2.2 Gênero da Obra (marque com um x na coluna da esquerda):					Poema
Antologia	Conferência	Ensaios	Mapa	Religioso	
Argumento (audiônico)	Conto	Fotografia	Místico/esotérico	Romance	
Artigo	Crônica	Guia	Monografia	Roteiro (seus/ela)	
Autobiografia	Desenho	História em Quadrinhos	Música	Teatro	
Biografia	Design de Website	Literatura Infantil	Novela	Técnico	
Cartaz/folder/panfleto	Dicionário	Letra de Música	Periódico (jornal, revista)	Tese	
Comics	Didático	Livro-jogo (RPG)	Personagem	Outros	
2.3 A OBRA intelectual () Publicada () Inédita			2.4 Número total de páginas da Obra:		
2.5 PARA OBRA INTELECTUAL PUBLICADA (os dados a seguir só são informados quando a obra for publicada)					
EDITOR (A)					GRÁFICA
NUMERO DA EDIÇÃO	ANO	LOCAL DA PUBLICAÇÃO	VOLUME/SÉRIE		
2.6 Os campos a seguir são preenchidos somente por requerente(s) que deseja(m) realizar uma VERBAÇÃO a um REGISTRO já existente REFERENTE AO REGISTRO Nº _____, QUAL A ALTERAÇÃO REALIZADA: () Supressão de Conteúdo () Acréscimo de conteúdo () Mudança de Título () Averbar Transferência de Titularidade () Publicação da Obra () Outros a especificar					

Figura 7. Formulário para registro de obra intelectual ou artística – Escritório de Direitos Autorais – Ministério da Cidadania.

Pode-se considerar como produtos desta dissertação o Roteiro *Memorial Água da Fonte: Religiosidade e devoção*, em anexo, e a própria produção audiovisual homônima, disponibilizada no Canal História Pública no Youtube, com *link* na página de conteúdo do Programa de Mestrado em História Pública da UNESPAR, campus de Campo Mourão.

⁴⁸ Biblioteca Nacional (BN), é o órgão responsável pela execução da política governamental de captação, guarda, preservação e difusão da produção intelectual do país, é responsável pelo registro de obras intelectuais desde 1898, disponível: <https://www.bn.gov.br/servicos/direitos-autoriais/documentos-eda>. Acesso:23/02/2020.

Em relação à produção audiovisual, considerou-se a fotografia como matéria-prima e, seu arranjo, como artifício técnico-científico. Para esta finalidade, utilizou-se programa de computador *Vegas Pro 15*, o qual permitiu a fusão de narrativas visual, textual e sonora (Figura 08).⁴⁹ É importante dizer que o programa não é fácil para quem está começando. O que ameniza a situação são os diversos tutoriais disponíveis no YouTube. A autora e o orientador se reuniram virtualmente por meio de Hangout (Google Gmail) em seções regulares para elaborar o documentário de curta-metragem *Memorial Água da Fonte: Religiosidade e devoção*, tendo pastas compartilhadas *online* na nuvem de armazenamento (Google Drive), com arquivos fotográficos organizados da seguinte maneira: Fotos Pessoais, Fotos de Terceiros e Fotos Institucionais. Para as imagens cedidas, solicitou-se termo de doação em documento próprio, o qual informou o projeto de pesquisa e seu respectivo uso.

O recurso utilizado para a composição da faixa sonora, além de trilha sonora com temática referente ao tema da pesquisa, foi a voz narradora (voz *off*, voz *over*, voz de deus). Recorreu-se a este artifício a fim de dar sentido aos conteúdos estáticos das fotografias selecionadas a fim de destacar seus aspectos subjetivos. A voz *off*, busca a interação entre os elementos materiais (*Memorial Água da Fonte*) e imateriais (religiosidade e devoção), além de fazer aparecer a autoria do documentário e da voz narradora a fim de provocar deslocamento da esfera de persuasão para a esfera de expressão (NICHOLS, 2005, p. 41).

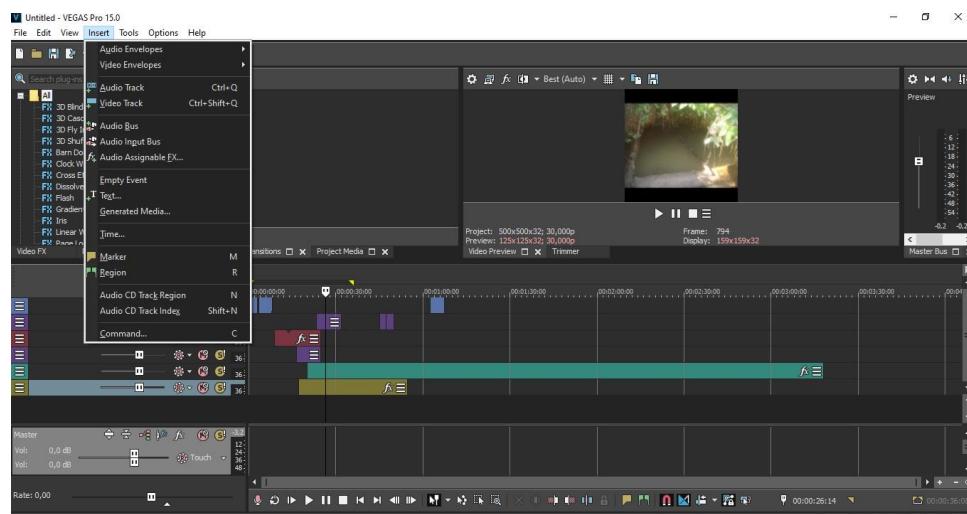


Figura 8. Edição de curta-metragem. Programa Vegas 15.

Considerando a análise da contextualização temática em Ferreira & Almeida (2018, p 118), a exemplo das informações explicativa e informativa inseridas no filme Chico Rei, de Walter Lima Junior (1985), o qual permite ao historiador realizar uma análise mais acurada do

⁴⁹ O orientador possui licença do programa Vegas Pro 15, Copyright © 2003-2015 MAGIX Software GmbH.

tema, seguiu-se o mesmo princípio na elaboração do produto da dissertação. As informações históricas e sobre as fontes foram inseridas no início da película, em texto escrito, a fim de ressaltar o trânsito de monges pelo espaço brasileiro e americano. A narração em voz over no documentário ocorre em dois momentos, na primeira parte Michel Kobelinsk da voz a narrativa que contextualiza a passagem do monge pelas terras americanas e dimensiona a sua importância para religiosidade popular e para historiografia paranaense. Na segunda parte do documentário Eva Simone de Oliveira é a voz que narra sobre a cidade de Farol-PR, sobre o Memorial Água da Fonte, sobre a religiosidade e a fé popular em João Maria. Esta, por conseguinte, procura ao longo da narrativa, caracterizar o aspecto religioso e o sentimento de devoção ao monge João Maria.

Para compor o roteiro e o documentário de curta-metragem utilizamos a fotografia e a iconografia. São referências materiais que fazem alusão ao que é intangível, em outras palavras, imagens, orações velas acesas, coleta de água e de barro. Juntos, os ex-votos expressam o sentimento de devoção de cada indivíduo que passa pelo Memorial Água da Fonte. Procurarmos montar a narrativa audiovisual a partir desses elementos sem recorrer a muitos artifícios ficcionais. Com a narrativa audiovisual, é possível refletir o olhar e a subjetividade de quem o produziu, além de gerar novos olhares e discussões, a exemplo da História Pública (KAITRIB, 2015, p. 13).

Nesta pesquisa, o produto pedagógico, encerrou narrativas sobre o objeto de estudo visando junções de conteúdos históricos e de manifestações religiosas em documentário de Figura 8 – Edição de curta-metragem. Programa Vegas 15. 66 curta-duração. Estabelecemos alguns direcionamentos para o desenvolvimento da temática dissertativa. Mas no processo criativo de produção audiovisual não é possível delimitar com precisão os caminhos a serem percorridos, uma vez que é preciso montar uma histórica com texto (roteiro), recursos visuais e sonoros, ativando certa autonomia no processo criativo. Experiência esta significativa e desafiadora, a qual pode estimular professores e alunos a trabalhar sua liberdade de expressão e criação por meio do manuseio das imagens em movimento.

Por fim, mesmo não tendo o volume desejado de respostas (14), aplicamos uma pesquisa de opinião pública intitulada *Religiosidade popular e Patrimônio Cultural: percepção da devoção ao monge João Maria e da turistificação religiosa em cidades do Centro-Sul do Estado do Paraná (Brasil)*.⁵⁰ A pesquisa foi desenvolvida por Kobelinski & Oliveira (2019) e está disposta num pequeno quadro no Museu Deolindo Mendes Pereira, em

⁵⁰ A pesquisa de opinião pública não se encerra com esta dissertação, uma vez que não foi possível coletar informações em saída de campo.

Campo Mourão, com acesso via QR Code como pode ser visto na figura 09. O objetivo da pesquisa é investigar os temas “[...] religiosidade popular/devoção, implantação de infraestrutura urbana (com fins turísticos) em locais de práticas religiosas populares ligadas à crença no Monge São João Maria na região centro-sul do Estado do Paraná (abrangendo também o Centro-Norte de Santa Catarina)” (KOBELINSKI, 2019, p. 62-63).⁵¹

Destacamos aqui apenas os dados referentes à devoção, uma vez que eles também deram suporte à elaboração do documentário de curta-metragem. Procurou-se identificar como as pessoas veem o monge João Maria e o veneram. Metade dos respondentes o consideram um rebelde, outros não sabem dizer exatamente quem foi (28,6%), alguns o consideram um santo (14,3%) e, por fim, ele também pode ser visto como um fanático (7,1%). Em relação à ação milagrosa das águas da fonte do Monge João Maria, metade dos respondentes veem nelas, simbologias religiosas, outros consideraram elementos não previstos na pesquisa (28,6%), e os demais as consideram sagradas (21,4%). Isto para um público composto em sua maioria (85%) por estudantes universitários, do sexo feminino (57,1%), os quais possuem renda entre dois e três salários mínimos (80,4 %). O que nos leva a identificar a ampla transmissão de narrativas orais sobre o monge João Maria entre gerações e classes sociais distintas nas regiões interioranas, abrangendo as cidades de Araruna, Campo Mourão, Paranavaí, Paulo Frontin e Ubiratã.



Figura 9. Pesquisa de Opinião Pública em meio virtual.

⁵¹ Ver KOBELINSKI, M. O Museu Deolindo Mendes Pereira e seu público: experiências de Ensino, pesquisa e compartilhamento. In: Ensino e Públicos, 2019, Campo Mourão. **Anais Encontro de História: Ensino e Públicos**, 2019, 20-23 de ago., v. 1. p. 62-64.

Devoção é o sentimento...

14 respostas



Como se pode constatar, verificou-se a ideia do sentimento de devoção entre os respondentes e, depois, as principais características desse sentimento. E se num primeiro momento, prevalece o sentimento de intimidade das pessoas em relação ao sagrado (35,7%), ela deve se manifestar por meio das orações, da meditação e da reflexão (50%). Entretanto, uma parcela dos respondentes não sabe dizer o que é a devoção (14,6%); outros equilibram os aspectos materiais e imateriais da devoção, isto é, consideram as atitudes internas e externas, simultaneamente (21,4%) e, por fim, o sentimento de devoção também está relacionado ao sentimento de piedade para outros (7,1%). Portanto, será necessário coletar mais dados para entender melhor este fenômeno e assim compor um quadro mais preciso.

A ideia da dissertação foi a de unificar narrativas que envolvessem autobiografia, religiosidade popular, mídias digitais e cinema, tendo como propósito a elaboração de um produto não usual em nossa prática docente. Em outros termos, falamos de uma composição cinematográfica (documentário de curta-metragem) a partir da junção de narrativas, efeitos sonoros, textos e fotografia. A pretensão é a de estabelecer uma relação dialógica com docentes e, indiretamente com os alunos e comunidade que se interessam pela temática. Como educadora pensei exclusivamente na promoção de competências e habilidades a fim de superar o trágico papel de expectadores e assumir a postura de produtores de conhecimentos e de produtos pedagógicos, os quais são tão necessários à formação democrática de nossos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar esta pesquisa, algumas perguntas surgiram. Entre elas, o motivo da escolha dos temas religiosidade popular, educação e mídias digitais. Existem várias respostas para esta inquietante questão, as quais revolveram tanto a experiência pessoal quanto a atividade profissional. Contou muito a experiência pessoal e, acima de tudo, a atitude historiadora. Igualmente a forma com que fui orientada pelos princípios cristãos desde o seio familiar e, também, a percepção de manifestações religiosas de cunho popular entre os alunos em sala de aula.

Eu constatei uma revolução nos meios de comunicação e me inspirei em educadores que se valiam de recursos tecnológicos para ensinar e aprender. Vi, a partir destes exemplos, a necessidade de adentrar estes domínios e manuseá-los. Mesmo porque as crianças e adolescentes de hoje em dia vivem num mundo digital diante do qual não devemos permanecer inertes. Vislumbrei nesta conjuntura a oportunidade de me posicionar e, ao mesmo tempo, produzir conteúdo de natureza histórica dirigida aos professores.

Outro forte motivo para este direcionamento temático foi instigado pelas narrativas de minha estimada avó materna. Com não lembrar dos relatos sobre sua infância? E sua ênfase nas benzedeiras? Ou ainda, as histórias do monge João Maria que havia ensinado a manipular ervas e fazer orações? Em sua simplicidade e, sem saber, ela se tornou uma griô por transmitir e repassar suas histórias e conhecimento, despertando em mim, a curiosidade.

Conforme progredia nos estudos, conheci um pouco da historicidade e das narrativas sobre o palmilhar do Monge João Maria pela cidade de Farol – PR. Um perambulante, por assim dizer, pleno de ensinamentos. Na graduação em Turismo e Meio Ambiente, a monografia *Turismo Religioso: A religiosidade popular como possibilidade de desenvolvimento da atividade turística* teve como objeto de estudo o Memorial Água da Fonte Profeta João Maria de Jesus. Sem dúvida, o monge é um ícone da história paranaense e figura como elemento catalizador do discurso turístico. Decidi continuar este estudo, mas sob a ótica do Ensino da História. Contudo, em termos históricos, a narrativa de sua passagem pela cidade de Farol-PR foi pouco explorada. Deste modo, este trabalho procurou preencher algumas lacunas.

Outrossim, ponderamos que esta pesquisa apresenta alguns aspectos relativos ao tema proposto, os quais ficaram restritos ao olhar e à abordagem da autora. Temos a plena consciência de que poderíamos ir além. Fizemos o que foi possível, dados os prazos

regulamentares para elaboração do texto dissertativo. Como conforto, sublinhamos que é perfeitamente possível retomar algumas ideias que ficaram pelo caminho em outro momento. Além do mais, esperamos que estas lacunas possam ser preenchidas por professores-pesquisadores que também se interessam pelo assunto.

De todo modo, consideramos que os objetivos propostos para a realização desta pesquisa e dos produtos resultantes, foram contemplados e alcançados, apesar de a investigação não se esgotar em si mesma. Vale a pena lembrar Michel de Certeau e a frustação originária de a escrita chegar ao lugar que chegou. De qualquer modo, esta situação colaborou para que a construção do objeto de análise se constituísse em torno do papel do professor no processo de ensino e aprendizagem.

Entender o “lugar social” foi fundamental para o desenvolvimento desta pesquisa, especialmente por nortear caminhos e reavivar paisagens memoriais e históricas. Sabemos que a história não significa mera exposição de fatos, datas, acontecimentos e veneração de personalidades. O papel do historiador é problematizar seu objeto e torná-lo conhecido, como a si mesmo. Nossa atuação como historiadora e professora abrangeu envoltórios políticos, sociais e culturais, permeados por argumentos e seleções pontuais. Eles implicam em percursos reflexivos que podem ser trilhados por discentes e por colegas de profissão. O trabalho do educador não é meramente técnico. Não se restringe ao ambiente acadêmico e escolar. Não se trata de uma profissão desvinculada das ações sociais e políticas, as quais dão sentido à sociedade no tempo presente. Ao contrário, os historiadores produzem saberes e, ao mesmo tempo, não podem fugir da subjetividade da pesquisa e de si mesmos.

A busca de significados e a compreensão dos mecanismos de funcionamento do imaginário social em suas expressões religiosas se tornaram objeto de estudo. Trilhando nesses tortuosos caminhos, priorizou-se a análise de linguagens e narrativas a fim de organizar as ideias para a dissertação. Simultaneamente, aglutinamos em numa única narrativa, voz, sons, fotografias e locução. Juntas elas compõem um produto reflexivo que instiga o debate sobre um tema rico, complexo e apaixonante.

Não é intenção da pesquisa e de seus produtos (roteiro e produção audiovisual) criar um modelo de prática historiadora. Contudo, alertamos os colegas de profissão para terem boas práticas em pesquisa. Ética em pesquisa e o respeito aos direitos das outras pessoas é fundamental. A ideia principal desta dissertação consistiu em levar o debate sobre as práticas pedagógicas para outro nível de comunicação e interação, a fim de valorizar, durante o processo formativo, tanto o lugar social de alunos e professores, quanto a possibilidade de construir e refletir sobre o uso de narrativas que estimulem o uso das mídias digitais.

Ao explorar as narrativas sobre a possível passagem do monge João Maria de Jesus pela cidade de Farol – PR, e sua manifestação imaginária, representada no *Memorial Água da Fonte: Profeta João Maria de Jesus* e, além de observar aspectos do sagrado, valorizamos não apenas um local de devoção, um lugar de história e de memória, mas acima de tudo, uma comunidade de sentidos.

Nos capítulos desta dissertação exploramos algumas nuances narrativas. Inicialmente nos concentramos nas práticas docentes relativas ao ensino de História, com o propósito de valorizar tanto a história quanto o local e a comunidade. Em seguida, as narrativas sobre o Monge João Maria e o Memorial Água da Fonte visou situar os leitores para o ambiente social e temporal da pesquisa. Por fim, nas narrativas digitais e na apresentação de produto audiovisual, concentrarmo-nos nas articulações entre cinema/história e na produção audiovisual como recurso didático. Para isso, foi necessário leitura e releitura de textos, uso da escrita de si, preparação de texto e de roteiro para o público, além da edição audiovisual. Em outros termos, o texto dissertativo serviu para compor o roteiro e, as fotografias selecionadas (fotografia), efeitos sonoros e locução refletem ideias e fatos suscitados pela narrativa da dissertação.

A opção pelo audiovisual se deu em razão da produção de vídeos de curta duração na internet. Eles são, em sua maioria, fruto de trabalho caseiro e, alguns, podem ser considerados profissionais. Geralmente atingem grandes públicos, tendo índices altos de acesso, principalmente entre adolescentes e jovens. O principal problema é o da atuação docente nesta direção. Deste modo, surgiu a ideia de estabelecer um diálogo com docentes que ensinam história e, também, com aqueles que tratam destes temas. Foi assim que gestamos a ideia de narrar a passagem do monge por Farol – PR, a partir da linguagem cinematográfica.

Para tanto foram realizadas algumas visitas à localidade com finalidade de levantar dados e informações, além de participamos da inauguração do *Centro do Romeiro* no *Memorial Água da Fonte* (03/11/2019). Nesse aspecto, pode-se constar o esforço por parte do poder público (Prefeitura Municipal) em estimular o desenvolvimento de um turismo religioso. Outro ponto que se destaca é o compartilhamento de espaços entre a igreja católica e a Prefeitura Municipal. Estas instituições convivem entre si, sendo que cada uma tem seu espaço de atuação bem delimitado. A capela funciona dentro do *Memorial* e é administrada pela igreja; o restante da estrutura do memorial é administrado pela Prefeitura Municipal.

Os resultados da dissertação são relevantes, mas seu impacto ainda não é sabido. Esperamos que ela possa contribuir para com os estudos de história local e assim, abrir novos caminhos a serem percorridos. Por fim, como pesquisadora e profissional da educação, tenho

a emoção em concretizar este trabalho. Os desafios foram enormes. Em certos momentos o cansaço apareceu. Contudo, autora e orientador, resistiram e continuaram a dar vazão ao seu ofício. Daí resulta a materialização de sonhos e ideias, o compromisso e o respeito com a vida humana e suas formas de expressão. Vivenciaram-se não só experiências e oportunidades de exercitar os saberes, conhecimentos e limites. Ampliaram-se horizontes e se oportunizaram reflexões sobre aprendizados e trocas, tornando possível a construção de algo valioso à autora e à comunidade de Farol-PR.

REFERÊNCIAS

ABUD, K. M. **A construção de uma Didática da História: algumas idéias sobre a utilização de filmes no ensino.** *História* [online]. 2003, vol.22, n.1, pp.183-193. ISSN 0101-9074. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-90742003000100008>. Acesso: 22/01/2020.

BARCA, I. Educação Histórica: pesquisar o terreno, favorecer a mudança: In: BARCA, I; SCHMIT, M.A (Orgs). **Aprender história:** perspectivas da educação Histórica. Ijuí: Editora Unijuí, 2009, p. 53-76.

BARBOSA, R.C. **História do Paraná:** Uma Abordagem da História Regional; Influência Religiosa do Monge João Maria de Jesus no Vale do IVAÍ/PR. XV Encontro Regional de História. Curitiba 2016.

BENJAMIN, W. O narrador. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, arte e política:** ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 197-221.

BITTENCOURT, C. **Livro didático e saber escolar:** 1810-1970. Autentica: Belo Horizonte, MG, 2004. p. 60-61 e 164-168.

BURKE, P. **A Escola dos Annales** (1929-1989): a Revolução Francesa da Historiografia. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. **Guia de Livros Didáticos PNLD 2008:** Matemática. Brasília: MEC, 2007

_____, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 9394/1996.

_____, Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental.** Brasília, MEC/SEF, 1998.

_____, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** história, geografia. Brasília, MEC/SEF, 1997.

_____, IBGE. Censo Demográfico, 2010. Disponível:
<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/farol/panorama> .Acesso: 09/02/2020

CABRAL, O. R.. **A campanha do contestado.** 2. ed. Florianópolis: Lunardelli, 1979.

CAIMI, F. E.. **História escolar e memória coletiva:** como se ensina? Como se aprende? In: MAGALHÃES, Marcelo; ROCHA, Helenice; CONTIJO, Rebeca. (org.). A escrita da história escolar: memória e historiografia. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009. p. 65-79.

CARDOSO, G.. **Farol Nossa Terra Nossa Gente.** Farol: Editora Panorama Ltda, 2006.

CASEMIRO, S. P. (org.). **Compêndio sobre o Caminho de Peabiru na COMCAM –** Comunidade dos Municípios da região de Campo Mourão – PR/ Micro-região 12 do Paraná. VOL VII. Campo Mourão. Sisgraf, 2010.

CERTEAU, M. de. **A Escrita da História.** Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

_____, **A escrita da história.** Rio de Janeiro: Forense, 2011.

_____, **La escritura de la historia.** México: Universidad Iberoamericana, 1999.

COLET, S.S.O **Contestado e suas ressignificações:** uma experiência em sala de aula. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Os Desafios da Escola Pública Paranaense na Perspectiva do Professor PDE, 2013. Curitiba: SEED/PR., 2016. V.1. (Cadernos PDE). Disponível em: <<http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=20>>. Acesso em:08/02/2020.

CORSETTI, B.; CANAN, S. R.. **A Formação Docente na área de História:** Reflexões a partir das análises das Diretrizes Curriculares para a Formação de Professores da Educação Básica. In: BARROSO. V. L. M. (Org). Ensino de história: desafios contemporâneos. Porto Alegre: Est: Exclamação: ANPUH/RS, 2010.

COSTA, C. B. VREESWIJK, A. M. D. **Imagem, Narração e Subjetividade em Terra para Rose eo Sonho de Rose.** In: KAITRIB, Cairo. M. I. MACHADO, M. C. T. (org). Histórias & Documentário: artes de fazer, narrativas filmicas e linguagens imagéticas. São Paulo: Verona 2015.

CHARTIER, R. **A História Cultural:** entre práticas e representações. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

_____, R.; CAVALLO, G. (Org.) **História da leitura no mundo ocidental** 2. São Paulo: Ática, 1999. (Coleção Múltiplas Escritas).

_____; CAVALLO, G. (Org.) **História da leitura no mundo ocidental** 2. São Paulo: Ática, 1999. (Coleção Múltiplas Escritas).

CHEVALLARD, Y., BOSH, M. e GASCÓN J. **Estudar Matemáticas o Elo entre o Ensino e a Aprendizagem.** Arimed. Porto Alegre, 2001.

CHOAY, F. **A alegoria do patrimônio.** São Paulo: Unesp, 2001, p.11.

DOMINGUES, G.S. **A dimensão da espiritualidade como eixo curricular no ensino religioso a partir das (pro)posições basilares presentes no sentido de ser das cosmovisões.** CONGRESSO INTERNACIONAL DA FACULDADES EST, São Leopoldo. Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST. São Leopoldo: EST, v. , 2016

DROYSEN, Johann Gustav. **Manual de Teoria da História.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

DURKHEIM, E. **As Formas Elementares da Vida Religiosa,** São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ELIADE, M. **Origens:** História e Sentido na Religião. Lisboa: Edições 70, 1969

- _____, M. **O sagrado e o profano.** São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FERREIRA, R. A. **Luz, câmera e história:** práticas de ensino com o cinema. São Paulo: Autêntica, 2018.
- FERRO, M. Cinema e História. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 2010.
- FISCHER, R.M.B. **Cine-Autobiografia em Agnès Varda:** a potência de fragmentos desordenados de memória. In: DIAS, C.M.S. PERES, L.M.V. (org). Territorialidades: imaginário, cultura e invenção de si. Porto Alegre: EDIPUCRS; Natal: EDUFRN; Salvador: EDUNEB, 2012.
- FONSECA, S. G. **Caminhos da história ensinada.** Campinas: Papirus, 1993.
- _____, S.G. **Fazer e Ensinar História.** Belo Horizonte: Dimensão, 2009.
- HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva.** Tradução de Beatriz Sidou. 2^a ed. São Paulo: Ed. Centauro, 2013.
- HERMAN, J. Prefácio. In: KARSBURG, A. O. **O Eremita das Américas:** a odisseia de um peregrino italiano no século XIX. Santa Maria: Editora da UFSM, 2014.
- KAITRIB, C. M. I. MACHADO, M. C. T. (org). **Histórias & Documentário: artes de fazer, narrativas fílmicas e linguagens imagéticas.** São Paulo: Verona 2015 p.266.
- KARSBURG, A. O.. **O Eremita do Novo Mundo:** a trajetória de um peregrino italiano na América do século XIX (1838-1869). Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Rio de Janeiro, IFCS-PPGHIS, Rio de Janeiro, 2012. 480p.
- _____, A. O. **O Eremita das Américas:** a odisseia de um peregrino italiano no século XIX. Santa Maria: Editora da UFSM, 2014.
- KOBELINSKI, M., Cinema & História: projeção e análise de filmes. In: **Escritos sobre História.** São Paulo: Annablume, 2013, p. 59-73.
- _____, M. O Museu Deolindo Mendes Pereira e seu público: experiências de Ensino, pesquisa e compartilhamento. In: Ensino e Públicos, 2019, Campo Mourão. **Anais Encontro de História:** Ensino e Públicos, 2019, 20-23 de ago., v. 1. p. 62-64.
- KOSSOY. B. **O relógio de Hiroshima:** reflexões sobre os diálogos e silêncios das imagens. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 25, nº 49, p. 35-42 - 2005
- LIMA, E. S. **Guilherme Gluck:** A Coleção, o fotógrafo e a educação. (1920-1950). *Hist. Educ.* [online]. 2016, vol.20, n.49, pp.163-185. ISSN 1414-3518. <https://doi.org/10.1590/2236-3459/59540..>
- LOSADA, J.Z. **Memória e Messianismo.** In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. O professor PDE e os desafios da escola pública paranaense, 2008. Curitiba: SEED/PR., 2011. V.1. (Cadernos PDE). Disponível em:

<www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=20>. Acesso em 20/02/2020.

MARTINS, E R.. Apresentação. In: J. R. **E o ensino de história**. (org.) SCHMITD, M. A.; BARCA, I. Curitiba: Ed. UFPR, 2011.

MAUAD, A. Ma.. **Tramas do Tempo**: fotografia como suporte de experiências e memórias. - TEMPO, Rio de Janeiro, vn, 1996.

MILESKI, A. C. F.; APRIGIO, A.; **Teoria e ação: a aplicabilidade do plano de trabalho docente no cotidiano escolar**. R. Eletr. Cient. Inov. Tecnol, Medianeira, v. 8, n. 16, 2017. E – 5090. Disponível em: Acesso em: 23/07/2019.

MERCADO, L. P. L. **FORMAÇÃO DOCENTE E NOVAS TECNOLOGIAS**. In: IV Congresso RIBIE, Brasília 1998.

MORAES, D. Imaginário social e hegemonia cultural. Jul./2012. Fonte: Especial para Gramsci e o Brasil. Disponível em: <https://www.acessa.com/gramsci/?page=visualizar&id=297>. Acesso: 28/06/2019.

MORETIN, E.; NAPOLITANO, M.; KORNIS, M. A.. (Org.) **História e documentário**. Rio de Janeiro: FGV, 2012.

MULLER, L.A. **Monge João Maria: Suas lendas, suas fontes de água Santa e a prática do batismo**. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. O professor PDE e os desafios da escola pública paranaense, 2010. Curitiba: SEED/PR., 2014. V.1. (Cadernos PDE). Disponível em: <www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=20>. Acesso em 21/02/2020.

NAPOLITANO, M. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2003.

NASCIMENTO, N. **Casa Verde**. Curitiba: Juruá, 2010.

_____, N. **A revolução do Brasil**. Curitiba: Instituto Memória Editora, 2008.

NICOLAZZI, F. **A narrativa da experiência em Foucault e Thompson**. In: Anos 90, Porto Alegre, v. 11, n. 19/20, p. 101-138, jan./dez. 2004.

NICHOLS, B. **Introdução ao documentário**. Campinas: Papirus, 2005.

NOIRET, S. **História Pública Digital**. Liinc em Revista, v. 11, n. 1, 2015. <http://revista.ibict.br/liinc/article/view/3634>

NORA, P. **Entre memória e história**. A problemática dos lugares. Projeto História, São Paulo: PUC, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

OLBERTZ, I. T. Ulysses Luiz Antônio Reis Teixeira. In: **Entrevistando a arte**. Curitiba: Serzegraf, 2013. p. 567-576. In: **Entrevistando a arte**. Curitiba: Serzegraf, 2013. p. 567-576.

O artista é licenciado em Desenho e Pintura pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná – EMBAP, atualmente UNESPAR, campus Curitiba I.

OLIVEIRA, E. S. Turismo Religioso. A religiosidade popular como possibilidade de desenvolvimento da atividade turística. 2007. 43f. Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade de Ciências e Letras de Campo Mourão, Campo Mourão 2007.

OLIVEIRA,V.M.F. **Sobre “O Cuidado de Si”, Formação e Experimentações Autobiográficas.** In: Territorialidades: imaginário, cultura e invenção de si. (org) DIAS, C. M. S; PERES, L. M. V. Porto Alegre: EDIPUCRS; Natal: EDUFRN; Salvador: EDUNEB, 2012.

OLIVEIRA, H. J. C. Os meios audiovisuais na escola portuguesa. Universidade do Minho, Instituto de Ciências da Educação, Braga 1996, pp. 122- 127.

OTTO, R. O sagrado: aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional. Tradução de Walter O. Schlupp. São Leopoldo: Sinodal, EST; Petrópolis: Vozes, 2007.

PARANÁ. Secretaria do Estado da Educação. Superintendência da Educação. Diretrizes Curriculares da História para a Educação Básica. Curitiba: SEED, 2008.

PEIXOTO, D. Campanha do Contestado I – Raízes da Rebeldia. Curitiba: Fundação Cultural, 1995.

PRESTES, A. L. O Historiador Perante a Historiografia Oficial. Germinal: Marxismo e Educação em Debate, Londrina, v. 1, n. 2, p. 91-96; jan. 2010.

RAMOS, F. Mas afinal o que é documentário. São Paulo: Editora Senac, 2008.

RICOEUR, P. A memória, a história, o esquecimento. Trad. Alain François et al. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007

REVISTA. Informativa de Farol. Campo Mourão [?] S.E.D [?].

RODRIGUES, C. O cinema e a produção: para quem gosta, faz ou quer fazer cinema. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 47 et seq.

SANTOS, M. L, PERIN, C. S. B. Planejamento: a importância do plano de trabalho docente na prática pedagógica. **Cadernos do PDE.** Curitiba: Seed, 2010. Disponível em: http://www.diaadiaducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2010/2010_fafipa_ped_artigo_ana_aparecida_tormena.pdf. Acesso: 20/07/2019.

SIBILIA, P. O show do eu: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 2008, p. 31.

SILVA, G. S. História Local: uma experiência em educação histórica Curitiba, Cadernos PDE, 2009, p. 1-33. Disponível em <http://www.diaadiaducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1487-8.pdf>

SCHIMIDT, M. A.; CAINELLI, M. R. Ensinar história. São Paulo: Scipione, 2004.

SWARBROOKE, J. **Turismo sustentável: meio ambiente e economia.** São Paulo: Aleph, 2000.

TIC KIDS ONLINE BRASIL. **Pesquisa sobre o uso da internet por crianças e adolescentes no Brasil.** São Paulo: Comitê gestor da internet no Brasil, 2019, p. 33

TONON, E. **Os Monges do Contestado:** Permanências, Predições e Rituais no Imaginário. Palmas: Kaygangué, 2010.

_____, E. **Saga da Família Ruschel:** reminiscências históricas de longa duração de Sebastião e Renato. União da Vitória, Kaygangué, 2010.

THOMAS, K. **Religião e o Declínio da Magia:** crenças populares na Inglaterra, século XVI E XVII. São Paulo: Companhia das Leiras, 1991.

VEYNE, P. M.. **Como se escreve a história: Foucault revoluciona a história.** 4^a ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

WHITE. H. **Meta-história: a imaginação histórica do século XIX.** 2^a ed. São Paulo: EDUSP, 2008.

WOITOWICZ, K. J. **Imagem contestada:** a guerra do contestado pela escrita do diário da tarde (1912-1916). Ponta Grossa: Editora UEPG, 2014.

WORCMAN, K. **História oral, histórias de vida e transformação.** In: SANTHIAGO, R.; MAGALHÃES, B. V. (Org). Depois da utopia: A história oral em seu tempo. São Paulo: Letra e Voz: Faesp, 2013.

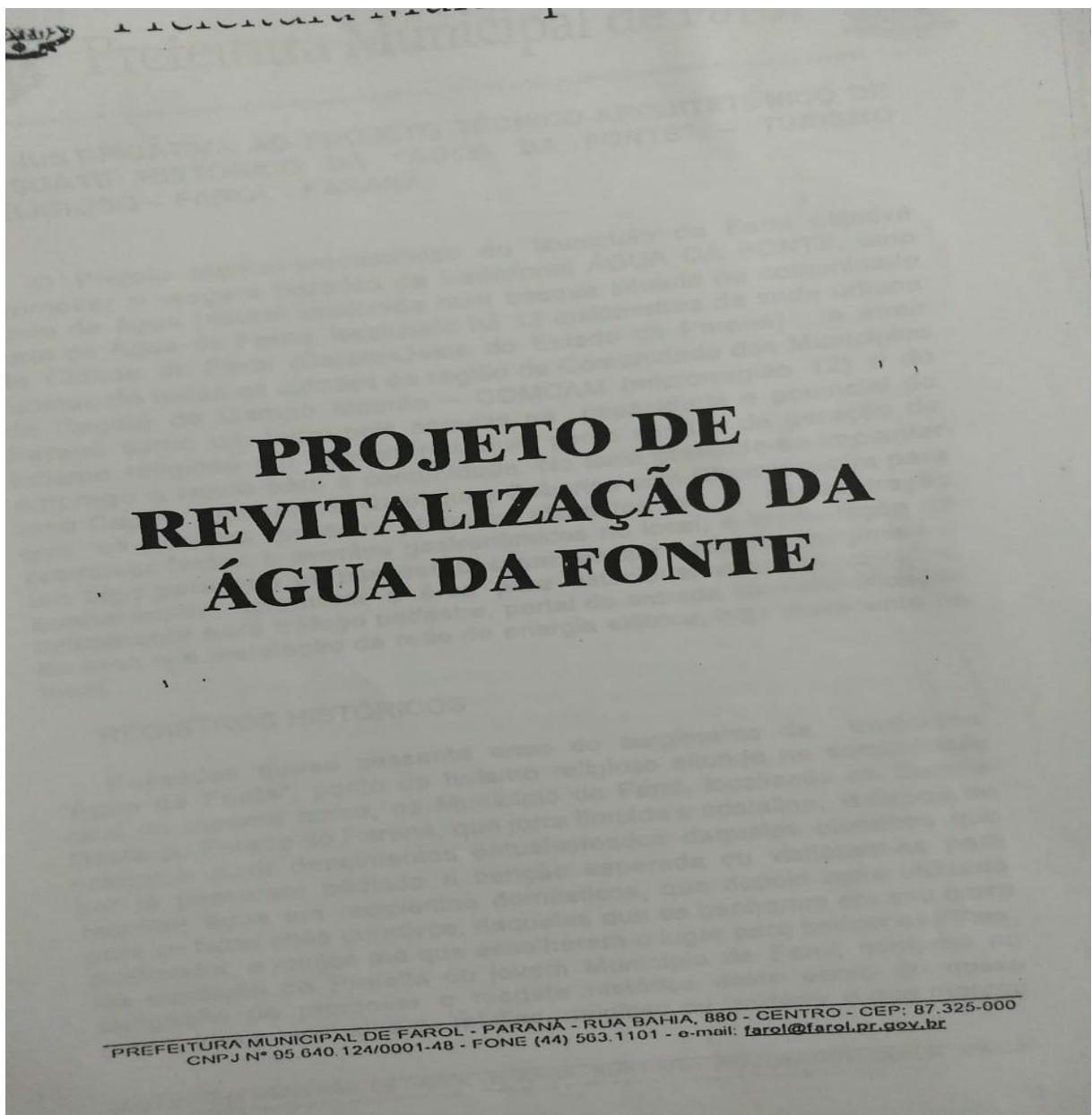
ZASLAVSKY. S. S. **História Comparada em aula de História:** Qual, por que e como trabalhar? In: BARROSO. V. L. M. (Org). Ensino de história: desafios contemporâneos. Porto Alegre: Est: Exclamação: ANPUH/RS, 2010.

FONTES

Filme CHICO REI. LIMA Jr., Walter. Embra - filme, 1985. VHS (115 min), son., color.

ANEXOS

ANEXO I - Projeto de Revitalização Água da Fonte.





Prefeitura Municipal de Farol



JUSTIFICATIVA AO PROJETO TÉCNICO-ARQUITETÔNICO DE RESGATE HISTÓRICO DA "ÁGUA DA FONTE" – TURISMO RELIGIOSO – FAROL - PARANÁ

O Projeto técnico-arquitetônico do Município de Farol objetiva promover o resgate histórico da tradicional ÁGUA DA FONTE, uma fonte de água natural localizada num bosque situada na comunidade rural da Água da Fonte, localizada há 12 quilômetros da sede urbana da Cidade de Farol (Centro-Oeste do Estado do Paraná) e atrair turistas de todas as cidades da região da Comunidade dos Municípios da Região de Campo Mourão – COMCAM (microrregião 12) e do Paraná como um todo; pois acredita na capacidade e potencial do turismo religioso em converter-se num ponto atrativo de geração de emprego e renda para a comunidade. No local pretende-se implantar uma Capela Ecumênica, Quiosques Cobertos com Churrasqueira para que os turistas possam preparar alimentos ou a administração promover festas e eventos gastronômicos no local, a implantação de um lago para que as pessoas possam realizar batismos religiosos e banharem-se, estruturar a área para estacionamento de veículos, calçamento para tráfego pedestre, portal de entrada com identificação da área e a instalação da rede de energia elétrica, hoje inexistente no local.

REGISTROS HISTÓRICOS

Passados quase sessenta anos do surgimento da tradicional "Água da Fonte", ponto de turismo religioso situado na comunidade rural do mesmo nome, no Município de Farol, localizado no Centro-Oeste do Estado do Paraná, que jorra límpida e cristalina; e depois de coletar e ouvir depoimentos entusiasmados daqueles pioneiros que por lá passaram pedindo a benção esperada ou visitaram-na para recolher água em recipientes domésticos, que depois seria utilizada para se fazer chás curativos, daqueles que se banharam em seu barro purificador, e muitos até que escolheram o lugar para batizar os filhos. Na condição de Prefeita do jovem Município de Farol, senti-me na obrigação de promover o resgate histórico deste ponto do nosso mapa, que possui algo de místico, religioso ou lendário, e que marcou



Prefeitura Municipal de Farol



definitivamente a vida e as lembranças antigas de nossos antepassados.

Dizem os poucos historiadores que estudaram a vida dos monges, que a "Água da Fonte" foi batizada pelo Monge conhecido popularmente como João Maria de Jesus e para aqueles cheios de fé e que procuravam alívio para seus males através da água dita milagrosa, São João Maria de Jesus. O que se sabe, ao certo, é tratar-se do mesmo herói da Guerra do Contestado que também foi homenageado e empresta o seu nome ao tradicional "Parque Estadual do Monge da Lapa", no centenário Município da Lapa - PR.

Chegaram-nos até nós, relatos dando conta que João Maria de Jesus ou João Maria de Agostinho, como era conhecido, chamava-se Atanás Markaff e era de origem francesa.

Veio do Sul da Argentina, onde se criou. Usava vestimenta pobre, dizendo-se nascido no mar e que, aos 11 anos, durante um sonho, recebera a missão de andar quatorze anos pelo mundo, sem comer carne as quartas, sextas e sábados e sem pousar na casa de ninguém.

O Escritor Ângelo Dourado, no seu livro Voluntários do Martírio, editado em 1896, dá uma descrição sobre João Maria de Jesus, ao narrar sobre a retirada das tropas revolucionárias de 1893 de volta ao Rio Grande do Sul, após transpor o Rio do Peixe, dizendo o seguinte: "Pela manhã o seguimos chegando à tarde, numa pequena aldeia de fabricantes de erva-mate. Aqui começaram os domínios de um célebre monge que tem percorrido toda a região missionária, plantando cruzes em frente das casas, designando árvores, que se diz serem sagradas, aonde os crentes habitantes destas regiões e vão a certas noites rezar, levando cada qual um rolo de cera que acendem ali".

Quem não conhece as tradições desse monge, assusta-se vendo alta noite no meio do mato aquela porção de luzes em redor de uma árvore e aqueles vultos silenciosos prostrados e imóveis ali. Crimina muito estas práticas grosseiras; elas porém são úteis para os povos pouco educados; são os corretivos para seus atos.

Que diferença poderá haver entre as pessoas crentes de uma grande cidade ajoelhados ante a estátua de um santo, no meio das luzes profusas onde o brilho do ouro, a fumaça do incenso, a figura do Sacerdote parece levá-las ao país místico que chamam Céu, e esses pobres ignorantes que em certo dia e certa hora, Deus repousa naquela árvore que lhes indicaram, e eles ali vão e oram, na



Prefeitura Municipal de Farol



simplicidade da linguagem quase rudimentar crendo que Deus os ouve, os vê, os protege, os perdoa?

Esses pobres crentes não dissolverão sociedades, não aniquilarão costumes tradicionais de famílias, não compreenderão o que seja ordem e progresso, senão no trabalho de cada qual para viver e no respeito mútuo porque o que faltar a esse respeito será punido.

O monge é um tipo especial que convém ser conhecido. Caminha só por esses sertões, nada conduz, nada pede. Se, chega à uma casa, dão lhe de comer, ele só aceita o que é mais frugal e uma pequena quantidade; não dorme dentro das casas, a não ser nas noites de chuvas torrenciais.

Conversa com os moradores sem ostentação, sem impostura, sua conversa é calma, como quem fala para si só, porém todos o ouvem, todos lhe obedecem, sua figura é humilde, porém todos o respeitam e estimam. Nunca diz para onde vai, nem quando. Anoitece e não amanece; raramente, porém, passa por um lugar mais de uma vez. Quer chover, quer os rios estejam transbordando vai-se. Não há canoas e ele passa, ninguém sabe dizer como passou. Alguns garantem que não se molha quando passa os rios, outros que passa por eles caminhando, em pé sem afundar. Uma reminiscência talvez da história de Cristo sobre as ondas em Cafarnaum.

Enquanto esteve no Paraná, circulou por todas as cidades existentes na época e, pelos lugares por onde andou, sua figura ficou ligada a ocorrências até hoje inexplicáveis e foram transmitidas de pai para filho como sendo milagres de São João Maria.

Por onde passava, abençoava nascentes e olhos d'água, plantava cruzeiros e, em muitos deles, quando possível, deixava inscrições como orações para o povo.

Essas fontes, como a que existe em Farol, muitas ficaram famosas pelas curas que realizaram em pessoas crentes, e que buscaram ali um lenitivo para seus males e aflições.

Na memória popular persistem as histórias narradas pelos mais velhos e na nossa tradicional Água da Fonte, amontoam-se as oferendas, roupas e peças de promessas de pessoas que alcançaram as graças pretendidas, ao invocar o nome do Santo.

A história permitiu chegar até nós, dentre outras, as seguintes profecias de João Maria:

— Pestes terríveis e desconhecidas assolarão os campos e abaterão o gado. Ervas venenosas, destruirão, também. A miséria

Prefeitura Municipal de Farol

O haverá a muitas portas e para o acúmulo de infortúnio, doenças desconhecidas atacarão o povo e farão grande mortandade. Guerras virão ao mundo. Para vós, em não muito longes dias, por causa de propriedade nas fronteiras, tereis uma guerra com os filhos dos castelhanos.

— Nos campos haverá muito pasto e pouco rastro. A criação irá se acabando e as terras perderão a força e muito pouco alimento fornecerão aos homens.

— A Capela Cristã erguida na comunidade da Água da Fonte têm como seu Padroeiro Santo Antônio, o mesmo que é cultuado na Igreja Matriz da sede do Município. Acredita-se que João Maria tenha nascido por volta de 1800 e falecido em 1872, pois após ter saído do Município da Lapa, Paraná, em direção ao Rio Grande do Sul, quando se acredita aportou por aqui, consta que naquele Estado foi preso devido à desconfiança dos políticos da época que maquinavam contra o Império. Levado à Corte, no Rio de Janeiro sob a acusação de agitador, Dom Pedro o libertou por não ver nele culpa alguma.

De lá, voltou ao Ipanema, instalando-se numa gruta próxima a uma fábrica, onde desapareceu durante o ano de 1872, provavelmente atacado por algum animal, pois no local só se encontrou sinal de sangue. O Município de Farol perpetuou a memória deste homem simples, a exemplo daqueles que aqui nasceram ou escolheram viver, elegendo esta terra como seu berço e túmulo; local da redenção como filhos do mesmo Pai.

Água da Fonte

Distante, da sede urbana do Município de Farol, uns 12 quilômetros, o bosque localizado na comunidade abriga uma fonte natural com uma água cristalina, límpida e fama de milagrosa.

Conforme ditos populares, o seu fundador foi mesmo o dito Profeta João Maria de Jesus, o mesmo que andou também por Prudentópolis, Ponta Grossa, Guarapuava, Lapa, Irani e outros locais. Segundo as narrativas, João Maria de Jesus, tinha por cenário as selvas, por espectadores os homens simples e por lema, o amor ao próximo. O Profeta, percorreu por muitos anos os sertões centrais do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Com toda a sua humildade, sem receber um tostão sequer por seus trabalhos, não tinha hora certa para suas refeições, pois sua alimentação era feita por plantas e



Prefeitura Municipal de Farol

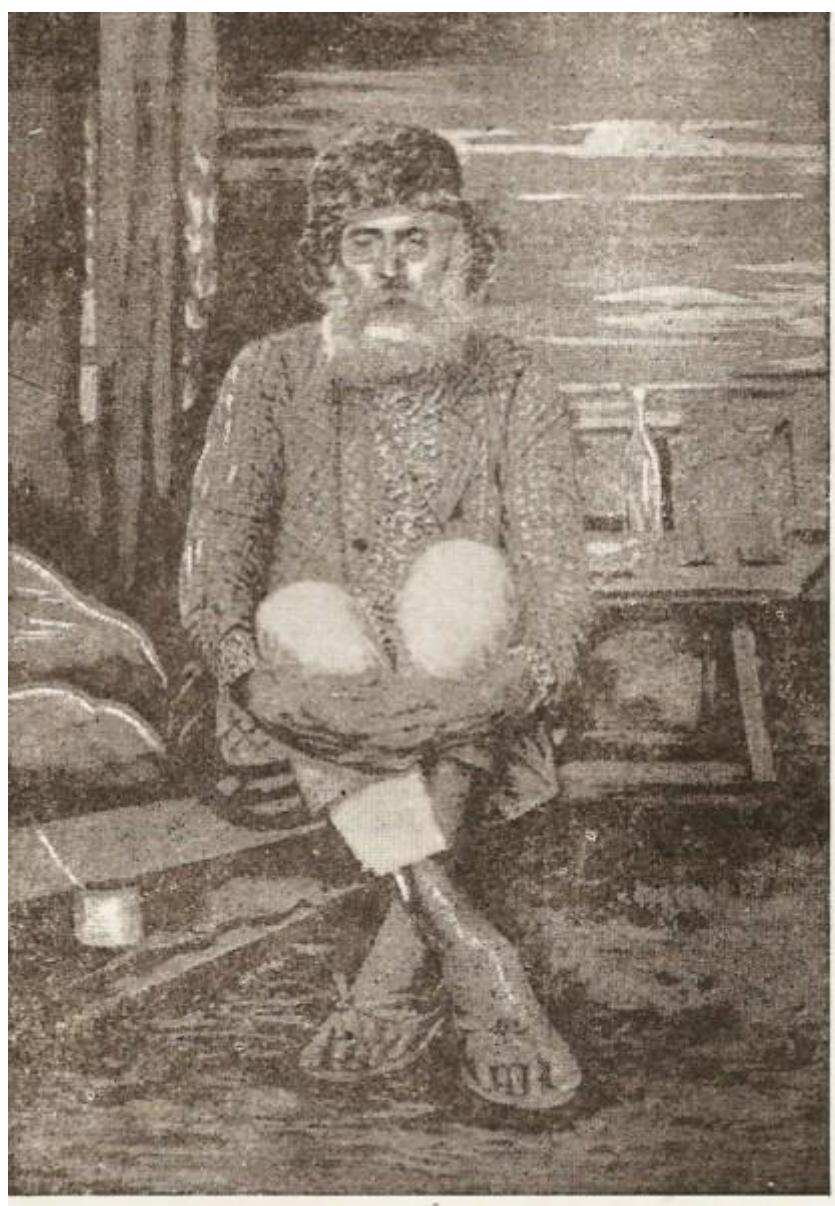


verduras. João Maria de Jesus, tinha uma farfa messe de palavras prudentes, sensatas e amigas, purificava o povo com sua devoção e simplicidade de costumes.

Nos anos 50 foi construída uma pequena capela, junto à fonte d'água onde João Maria de Jesus promovia suas pregações, marcando de fato a história. Nesse local, à época, mesmo os proprietários de terras das imediações, ao passarem montados em seus cavalos prestavam suas homenagens, retirando seus chapéus em sinal de respeito.

O Projeto técnico-arquitetônico do Município de Farol objetiva promover o resgate histórico da tradicional ÁGUA DA FONTE, uma fonte de água natural localizada num bosque situada na comunidade rural da Água da Fonte, localizada há 12 quilômetros da sede urbana da Cidade de Farol (Centro-Oeste do Estado do Paraná) e atrair turistas de todas as cidades da região da Comunidade dos Municípios da Região de Campo Mourão – COMCAM (microrregião 12) e do Paraná como um todo; pois acredita na capacidade e potencial do turismo religioso em converter-se num ponto atrativo de geração de emprego e renda para a comunidade. No local pretende-se implantar uma Capela Ecumênia; Quiosques Cobertos com Churrasqueira para que os turistas possam preparar alimentos ou a administração promover festas e eventos gastronômicos no local, a implantação de um lago para que as pessoas possam realizar batismos religiosos e banharem-se, estruturar a área para estacionamento de veículos, calçamento para tráfego pedestre, portal de entrada com identificação da área e a instalação da rede de energia elétrica, hoje inexistente no local.

DIRNEI DE FÁTIMA GANDOLFI CARDOSO
Prefeita Municipal de Farol - PR

ANEXO II – Foto do Monge João de Maria

Fonte: Secretaria da Cultura – Farol –Pr.

ANEXO III - Imagens do Memorial Água da Fonte



Fonte: Arquivo Pessoal Eva Simone



Fonte: Arquivo Pessoal Eva Simone

ANEXO IV– Roteiro do Curta Metragem**“MEMORIAL ÁGUA DA FONTE”: RELIGIOSIDADE POPULAR E
DEVOÇÃO**

Um roteiro
de
Eva Simone de Oliveira e Michel Kobelinski

Copyright 2020

Eva Simone de Oliveira - Campo Mourão- PR, Avenida Vani Borges de Macedo, 1975, Conjunto Fortunato Perdoncini - CEP: 87307-008

Todos os direitos reservados - Tel.: (044) 99896-3998
E-mail: evasim23hist@gmail.com

Michel Kobelinski - União da Vitória-PR, Rua Joaquim Távora, 1123, Bairro São Bernardo - CEP 84600-376
E-mail: mkobelinski@gmail.com

“MEMORIAL ÁGUA DA FONTE”: RELIGIOSIDADE POPULAR E DEVOÇÃO

FADE IN – FADE OUT:

#1. INT. Letreiro flutuante na cor amarela sob fundo escuro faz homenagem póstuma.

In memoriam Antonio de Oliveira (1954-2016)

#2. INT.EXT. Ouvem-se disparos de câmera fotográfica. O fotógrafo inicia seu trabalho e, ao mesmo tempo, revela-se para os telespectadores. Imagens surgem em diferentes pontos da tela, mesclando cenas estáticas e em movimento. A voz da autora revela quem é e o que pretende:

(VO)

Eu sou Eva Simone de Oliveira, professora e pesquisadora, apaixonada pelo Turismo e pela História. Como educadora eu tenho muitos sonhos. Um deles realiza-se agora, com este curta-metragem voltado para professores, alunos e comunidade.

CORTA PARA O CENTRO DA TELA:

#3. INT. EXT. Ouvem-se passos sobre seixos e sons da natureza. Outra narradora fala para o público, enquanto a câmera desliza sobre a tela que retrata o monge João Maria. Ao fundo, ouve-se trilha sonora com tema religioso:

(VO)

No Sul do Brasil, no início do século XX, a narrativa popular tinha direção. Errantes, desventurados, perambulantes:

João Maria D'Agostini? João Maria de Jesus? José Maria de Santo Agostinho? Ontem e hoje, quantos eremitas vagueiam sem rumo?

CORTA PARA O CENTRO DA TELA:

#4. INT. A câmera desliza sobre a superfície da tela do monge João Maria. A trilha sonora religiosa tem continuidade:

(VO)

Nessas narrativas populares, falar do outro era olhar para a própria intimidade. Era reconhecer no outro a própria condição. No imaginário popular prevalece apenas São João Maria. Todos eles expressam a pobreza enraizada nas entranhas do Brasil; o descaso de poderosos e governantes; a ameaça à ordem social, às leis e à Igreja.

CORTA PARA O CENTRO DA TELA:

#5. INT. A câmera continua a deslizar sobre a superfície da tela do monge João Maria. Igualmente a trilha sonora religiosa é ouvida.

(VO)

E se a Monarquia fez pouco caso de sua presença miserável, a República

aniquilou os seguidores dos novos messias. Os monges, em condição humílima, tais quais seus semelhantes, espalhados pelas brenhas, almejavam em vida a recompensa em morte. Não importavam os laços materiais, mas o conhecimento supremo.

CORTA PARA O CENTRO DA TELA:

#6. INT. A câmera continua seu movimento ao som da mesma trilha sonora:

(VO)

Da escuridão das cavernas traziam saberes sobre a existência humana: dos caminhos a persistência; do sagrado as lições de vida. Tinham a missão de pregar o evangelho, curar e salvar almas. Os problemas dos sertanejos e citadinos amenizavam com pregações, batizados e benzimentos. As orações reconfortavam as almas desesperançadas. Aos descrentes e desdenhosos, previam cenários apocalípticos.

CORTA PARA O CENTRO DA TELA:

#7. INT. Agora a câmera desliza sobre a superfície da tela do monge João Maria num movimento circular, da esquerda para a direita. A trilha sonora não muda:

(VO)

Na espiral da história os monges despertaram admiração e desprezo, misericórdia e zombaria. Seriam eles os portadores de verdades ignoradas há séculos? Porta-vozes do direito à dignidade e à humanidade? Seus caminhos padecem de um profundo esvaziamento. Mas eles são lembrados por uma legião de devotos. Sob seus cajados, fontes d'água viraram substâncias milagrosas. São vertentes de fé e de esperança, esparramadas mundo afora.

CORTA PARA TELA ESCURA:

8#. EXT. Ouvem-se passos sobre seixos e sons da natureza ao fundo. A trilha sonora se modifica, mas o tema religioso continua:

CORTA PARA O CENTRO DA TELA:

9#. Ouvem-se novos disparos de uma câmera fotográfica. Imagens da cidade de Farol-Paraná, do lugar Água da Fonte, do quadro do Monge João Maria e de devotos surgem em voos panorâmicos sobre suas superfícies. Os efeitos usados são os de deslizamentos e zoom in e zoom out. A trilha sonora religiosa tem prosseguimento:

(VO)

Na área rural do município de Farol, no interior paranaense, as narrativas populares celebram o monge João Maria. Como de costume, ele fez da natureza seu abrigo e do olho d'água redenção. A

"Água da Fonte" virou lugar sagrado, lugar de memória e lugar de história; ambiente de purificação. A água se transforma em chá medicinal e o lugar em pia batismal de devotos, moradores e visitantes.

CORTA PARA IMAGEM:

10#. Agora os cliques da câmera fotográfica se concentram no Memorial Água da Fonte do Profeta João Maria de Jesus, no olho d'água, na cava de onde se retira o barro medicinal e nos devotos. As imagens são vistas em voos panorâmicos sobre suas superfícies. Os efeitos aplicados são os de deslizamentos e zoom in e zoom out. Ao fundo, ouve-se a mesma trilha sonora:

(VO)

Do barro primordial se descobriu propriedade regeneradora. Barro e água, ontem e hoje, moldam a religiosidade e a fé popular. João Maria, asceta dos sertões que clamava pela vereda dos suplicantes. Estes rendem-lhe homenagens pelas graças alcançadas.

CORTA PARA IMAGEM:

11#. Novos disparos da câmera fotográfica. Surgem imagens de montanhas nos Estados Unidos, nas quais se refugiou o Monge João Maria. Usam-se os efeitos de deslizamentos sobre imagens e zoom in e zoom out. Segue-se a mesma trilha sonora:

(VO)

Sua voz, serena e humilde, deixou marcas na memória e na paisagem paranaense.

Chamava-se Anastás Marcaf. Dizem que veio da Argentina. A história informa que o monge chegou ao Novo México, nos Estados Unidos. Era Giovanni Maria de Agostini. Vivia numa caverna, na Montanha Sangue de Cristo. Assassinado, foi encontrado com crucifixo, vestindo um cilício como sinal de arrependimento e expiação. Deixou seguidores, que fundaram a Sociedade do Eremita. Hoje, fiéis renovam seu batismo em suas águas sagradas.

CORTA PARA IMAGEM:

12#. A câmera fotográfica não para. A sensação é a de que o fotógrafo quer registrar tudo ao redor. O registro fotográfico revela ao expectador imagens da chaleira do Memorial Água da Fonte, da capela São João Maria Vianney e de seu interior. Elas são vistas em voos panorâmicos sobre suas superfícies. Os efeitos visuais e a trilha sonora são os mesmos:

(VO)

Em Farol, de um sonho aquoso e pétreo surgiu a famosa chaleira. Era a devoção de um pai, simbolizando a cura de seu filho. Nas imediações de um bosque, construiu-se a capela São João Maria Vianney (Padroeiro dos sacerdotes) e um Centro de acolhida para romeiros.

CORTA PARA IMAGEM:

13#. O fotógrafo finaliza seu trabalho. Os últimos registros destacam o Memorial Água da Fonte, o congraçamento festivo, as devoções e o pôr do sol. Os efeitos visuais e sonoros são mantidos:

(VO)

João Maria de Jesus, o monge das águas santas e das curas milagrosas, é reconhecido pelos vínculos históricos, memoriais e afetivos. Reverenciado pelos fiéis, acolhido pela Igreja, adotado pelo município e pelo Estado. Missas, procissões, oferendas e projetos renovam tradições. Os caminhos que outrora percorreu e sua missão terrena o transformaram no monge das gentes do Paraná e das Américas.

CORTA PARA TELA ESCURA:

14#. EXT. Ouvem-se passos sobre seixos, sons da natureza e a trilha sonora religiosa.

CORTA PARA TELA ESCURA:

15#. Surgem os créditos finais.

FIM.